



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**BÁRBARA SANTOS ORNELLAS**

**CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA: O VIRTUAL  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Salvador  
2007

**BÁRBARA SANTOS ORNELLAS**

**CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA: O VIRTUAL  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro**

Salvador  
2007

Biblioteca Anísio Teixeira – Faculdade de Educação / UFBA

O74 Ornellas, Bárbara Santos.

Cibercultura e educação física : o virtual na formação de professores /  
Bárbara Santos Ornellas. – 2007.

111 f.

Orientador: Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de  
Educação, 2007.

1. Professores de educação física - Formação. 2. Professores de Educação  
Física - Efeito das inovações tecnológicas. 3. Internet na educação. I. Leiro,  
Augusto César Rios. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de  
Educação. III. Título.

CDD 370.71 – 22. ed.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**BÁRBARA SANTOS ORNELLAS**

### **CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA: O VIRTUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela seguinte banca  
examinadora:**

**Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro – Orientador** \_\_\_\_\_  
**Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)**  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

**Prof. Dr. Mauro Betti** \_\_\_\_\_  
**Doutor em Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**  
**Universidade Estadual Paulista (UNESP)**

**Profª Drª Lynn Rosalina Gama Alves** \_\_\_\_\_  
**Doutora em Educação e Comunicação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)**  
**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**

**Salvador, 7 de dezembro de 2007**

Dedico esse trabalho às partes mais presentes da minha família: minha mãe, que nos antecedeu na grande viagem final, e meu irmão, fonte permanente de incentivo e inspiração. Sem eles, eu nunca teria dado meus pequenos passos no caminho da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me possibilitar força e coragem para enfrentar os desafios e conseguir vencê-los.

Depois, agradeço à minha família, principalmente meu irmão Sandro Ornellas, que me ajudou muito em todos os aspectos da construção desta dissertação. Ao meu amor, Paulo Roberto, por toda paciência e dedicação nos momentos de construção desta dissertação. E aos meus amigos-irmãos, principalmente Ana Luz, Joana e Flora, pela força nos momentos turbulentos dessa caminhada e demais auxílios técnicos.

Agradeço a meu orientador, professor César Leiro, pelo apoio durante todos os anos em que faço parte da família do grupo MEL. Ao professor Pedro Abib, por toda ajuda que me deu desde antes da entrada no mestrado e até o momento da defesa. À professora Lynn Alves, pelo carinho e estímulo na qualificação.

Agradeço aos pesquisadores que constroem o grupo MEL, pela amizade e companheirismo em diversos momentos dessa caminhada, principalmente a Franciane Simplício, Alex Meneses e Neuber Leite.

Agradeço aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA, principalmente a Cátia, Graça e Valkíria, pela paciência e pelo respeito com que fui tratada em todos os momentos em que precisei de informação e ajuda. Aos funcionários da biblioteca e a Robson da portaria, por todos os auxílios que me concederam em todos os momentos da minha história na FACED.

## **A VIDA E A VIDA**

a vida sempre vence a vida mesmo no intervalo da frase  
febre que conspira contra o presente  
palco para o pensamento mais físico  
o afeto mais íntimo  
a respiração mais ríspida  
a experiência brutal  
nos braços delicados da realidade

a vida sempre vence a vida  
ávida às vezes de alegria pública  
entrelinhas de um livro diabólico  
um texto inacabado  
a vida sempre cresce por fora  
cortando cabeças  
perdendo-se entre alimárias  
soltas sob o teto de tudo

*Sandro Ornellas*

## RESUMO

Trata-se de um estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED/UFBA que discute as perspectivas inauguradas pela invasão da cibercultura no cotidiano dos formandos em Educação Física das duas Universidades mais tradicionais da cidade de Salvador, a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Católica do Salvador. Esta pesquisa expressa como a internet ganhou relevância na Universidade, pela grande circulação de conhecimentos acadêmicos e pela frequência dos formandos no ambiente virtual. Além da análise dos currículos dos cursos citados, foram aplicados e apreciados questionários e entrevistas nos quais se indagou aos sujeitos sobre o uso de pesquisas virtuais nos trabalhos acadêmicos, o que os leva a pesquisar na internet e os *sites* em que eles mais pesquisam. Na internet, conhecimentos e informações são publicados e divulgados, embora ela se mantenha paralela ao desenvolvimento cotidiano do curso de formação. Na atualidade, a cibercultura proporciona mudanças culturais, possibilidades de circulação de todo tipo de produção e acesso à troca de informações instantâneas, pondo à formação do futuro professor o desafio de lidar com o ciberespaço, tão diverso e povoado. Produções sobre o tema “tecnologias contemporâneas e educação” apontam que, apesar de o processo de ensino-aprendizagem não depender da característica *on-line*, quando este se integra aos acontecimentos do mundo contemporâneo, traz uma promessa de melhoria aos processos de aprendizagem. Neste trabalho, são apresentadas e estudadas novas opções de espaço, tempo e interação para uma nova prática pedagógica e para uma nova produção intelectual, divulgação e compartilhamento de conhecimento, em espaços que vão além dos muros da Universidade. A principal finalidade deste trabalho, portanto, é discutir paradigmas e, assim, propor possíveis contribuições aos desafios dos problemas educacionais da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** cibercultura; educação física; formação de professores.

## **ABSTRACT**

This study was developed in the Program of Pos-Graduation in Education of the FACED/UFBA that argues the perspectives inaugurated for the invasion of the cyber culture among the under graduate students in Physical Education of the two more traditional Universities of the city of Salvador, the Universidade Federal da Bahia and the Universidade Católica do Salvador. This research expresses as the Internet gained relevance in the University, for the great circulation of academic knowledge and for the frequency of the students in the virtual environment. Beyond the analysis of the curriculums of the cited courses, it had been applied and appreciated questionnaires and interviews in which it was inquired about the use of virtual research in the academic works, what takes the students to search in the Internet and *sites* where they usually search. In the Internet, knowledge and information are published and divulged, even so it keeps parallel to the development of the graduation course. In the present time, the cyber culture provides cultural changes, possibilities of circulation of all type of production and access to the exchange of instantaneous information, putting to the formation of the future teacher the challenge to deal with cyber space, so diverse and rich. Productions on the subject "contemporary technologies and education" point that, although the teach-learning process does not depend on the characteristic *on-line*, when this integrates to the events of the contemporary world, it brings a promise of improvement to the learning processes. In this work, are presented and studied new options of space, time and interaction for a new pedagogical practice and a new intellectual production, spreading and sharing of knowledge, in spaces that go beyond the walls of the University. The main purpose of this work, therefore, is to give new meanings to paradigms and, thus, to consider possible contributions to the challenges of the educational problems of the present time.

**Key words:** cyber culture; Physical Education; graduation of teachers.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os diferentes tipos de interatividade	41
Quadro 2: Dados obtidos na análise dos questionários	81

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2. LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E CULTURA</b>	17
<b>3. CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	37
<b>4. CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b>	54
<b>5. EXPERIÊNCIAS CIBEREDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	72
5.1    Procedimentos Metodológicos	73
5.2    Questionários em foco.	77
5.3    De olho no ciberespaço	82
5.4    Entrevistados com a palavra	89
<b>6. SINTESES POSSÍVEIS: CIBERCULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b>	94
<b>REFERÊNCIAS</b>	105
<b>ANEXOS</b>	110
I Questionário	110
II Sites analisados	111

## 1. INTRODUÇÃO

Para um acadêmico, não existe responsabilidade maior do que escrever sobre suas pesquisas, ainda mais quando elas fazem parte do seu cotidiano e da sua formação como profissional. Assim, buscar subsídios para entender o processo de formação que fez parte da história de muitos profissionais, além de enriquecedor para todos que se interessam pelo tema, também se torna excitante por descrever uma parte da história de muitos que, um dia, decidiram galgar passos por essa área conflituosa e maravilhosa que é a Educação Física.

Mas a Educação Física não é nem nunca foi sozinha. Seu caminho é todo construído através das diversas ciências que ajudam a escrever as teorias ímpares de uma área multidisciplinar que trabalha com o ser humano de forma completa, abrangendo todas as suas nuances, meios e formas. Para se trabalhar com Educação Física, não basta apenas conhecer a *máquina* corpo, mas todos os aspectos humanos que influenciam sua construção social. Por isso elegemos a cultura como uma das categorias a serem trabalhadas aqui. O corpo deixa transparecer, em todos os momentos, traços da cultura na qual ele está inserido.

Trabalhar com Educação Física, ser um professor, seja em espaços escolares e não escolares, exige conhecimentos e capacidades que um curso superior se propõe a aprofundar e, assim, formar pessoas aptas a lecionar nessa área tão diversa. A formação, por si só, já se mostra, para nós, como complexa, exigindo dos currículos dos cursos superiores uma visão ampla do que ocorre na atualidade, de modo a trabalhar conteúdos que possibilitem uma formação à altura das necessidades contemporâneas.

Por ter vivido, na minha formação, situações em que percebi a grande necessidade da internet para a realização de trabalhos acadêmicos, senti-me estimulada a aprofundar meus estudos na cibercultura e nas suas implicações sociais. Como podemos negar que a tecnologia cada vez mais invade nosso cotidiano, inundando nossas vidas com aparelhos celulares com múltiplas funções, muitas das quais nunca serão utilizadas pelos seus usuários, e a internet, que possibilita conhecer o mundo sem sair de casa.

Muitas pessoas ainda tentam resistir ao fenômeno da cibercultura, mas, se pensarmos bem, até quando conseguiremos resistir? As tecnologias de comunicação que se afirmam na contemporaneidade chegam sem pedir licença e estão, gradativamente, ajudando a estruturar um novo jeito de agir e de pensar. Com isso, a internet propicia a fixação de comunidades inteligentes que atuam de forma significativa no contexto social. Além disso, internet, com sua inserção no meio educacional, proporcionou diversas possibilidades para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem em todos os níveis.

Este trabalho, assim, demonstra sua relevância social ao apresentar as perspectivas inauguradas pela invasão da cibercultura no cotidiano das pessoas, sejam elas estudantes, professores, ou quaisquer outros profissionais. Não podemos mais negar a importância da internet no cotidiano, principalmente quando se trata do cotidiano acadêmico, pois, pela grande circulação de informações no ciberespaço<sup>1</sup>, torna-se incontestável a frequência com que estudantes e professores recorrem a esse universo, em busca de construir novos conhecimentos ou entender os antigos.

Estudar desafios e possibilidades da internet e características do ciberespaço e da cibercultura tornou-se um desafio aos pesquisadores. As características presentes na internet – a velocidade que caracteriza seu caráter dinâmico e toda a variedade de conteúdos presentes no ciberespaço, inclusive as diferenças e semelhanças da internet em relação a outras mídias – fazem com que esse desafio seja ainda mais complexo e estimulante.

Quando problematizou a formação de professores na conjuntura da globalização e buscou compreender o papel da internet como ciberespaço de produção e divulgação de conhecimento em Educação Física é que o presente estudo ganhou potencia investigativa. Pensar, na atualidade, a internet com sua revolução tecnológica, possibilitando a circulação de todo tipo de produção e dando acesso à troca de informações instantânea, põe à formação mais um desafio: o de lidar com esse espaço *ciber* tão interessante e povoado. E foi esse desafio que incitou a construção deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge de interconexão mundial de computadores. (Levy, 1999 a).

Na formulação do problema de pesquisa, houve a busca de dialogar com os sujeitos-formandos em Educação Física, para entender o virtual<sup>2</sup> na sua formação, bem como os conteúdos acadêmicos dos sítios virtuais por eles indicados, bem como o modo como eles pesquisam nos momentos de estudo e a postura que revelam perante essa tecnologia contemporânea. A intenção é de entender como esse público interage com um novo meio de pesquisar, como se utiliza dessa tecnologia, e mais: perceber, no processo de formação, como o meio acadêmico entende a invasão da internet no seu mundo e se isso está repercutido, de alguma forma, nos currículos. Sendo a internet uma mídia de grande acesso no mundo acadêmico, qual seria o significado da internet na vida acadêmica desses estudantes? E, ainda, caso esse papel seja significativo, como o processo de formação profissional lida com essa tecnologia e suas interfaces?

Para percorrer esse caminho, passei por uma estrada com tijolos de diversas áreas, visitando autores que contam um pouco da história do homem, desde a construção da linguagem até a busca incessante pela tecnologia. Categorias como cultura, educação, comunicação e tecnologias contemporâneas alicerçam nossa caminhada e nos dão subsídios para elucidar o nosso problema.

A atual formação profissional pede uma reflexão sobre a realidade contemporânea, e os currículos possuem o papel de ajuda no entendimento do ciberespaço. Elucidar como os currículos preparam os futuros professores para lidar com o ciberespaço pode ajudar a perceber como a cibercultura<sup>3</sup> está envolvida nessa formação, ou seja, como uma nova característica cultural torna-se presente nos processos sociais, nesse caso, principalmente, os educacionais.

Foi atribuído ao capítulo Linguagem, cultura e comunicação descrever conceitos básicos e importantes para a construção do nosso pensamento e serão expressões

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, não nos ateremos ao conceito de virtual, que se mostra tão complexo que inspirou a Levy (1996) a construção de um livro. Usaremos o termo como é conhecido popularmente, que diz respeito às comunicações via internet. Para ilustrar, trazemos Levy (1996), que diz: "virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objecto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização." (p.16) Assim, reafirmamos que, mesmo estando ligado ao conceito popular ou não a expressão virtual é associada à dinamicidade de informações e às transformações incitadas pela contemporaneidade.

<sup>3</sup> "Cibercultura" é um neologismo que traz para nós a idéia de uma nova cultura, um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento da tecnologia informacional (cf. Levy, 1999a).

recorrentes neste trabalho. Iniciaremos, então, destrinchando seu significado e as primordiais ligações entre esses conceitos.

No capítulo seguinte, houve o interesse em relacionar o campo acadêmico da Educação Física e o da Cibercultura, mostrando as relações que existem entre elas e percebendo as influências da cultura. Nesse caso, a cibercultura como área multidisciplinar.

O terceiro capítulo remete a perceber o currículo e a formação de professores como ponto crucial para a postura dos estudantes perante a pesquisa e a área em que irão trabalhar. Analisando teorias que se relacionam com esses temas, alicerçamos nosso caminho de construção de uma teoria que nos permita perceber as relações entre a cibercultura e a formação em Educação Física.

Terminada a parte inicial, buscamos descrever um pouco o caminho trilhado na pesquisa. Assim, o quarto capítulo esclarece os procedimentos metodológicos, delimita a natureza da pesquisa e a opção teórico-metodológica para a construção da pesquisa de campo. Além disso, esse capítulo, denominado de Experiências Cibereducativas em Educação Física, aponta para o detalhamento dos dados colhidos no campo, os relatos dos entrevistados, as características dos sites citados em questionários e as nuances percebidas através dos métodos utilizados nesse cotidiano de pesquisa virtual, sem esquecer de relacionar o que foi colhido em campo com o que foi analisado nas produções acadêmicas que formam a referência deste trabalho.

Finalmente, em busca de uma conclusão, emerge o capítulo final: Sínteses Possíveis: Cibercultura na Formação de Professores em Educação Física. Nesse momento do estudo, procuramos apontar considerações e possibilidades para melhorar a utilização dessa tecnologia no mundo acadêmico e sua inserção como aspecto relevante nos currículos de formação de professores. Não há possibilidades de se ignorar como a internet invade o mundo atual. Assim, cabe a análise dessa invasão no mundo acadêmico, para ajudar a perceber o seu significado na formação de professores.

A perspectiva, na construção deste trabalho, é de que ele possa ser esclarecedor para todos que se interessam por esse tema. Tentamos, em toda a caminhada, instituir nexos entre o que, muitas vezes, pode se mostrar sem nenhuma ligação: o

ciberespaço e a formação de professores em Educação Física. Em nenhum momento vivido para construir este trabalho tivemos a menor dúvida sobre como uma nova forma de cultura influencia mais do que aspectos meramente técnicos da vida cotidiana. Assim, a cibercultura mostra-se como um tear que ajuda a tecer novas teias de costumes, valores e significados, construindo perspectivas profissionais renovadas e trazendo significativas mudanças nas formas de se pesquisar e de estudar.

Pensar conceitos de forma diferente, fazendo conexões para desvendar o que acontece, onde aparentemente nada acontece, é um dos principais desafios deste trabalho. Descobrir os caminhos da pesquisa virtual dos formandos pode até parecer algo que não venha a trazer muitas novidades, quando pensamos em formação de professores. Aos que acreditam nessa possibilidade, está feito o convite para imergir em um texto multifacetado e extremamente conectado como o que a cibercultura produz no nosso cotidiano.

## 2. LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E CULTURA

Em uma breve reflexão sobre o computador, podemos concluir que essa máquina fantástica consegue quase pensar, que articula ações, organiza e traduz linguagens, podendo proporcionar contato com lugares longínquos instantaneamente. Suas tantas e tamanhas tarefas são impressionantes, mas ele não chegou a nós do nada: o ser humano passou por um longo processo de desenvolvimento que nasce junto com a necessidade de comunicação.

A sociedade tem como característica fundamental o comportamento humano e as relações sociais, o que institui diversas formas de linguagem. A linguagem, por sua vez, é o fato social mais genuinamente humano, mais característico de cultura. Liberações sucessivas, como o fato de se tornar bípede, ou seja, liberar as mãos, levaram o ser humano a diversas outras evoluções, tanto anatômicas como motoras, até a estabilização do cérebro em técnicas influenciaram o surgimento da linguagem.

Pensando no primeiro passo para a formação da linguagem, achamos, em Leroi-Gourhan (1990), um paleontólogo, a afirmação de que o ser humano, através da sua evolução anatômica, se torna bípede, evoluindo das mãos livres até o desenvolvimento da linguagem e ao surgimento dos símbolos. Segundo ele, não haveria chances de o ser humano falar se não desenvolvesse a liberdade das suas mãos:

Se o corpo não tivesse mãos, como se formaria nele a voz articulada? A constituição das partes que rodeiam a boca não estaria de acordo com as necessidades da linguagem. O homem, nesse caso, teria sido obrigado a balir, a gritar, a ladrar, a relinchar, a berrar como os bois ou os burros ou a emitir mugidos como os animais selvagens. (LEROI-GOURHAN, 1990, p.40)

Essa não seria uma explicação definitiva para qualquer pessoa que se comprometa a estudar como a linguagem surge, mas serve para elucidar que o corpo e a cultura não podem ser dissociados, em hipótese alguma. Seguindo o raciocínio do mesmo autor, podemos verificar uma série de progressos que permitiram ao cérebro chegar ao estágio atual e a criação do que ele chama de técnicas que serviram para também ajudar na organização de grupos sociais. Quando o humano começa a dominar técnicas de cultivo agrícola, caça e criação de animais, ele passa a ter a necessidade de fixação em um local e, assim, vão se criando organizações sociais.

A diversidade humana, presente nas diversas etnias e culturas, segundo o paleontólogo, vem também de uma característica biológica na qual a chamada vida social seria uma *opção biológica*, a partir do momento em que o ser humano toma consciência do seu domínio material e da sua evolução intelectual. Fazendo o mesmo paralelo que Leroi-Gourhan faz, chegamos à conclusão de que um corpo social é independente do corpo biológico, mas ambos estão completamente ligados. Vemos que, segundo esse autor, a evolução biológica e a cultural são agregadas intimamente. O cérebro humano, em algum momento, parece ter atingido um extremo grau de especialização, e, com ele, produziram-se os avanços técnicos (tecnológicos<sup>4</sup>), que cresceram vertiginosamente.

Tomando as idéias de Rodrigues (1975) como importante marco para a construção do pensamento de cultura, observamos que ele contrapõe o conceito de natureza<sup>5</sup> e de cultura, algo que, mesmo ultrapassado, é relevante ao raciocínio de evolução biológica tratado aqui. Nota-se que a natureza possui a ordem que fez acontecer a era do homem, que fez existir nele o cérebro, ponto culminante das relações de natureza e cultura, pois o cérebro é também a parte da natureza que está submetida às suas leis, e também interfere na cultura, na qual condições orgânicas e sociais se relacionam e regem qualquer comportamento humano (p.19).

A partir do surgimento da organização cultural, o desenvolvimento biológico humano desacelera, e as questões étnicas, culturais, sociais e tecnológicas assumem a responsabilidade da transformação humana, deixando para trás vestígios de uma pré-história aparentemente uniforme e diferenciando mais e mais os humanos. Grupos com afinidades culturais vão se formando e criando costumes sociais e religiosos muito estimulados pela utilização da linguagem.

Vale lembrar que a linguagem, tal como concebida aqui, engloba mais do que a linguagem escrita, abarcando diversas formas de se comunicar. Não que a linguagem escrita não seja importante. Muito pelo contrário, ela revoluciona toda comunicação humana, mas não é a única e nem determina o surgimento e a manutenção das estruturas simbólicas que compõem as culturas.

---

<sup>4</sup> Leroi-Gouhran (1964) afirma que as chamadas tecnologias descendem das técnicas primordiais da evolução humana. Seguindo o raciocínio dele, concluímos que, sem técnicas, nunca chegaríamos às tecnologias contemporâneas.

<sup>5</sup> A “natureza”, tal como esse conceito é trabalhado por Rodrigues (1975), seria encarada como algo somente submetido às leis biológicas.

Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorvem também, inclusive, a linguagem dos surdos mudos, (...) e tantos outros. Enfim, todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão. (SANTAELLA, 1983, p. 11-12)

A linguagem surge, mas qual o estopim para a sua criação? Diversos autores, a exemplo de Leroi-Gouhran (1964), teorizam sobre esse tema, indicando sua origem na “imitação” e nas gesticulações corporais, misturadas a movimentos das cordas vocais, como gritos, berros, etc. Mas, quando se pensa no momento em que se inicia a comunicação humana, há uma limitação relacionada ao raciocínio apenas da fala. Não se pode esquecer que a linguagem abrange uma série de movimentos corporais e outras técnicas, formas utilizadas para se passar uma mensagem a alguém. Apontar um caminho, um sorriso, uma lágrima são formas primordiais de linguagem, mas elas não excluem as hoje ditas como linguagens formais, muitas delas ligadas à escrita, como, por exemplo, a formulação de leis, a escrita de um livro ou a formulação de problemas de matemática.

Muitas vezes, imaginamos que a linguagem ou qualquer técnica criada pelo ser humano deve possuir, atrelada a si, uma técnica de comunicação, como na produção de um jornal, de um programa de televisão, ou até um papel para se escrever um bilhete. Vale ressaltar aqui, para que seja lembrado em todo percurso proposto neste trabalho, que o corpo é um dos mais essenciais instrumentos produtores e difusores de técnicas. Então, mesmo antes de produzir instrumentos capazes de auxiliar na comunicação e na linguagem, os indivíduos trabalhavam com o mais primordial dos instrumentos: seu próprio corpo. A propósito, Mauss (2003) afirma:

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar em instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava de “diversos” desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la. (MAUSS, 2003, p. 407)

Buscando teorias sobre origem da linguagem, deparamo-nos com o filósofo Rosenstock-Huessy (2002), que divide a linguagem em pré-formal, que seria a linguagem dos animais e do ser humano antes da fala articulada, a linguagem

formal, a atual do ser humano, e a linguagem informal dita como desqualificada, que nos remete à linguagem coloquial, na qual também se incluem as gírias. O autor ainda enfatiza que a linguagem formal é a menos natural de todas, isso porque nós, humanos, buscamos, a todo o momento, nas relações sociais, a informalidade e alguma forma de intimidade.

Torna-se claro que há uma escala progressiva de linguagens: primeiramente surge a linguagem pré-formal, depois a formal e em seguida informal, mas vale ressaltar que elas podem coexistir, uma sem ameaçar a existência da outra. Cada forma de linguagem tem sua função social específica, mas nada disso impede que elas se relacionem e exerçam sua função.

A linguagem pré-formal antecede a formal pelo estilo e por ser pobre em elaboração e articulação. Ela seria ela atribuída a animais e aos bebês. Mas isso não tira a sua importância, principalmente porque, sem ela, não haveria linguagem formal, pois, como já dissemos, a evolução vai proporcionando ao ser humano que ele lapide suas técnicas, entre elas a linguagem. Já a informal consegue misturar os dois outros tipos de linguagem, onde se pode utilizar a formal, moldando-a e transformando-a, de forma casual e muitas vezes divertida, e outras vezes até hostil, construindo certa “destruição” da formalidade oral.

Rosenstock-Huessy (2002) mostra que, dentro da criação de organizações sociais, a maternidade foi um grande estimulador do surgimento da linguagem formal, pois a mãe e os bebês, e posteriormente os jovens, precisavam se comunicar. Isso não tira a importância do homem adulto nesse processo; muito pelo contrário, ele aperfeiçoa a linguagem para poder dar continuidade à sua evolução sociocultural, principalmente no que diz respeito ao surgimento de religiões, das leis, da poesia e dos rituais. Assim, todos os indícios apontam para o mesmo caminho: o surgimento de estruturas sociais e culturais atua determinadamente na origem da linguagem.

Seguindo as reflexões elaboradas sobre a linguagem e seus estágios, considera-se a maior obra do ser humano, através da linguagem, a criação dos nomes. Tudo através da linguagem pode ser nomeado e, pensando na linguagem pré-formal, há o entendimento de que ela não é nominal. Segundo Rosenstock-Huessy (2002, p.43) “a linguagem formal desejou ardentemente nomes para que o homem os pudesse ouvir e fosse capaz de falar”, ou seja, para que o ser humano pudesse ter maior entendimento sobre o que se falava. Um dos *nomes* mais interessantes que

utilizamos na linguagem formal ou normativa são os *pronomes*, que indicam algo sem necessariamente precisarmos pronunciar seu nome para sermos entendidos. Como nomear possui tamanha importância para linguagem, podemos chamar os estágios da linguagem também por pré-nominal, nominal e pronominal.

Mesmo a linguagem formal não sendo essencialmente natural, ela vem incentivada por uma necessidade natural de se articular uma comunicação pré-histórica. Rosenstock-Huessy (2002, p.48) fala que “há entre nós uma mudez que espera transformar-se em linguagem”, ou seja, o grupo e a sua sobrevivência dependem diretamente da linguagem, pois ela é essencial para a vida social.

A busca da origem da linguagem nasce da não linguagem, de como o mundo seria se ela não existisse. A fala é necessária para o entendimento entre sujeitos. Quando há uma guerra, por exemplo, a fala é um dos fatores capazes de apaziguar ou acirrar conflitos. A linguagem também pode ser cerceada, ou guardar segredos de culturas, ou ainda constituir estratégias para se vencer uma batalha. Analisar também os “nãos” da linguagem nos faz perceber que muitos desses “nãos” constituem uma interrupção voluntária da linguagem, quando isso se faz necessário.

A partir da linguagem formal, o sujeito se insurge, ou emerge do caos. Essa é uma situação de extrema complexidade, pois instalar-se em um mundo sem linguagem poderia provocar um estado de caos e, assim, o sujeito teria sua vida social completamente aniquilada, desestruturando inclusive a configuração política da sociedade. A linguagem formal desestrutura o caos da não linguagem, proporcionando diversos acontecimentos, principalmente por estabelecer o entendimento de que supostamente ela acabaria guerras e revoltas. Mas, sem sombra de dúvidas, a linguagem estabelece a ordem. Então, sem linguagem, o sujeito viveria envolvido em um caos permanente.

Problemas relacionados à linguagem, ou à falta dela, podem chegar a incitar uma situação de caos, de guerras e revoluções; com o restabelecimento da linguagem, a ordem está propensa a se reconstituir. Uma sociedade tem como base a ordem estabelecida, a substituição do aleatório pelo organizado, assegurando-se, assim, a existência do grupo humano como um grupo, com a organização e a sistematização de rituais, de sentidos, de convenções e de juízo. São normas, valores e convenções que possibilitam, através da linguagem, as relações sociais entre os indivíduos. Com a linguagem, a sociedade realmente se estabelece, pois através

dela formulam-se leis, valores e dogmas, além de que é também através da linguagem que pode haver uma divulgação e também um controle desses solidificadores sociais.

Mas falar não é o mesmo que escrever. Pensar em expressar através de símbolos gráficos o que se diz fez com que o ser humano evoluísse sua técnica de linguagem em mais um estágio. Ramal (2002) faz um pequeno apanhado paleontológico e descreve a evolução da linguagem falada para a escrita, utilizando a cifra de um ano para concluir esse processo. A autora diz que “se a linguagem falada tivesse surgido no dia 1º de janeiro, estaria bem evoluída na época do Natal; a escrita contábil, por sua vez, apareceria no dia 30 de dezembro à noite e a escrita oracional apenas no dia 31 pela manhã” (p.39). Com a escrita rudimentar feita em tábuas de argila, pedras e paredes de cavernas, inaugura-se uma mudança cultural significativa na história da humanidade. Com a escrita, divulgam-se formas de cultura, perpetuam-se conhecimentos de geração em geração e ainda se proporciona maior alicerce para o surgimento de mais técnicas, e, por assim dizer, tecnologias.

A escrita é uma **tecnologia intelectual** que vem auxiliar o trabalho biológico. É como uma nova memória, situada fora do sujeito, é ilimitada. Com ela não é mais necessário reter todos os relatos – este auxiliar cognitivo vem, portanto, relativizar a memória para que a mente humana possa desviar sua atenção consciente para outros recursos e faculdades. (RAMAL, 2002, p.41) (grifo da autora)

A vida em sociedade e as mudanças e diferenciações humanas e técnicas criam uma série de peculiaridades sociais que configuram o que conhecemos como culturas. Conceitos para cultura são inúmeros, e alguns autores, consultados para este trabalho, podem elucidar essa questão. Como já foi dito, a natureza possui a ordem que fez acontecer a era humana, quando a evolução do cérebro diferenciou cada sujeito e eclodiu no ponto culminante das relações de natureza e cultura, e assim iniciam-se as muitas culturas, nas quais as condições orgânicas e sociais se relacionam e regem qualquer comportamento humano (Rodrigues, 1975, p.19).

Reiterando esse pressuposto, Rodrigues (1975, p.10) afirma que “a sociedade não é simplesmente uma coisa, mas uma construção do pensamento, a sociedade é uma entidade provida de sentido e significação”. Portanto, ela traz características dessa organização como a sistematização de rituais, de sentidos, de convenções e de

juízos. São normas, valores e convenções que possibilitam relações sociais entre os indivíduos e que lhes trazem sentidos e significações para sua existência.

Aprofundando na busca de entender o que a cultura significa para o sujeito e a sociedade em que vive, e observando o diálogo que Geertz propõe com a teoria de Weber, observa-se o sentido da afirmação "...o homem é um animal amarrado por teias de significados que ele mesmo teceu; assumo a cultura como sendo essas teias."(p. 15). Para ele, a cultura é semiótica, ou seja, possui uma estreita relação com a simbologia criada pelo ser humano, incluindo sua linguagem e sua teia de significação.

Pensando que o ser humano está intrinsecamente ligado à cultura em que está inserido, ou seja, que ele não pode viver entre as "teias" culturais sem estar entrelaçado nelas, torna-se de extrema importância localizar mais um conceito de cultura e buscar entender como os indivíduos com ela se relacionam. Thompson (1995) diz que a cultura é "também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através de artefatos e que procuram entender a si mesmo e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem." (p. 165). Com isso, Thompson caminha ao encontro dos demais autores na construção de um único conceito de cultura, no qual ela se apresenta como manifestações técnicas e simbólicas do ser humano, que funcionam como forma de significar o homem, e, ainda, gerir o controle sobre ele e a sociedade, sendo um via de mão dupla, pois descreve e, ao mesmo tempo, ressignifica essa descrição.

Outro conceito muito produtivo de cultura e que enriquece essa construção é o proposto por Geertz (1989, p. 56-57), quando ele diz que o ser humano produz costumes, conceitos, tradições e hábitos por uma necessidade de ser gerido por mecanismos de controle. A cultura passa ser mais do que simplesmente a criação de símbolos e expressões humanas, pois ela também atua como forma de controle e orientação da vida social, fato que a natureza não proporciona sozinha. Sendo assim, ele afirma que os símbolos são uma necessidade do ser humano, para que ele se estruture no mundo à sua volta.

Afirmar-se como cultural é ter uma individualidade, mas também é sofrer influências, a todo o momento, de símbolos estabelecidos socialmente. Mesmo possuindo suas diferenciações entre as sociedades, a cultura produz o mesmo efeito nos sujeitos.

De maneira geral, eles se sentem envolvidos por um sistema de significados e símbolos direcionados por arquétipos culturais, a partir dos quais são produzidos forma, ordem, objetivo e direção da sociedade.

Assim como a cultura nos modelou como espécie única – e sem dúvida ainda está nos modelando – assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum – nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido. (GEERTZ, 1989, p. 64).

Para Daólio (1995), “torna-se impossível pensar na natureza humana como exclusivamente biológica e desvinculada da cultura. Pode-se afirmar que a natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo fruto e agente da cultura” (p.35). Relacionando os raciocínios de autores como Daólio, Rodrigues e Leroi-Gourhan, fica claro que a linguagem e seus produtos descrevem um caminho histórico até o surgimento dos símbolos, das etnias e, por assim dizer, das culturas, característica imprescindível para entendermos seres humanos e a sociedade. Seguindo adiante, nota-se que mesmo as tecnologias contemporâneas possuem uma estreita ligação com todo esse processo de incremento social, mas esse ponto será visto mais adiante.

É impossível imaginar o sujeito atual sem cultura. Suas capacidades anatomo-fisiológicas contribuem para sua imensa capacidade de criação e desenvolvimento sociocultural, mas não se pode afirmar que esse é o caráter precursor para o surgimento da cultura. Essa afirmação leva, em diversos momentos, ao raciocínio de que a cultura, uma vez estabelecida em uma sociedade, motiva o seu curso, influenciando o grupo de diversas formas e, sendo assim, suas produções e transformações mostram-se independentes de qualquer desenvolvimento orgânico do homem.

A cultura cria suas próprias formas de apresentar-se socialmente, modificar-se a si mesma e aos sujeitos. Ela passa a ser o meio mais genuíno de expressão humana, e os recursos culturais não são acessórios do pensamento humano, mas ingredientes que colaboram na formação desse pensamento, proporcionando também a evolução humana e assumindo uma simultaneidade na evolução biológica e cultural.

Embora se possa conceber que o simples aumento do número de neurônios pode, por si mesmo, responder plenamente pelo florescimento

da capacidade mental do homem, o fato de o cérebro humano maior e a cultura humana emergirem sincronicamente, e não serialmente, indica que os desenvolvimentos mais recentes na evolução da estrutura nervosa consistem no aparecimento dos mecanismos que tanto permitem a manutenção de áreas dominantes mais complexas como tornam cada vez mais impossível fazer a determinação completa dessas áreas em termos de parâmetros intrínsecos (inatos). (GEERTZ, 1989, p. 97).

Geertz (1989) entra em concordância com pensamento apresentado anteriormente, quando manifesta, na afirmação acima, que o corpo biológico não está depreendido do “corpo” sociocultural, pois eles são interdependentes. Através do corpo biológico, o sujeito percebe e assimila a cultura, além de, também, através dele, transmiti-la. O corpo também se coloca como meio de comunicação, mas pensaremos nisso mais à frente. Seguindo o raciocínio dos *corpos* que se relacionam com o sujeito, pensamos: como a cultura faz o indivíduo perceber o que é o mundo que existe à sua volta? Como, aos olhos de cada um de nós, ela começa a destacar o que há em nosso redor e podemos perceber a sua existência? Em cada sujeito, a cultura atua trazendo significados para o mundo em que ele está inserido; assim, o mundo à sua volta assume um sentido que seria o habitual e o real para ele próprio, mas que, muitas vezes, não é tão bem entendido pelos sujeitos que estão inseridos em outra perspectiva cultural. Significados e nomes são atribuídos aos objetos, e, pelos sentidos e pela interação humana, eles se tornam parte real e inerente do universo.

A cultura constitui a lente específica por meio da qual o homem enxerga o mundo. Por ela, os sentidos humanos adquirem uma coloração especial e o mundo uma fisionomia humana. Por ela o universo deixa de ser algo dependente apenas de programações orgânicas e os sentidos de se deferirem pelas estruturações biológicas dos organismos individuais. Pela cultura, o mundo passa a depender em larga medida das convenções sociais, variáveis de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, de tempo para tempo – o que vale também para os sentidos, por meio dos quais em cada lugar e em cada tempo os homens se relacionam com o mundo. (RODRIGUES, 1991, p.139)

A cultura cria uma lente que faz com que percebamos o mundo através do seu prisma. Muitas vezes percebemos isso, outras não, principalmente porque a cultura é algo tão inerente à nossa existência que se torna difícil pensar o nosso mundo senão através do que ela nos mostra. Os sentidos, os gestos e também o corpo tornam-se, a todo o momento, reféns da cultura em que estamos inseridos.

Pensar no corpo como forma de refletir a cultura traz à tona reflexões de Mauss (2003), quando ele afirma que, mais do que através do que vemos no mundo,

também a partir de gestos corporais podemos muitas vezes distinguir aspectos de uma cultura em que o indivíduo está inserido. Descrevendo formas de sentar à mesa, até características corporais de exércitos em guerra, Mauss (2003) afirma que “toda técnica propriamente dita tem sua forma” (p.403) e, sendo assim, “o mesmo vale para a toda a atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios.” (p. 403). Torna-se claro que Mauss, com o seu chamado “*habitus*”<sup>6</sup>, reafirma que os hábitos aqui ditos são, nesse caso, como nos relacionados diretamente ao corpo e seus processos, e possuem sua origem em significações socioculturais.

Tudo em nós, humanos, é característico de nossa cultura, de nossa corporalidade, do nosso meio social, mesmo sem notarmos. O corpo, no seu cotidiano, demonstra traços da cultura no qual está inserido, classificando, codificando e transformando suas dimensões sensíveis e inteligíveis. Assim, a cultura estabelece limites ao corpo, aos comportamentos individuais e grupais. Então, a forma de o homem lidar com o seu corpo está relacionada a um processo histórico social e cultural.

O corpo exprime, além da sua individualidade, traços referentes ao grupo no qual ele está inserido. O corpo sempre foi um meio de comunicação e, como tal, também sofre pressões para adequar-se socialmente. Ele se mostra como veículo primordial de comunicação, pois através dele surgem as primeiras formas de linguagem, e também é através dele que elas adquirem outro *status* e buscam outras conformações. E, mesmo com todo desenvolvimento técnico do homem, o corpo ainda é um importante meio de comunicação.

Eu não acabaria nunca se quisesse vos mostrar todos os fatos que poderíamos enumerar para demonstrar esse concurso do corpo e dos símbolos morais e intelectuais. Olhem para nós mesmo, nesse momento. Tudo em nós todos é imposto. Estou a conferenciar convosco; vedes isso em minha postura sentada e em minha voz, e me escutais sentados em silêncio. Temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolo de cortesia do exercito, de descortesia na vida corrente. (MAUSS, 2003, p. 407)

---

<sup>6</sup> O conceito de 'habitus' também é tratado pelo sociólogo Pierre Bourdieu e é considerado como constituindo *todas as experiências passadas, matriz de percepções, apreciações e ações. É uma percepção interacionista da sociedade.* O habitus está inerente a cada ator social e, de certa forma, define-o, tal como aos seus gostos e estilo de vida, estando associado a pertença a uma classe social, e tendo de ser ajustado quando existe mobilidade. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Habitus> acesso em 25/11/2007)

O corpo é indicado aqui como meio primordial de comunicação, mas sabemos que, no decorrer da história humana, muitos outros meios de se comunicar foram criados. Qualquer ato comunicacional afirma características socioculturais, qualquer gesto corporal, palavra ou outra forma de linguagem possui, em si, uma lei ou valor cultural. Assim, demonstra-se que, pela comunicação, transmitimos nossa cultura de todas as maneiras, passamos mais do que informações pensadas e articuladas, pois também passamos traços e valores culturais implícitos em nosso comportamento. O distanciamento pedido à comunicação deriva de uma idéia de que a comunicação implica troca e transmissão de informações ou conhecimentos, mas é claro que nessas trocas vão mais do que o que se é pensado ou que se quer passar.

O conceito de cultura que está sendo construído aqui tenta passar que a cultura está incrustada em todo e qualquer ser humano que viva em sociedade e em suas criações. A cultura, segundo Rodrigues (1975), implanta uma irreversível ordem social. Nesse caso, não é importante se a análise se fixa em grupos sociais ricos, pobres, latinos, europeus, africanos ou qualquer outro, pois todos possuem sua forma de organização de idéias, valores e rituais, o que configura, em grande parte, sua cultura. Ela surge socialmente, mas não apaga nem destrói o que já existia, pois ela transforma a realidade em que se desenvolve, e, assim, entendemos que “o homem sente está lidando com um mundo intrinsecamente ordenado, mas essa ordem cultural não se confunde com a ordem natural nem a substitui, ela institui uma nova ordem.” (RODRIGUES, 1975, p.13).

Pensando em definições utilizadas para delinear nossos caminhos, buscamos a perspectiva denominada por Abib (2005, p. 41) como *processos identitários*, um termo que, segundo ele, é mais abrangente e dá maior mobilidade ao conceito de “identidade”, pois envolve processos históricos de reformulação e atualização da cultura. A cultura diferencia-se entre países e nações, mas também segue bem além delas, diferenciando-se entre estados de um mesmo país, entre cidades de um mesmo estado e, muitas vezes, até entre logradouros de uma mesma cidade.

Na sociedade, ocorre uma incessante troca de *formas simbólicas*<sup>7</sup>, o que vai aumentando de velocidade quando se leva em consideração as evoluções técnicas

---

<sup>7</sup> As formas simbólicas são chamadas por Thompson (1995, p.9) de expressões lingüísticas, gestos, ações, obras de arte, etc. Além disso, vale lembrar que todas essas formas simbólicas são manifestações da criação cultural humana.

do homem. Por mais que os meios de comunicação aparentemente não demonstrem aos que os utilizam, há um interesse significativo das mídias nas formas simbólicas, pois elas, desde sua criação e a cada dia mais, produzem e transmitem, em grande escala, características de sistemas de significação, construindo uma nova cultura a todo o momento.

A cultura não pode ser vista como algo que irá acabar, pois ela se mostra em constante transformação e, em diversos momentos, também se mostra como forma de resistência a diversas formas de “colonialismo” que possam existir. Como colonizada e colonizadora, muitas culturas são também impostas na tentativa de se criarem culturas hegemônicas. A ordem citada acima por Rodrigues (1975), contemporaneamente, mostra também como uma cultura se vê inundada e transformada por outra. Segundo Abib (2005), “a cultura aparece aqui como antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar a sua identidade, como para retomar a autonomia sobre seu próprio destino.” (p. 43).

Para ilustrar ainda mais esse processo, é importante discutir os conceitos de *glocalização* e *globalização*, para que possamos, nesse ponto do texto, entender como, na contemporaneidade, as culturas se misturam, sendo que alguns autores, como Canclini (1997), até falam de uma espécie de colonização de uma cultura sobre a outra. O termo *globalização* tem sido bastante utilizado por se referir a uma característica própria dos nossos tempos, definindo-se esse processo muitas vezes como uma homogeneização de pensamentos econômicos, um livre comércio que possibilita um mercado entre países ricos e a maior exclusão dos pobres. Mas a globalização vai além do econômico, pois ela também é política, quando internacionaliza direitos humanos e ainda quando submete politicamente uma nação a outra. E ainda a globalização é cultural quando se nota, no cotidiano, que a conhecida *aldeia global*<sup>8</sup> começa a se expor a uma uniformização de traços culturais. Todas as formas de globalização estão relacionadas, pois uma depende da outra, apesar de, na nossa análise, enfatizaremos a globalização cultural.

---

<sup>8</sup> O Globo que, durante muito tempo, foi considerado muito grande, hoje, através das possibilidades de comunicação, começa a ter suas fronteiras diminuídas, trazendo o conceito de *aldeia global*, cunhado por McLuhan para se referir à televisão na década de 70. Nesse conceito, o mundo seria, na conjuntura atual, pequeno e com características culturais semelhantes em qualquer parte dele.

É um erro pensar-se que a globalização só diz respeito aos grandes sistemas, como a ordem financeira mundial. A globalização não é apenas mais uma coisa que 'anda por aí', remota e afastada do indivíduo. É também um fenômeno 'interior', que influencia aspectos íntimos e pessoais das nossas vidas. (GIDDENS, 2002, p.43)

Assim, a cultura também se mostra como descrição da história de grupos sociais, pois, através de manifestações, rituais, forma de ver o mundo e de comportamentos, podemos entender conceitos referentes a identidades. A cultura não é algo imutável e estático: ela a todo o momento se modifica e se transforma, inspirada pelas interações proporcionadas pela globalização. Mais do que isso, a cultura começa a ser internacionalizada, transnacionalizada. Esse fenômeno não destrói, em hipótese alguma, as culturas "colonizadas"; apenas há uma mistura que, em muitos casos, descaracteriza o que já existia e, em outros, mantém as manifestações anteriores, mas sempre apenas criando uma nova forma organizacional.

Outro fenômeno interage nesse universo de culturas e globalização. Seria o fenômeno da *glocalização*, o que, segundo Gadotti (2000), mostra-se como a fusão entre global e local. Esse raciocínio revela fatos da contemporaneidade como algo que confronta a uniformidade da globalização com a diversidade cultural, e, assim, existiria uma resistência da cultura local para com o que estaria sendo conferido globalmente. Afirmar que não há uma mudança na cultura quando percebemos uma resistência local seria uma ingenuidade. Existe, nesse processo, uma nova forma de se globalizar, em que a cultura local se mescla e se molda com o global. A experiência local de cada grupo social não fica imune ao que é produzido globalmente, mas também não se descaracteriza perdendo totalmente sua peculiaridade cultural.

As tecnologias contemporâneas constituem os recursos tecnológicos inventados pelo homem para potencializar suas habilidades cognitivas, ou até, como já diria Levy (1993), são *tecnologias da inteligência*, que buscam imitar a operação da mente humana, simulando a memória, entre outras características da cognição humana. A Internet enquadra-se nesse conceito, por ser uma tecnologia que potencializa aprendizagem e o contato social, entre outras funções que ela está preparada a exercer.

Essas tecnologias possuem um papel fundamental nos processos citados de globalização e glocalização. Não só elas, mas também os avanços tecnológicos como um todo.

Não se trata, é claro, de retornar às denúncias paranóicas, às concepções conspirativas da história, que acusam a modernização da cultura massiva e cotidiana de ser um instrumento dos poderosos para explorar mais. A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais e os contradiz. Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriar-se delas, com sentidos diferentes: a descoleção e a hibridação não são iguais para os adolescentes populares que vão as casas de *vídeo games* (grifo do autor) e para os de classe média e alta que os têm em suas casas. Os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam. (CANCLINI, 1997, p. 308)

Nesse trecho, Canclini (1997) já antecipa nosso raciocínio para os capítulos que virão, a respeito de como as tecnologias se misturam a um processo de mutação e transformação cultural, não fazendo o que supostamente muitos acreditam, degradando identidades, mas simplesmente agregando mobilidade tecnológica a essa socialização inerente ao ser humano.

Jornais, livros e impressos aumentam de quantidade desde o século XVII e, a partir do século XIX, há uma explosão da produção desses meios, devido ao crescimento expressivo do grau de alfabetização da população. O capitalismo também ajuda nesse desenvolvimento, pois, como veremos mais adiante, os meios de comunicação são impulsionados pelo comércio de informações, atribuindo-se valor ao conhecimento. Assim, de forma nunca vista antes, os meios de comunicação impulsionaram e continuam impulsionando a produção e a troca de formas simbólicas.

A comunicação configura-se primordialmente na geração de diálogos cotidianos, em que grupos de pessoas podem trocar informações de diversos tipos e caráter. Mas, através dos tempos, quebra-se com a principal idéia de conversação, em que o contato direto começa a dar lugar a outras possibilidades de comunicação. Isso, segundo Thompson (1995), “institui uma *ruptura* fundamental entre o produtor e o receptor, de tal modo que os receptores têm relativamente pouca possibilidade de contribuir com o curso e no conteúdo do processo de comunicação” (p. 288), ou

seja, não há um intercâmbio entre quem produz a informação transmitida e quem a consome. Assim, o receptor não pode interagir com o conteúdo, e apenas o absorve.

O impacto causado por isso é de proporções gigantescas e tem seu início em experiências de comunicação durante os séculos. A escrita é uma das principais responsáveis por isso. Antes dela, o receptor e o transmissor teriam de estar frente a frente, pois não havia como se falar algo se não fosse de forma oral. É notável que as formas rudimentares de escrita, como a pictografia, começam a quebrar a necessidade de *co-presença* (THOMPSON, 1995, p. 228), para que pudesse haver comunicação. Diversos autores sugerem as civilizações que teriam sido precursoras da escrita. Neste trabalho, essa discussão torna-se irrelevante, pois nos basta saber que, em diversas partes do mundo, em momentos históricos próximos, desenvolveram-se processos de escrita. Por isso, podemos afirmar que o ser humano, de forma não linear, evoluiu até a escrita, sendo ela incentivada por necessidades sociais.

Com a criação da técnica revolucionária da escrita, o sujeito busca evoluir em suas técnicas, para poder transmitir mais longinquamente seus ideais, suas informações comerciais ou qualquer outro conhecimento, e não somente deixá-los escritos em pedra ou argila, como era feito nos primórdios. Sucedendo à criação da escrita, vem a criação de um papel arcaico, o papiro, no Egito antigo (2600 a C.). Assim, poder-se-ia transportar as informações e, por assim dizer, difundir também a tecnologia do papel. A partir desse ponto, parece que a necessidade de aperfeiçoamento de técnicas para facilitar a comunicação torna-se urgente, pois o papel evolui e também evoluem as maneiras de se gravarem nele as informações.

Daí em diante, técnicas de impressão surgem e aperfeiçoam-se com o passar dos séculos. São tantas as nuances desse processo, que parece ser curto e simples, mas que demorou séculos para se apurar, e se apura até hoje. Para não correr o risco de perder o foco da discussão, apenas ilustramos sua existência e reafirmamos sua importância, para que possamos mostrar a evolução da comunicação durante a história.

Na China as primeiras formas de impressão são desenvolvidas desde o século VII, mas é realmente com Gutenberg, por volta de 1440, que começa a surgir a imprensa em grande escala, o que dá origem ao que conhecemos nos dias atuais. A universalização dessa técnica explica-se, segundo Thompson (1995), por dois

motivos principais: o uso do tipo alfabético e a invenção da prensa para impressão. Logo, por volta de 1450, a impressão começa a ser explorada comercialmente, e daí até a difusão pelos principais centros comerciais da Europa foi um estalo. Já no século XV isso acontece e, assim, inicia-se a era da comunicação de massa.

Mas, por que aqui o termo comunicação de massa é evidenciado? Ele se torna imprescindível a partir do momento em que há uma difusão da informação em larga escala, quando vários indivíduos têm acesso à informação produzida por esse meio de comunicação.

A expressão “massa” deriva do fato de que as mensagens transmitidas pelas indústrias da mídia são geralmente acessíveis a audiências relativamente amplas. Este é, certamente, o caso em alguns setores das indústrias da mídia, e em alguns estágios do desenvolvimento, tais como a circulação massiva da imprensa e das grandes redes de televisão. (THOMPSON, 1995, p. 287)

Nessa afirmação, Thompson deixa bem claro que não são todos os meios de comunicação que podem ser enquadrados como meios de comunicação de massa. Sem dúvida, a internet acaba se configurando como meio de comunicação de massa, não sendo, ao mesmo tempo, um deles, porque, segundo o próprio Thompson (1995), “a comunicação de massa implica, geralmente, uma transmissão de mensagens de mão única, do transmissor para o receptor” (p.288). Com a internet, há possibilidade de se quebrar essa via de mão única, com receptor e transmissor produzindo e recebendo informações simultaneamente. Mas vale lembrar características fundamentais do discurso midiático geral, como a “indissociabilidade entre as esferas de informação, do entretenimento e da publicidade” (PIRES, 2002, p.36), que também se fazem presentes.

Mesmo com tanto potencial, é sabido que, no Brasil, a internet sofre com o processo de exclusão social, sendo o computador, meio pelo qual se pode ter total acesso ao conteúdo do ciberespaço, um item de luxo para a grande maioria da população brasileira. Num país em que até a leitura não é acessível a todos, torna-se quase um ato de magia proporcionar uma educação relacionada às tecnologias contemporâneas. Mas o que observamos, no cotidiano, é uma iniciativa popular para vivenciar o que a cibercultura pode proporcionar, mesmo não sendo exatamente da forma como os educadores almejam.

Não podendo possuir o computador em casa, pessoas com o nível socioeconômico mais baixo não se acomodam perante o processo de desenvolvimento tecnológico. Assim, existe, atualmente, uma disseminação desenfreada das chamadas *lan houses* pelas cidades, principalmente nos bairros populares, onde a população que não pode comprar um computador se rende à necessidade de estar sempre conectada ao mundo virtual e se deixa impregnar pelos aspectos da cibercultura.

A exclusão educacional se articula, no nosso país com profundos mecanismos de discriminação social, racial, sexual e regional. Esse deve ser o plano de fundo de qualquer debate sobre tecnologia. Nessa perspectiva, junto com a incorporação da tecnologia, devemos colocar em questão que modelo de sociedade se pretende construir – o que, por sua vez, está implicado diretamente com o novo ser humano que está se configurando. (RAMAL, 2002, p.68)

É evidente, na afirmação de Ramal (2002), que os aspectos socioeconômicos não podem ser ignorados quando trabalhamos com tecnologias. Mas, mesmo percebendo que, muitas vezes, o processo de desenvolvimento tecnológico pode servir ao mercado capitalista, agravando ainda mais as diferenças econômicas, não há como não ver o potencial de ensino-aprendizagem que este momento pode proporcionar às esferas educacionais. Por isso, há uma necessidade de se reestruturar o ato pedagógico, o lecionar, buscando inserir, na formação, aspectos culturais, ou, por assim dizer, ciberculturais que proporcionem maior inter-relação entre o que acontece no mundo contemporâneo e que não se mostra ainda tão presente no meio acadêmico.

A difusão cultural está intimamente vinculada ao surgimento dos meios de comunicação, pois uma característica essencial desses meios é “a produção e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação.” (THOMPSON, 1995, p.288). Sendo assim, os meios de comunicação, como conhecemos atualmente, são uma forma de difusão e transmissão simbólica, de linguagens, sim, mas também de valores e conceitos culturais.

Assim, a organização social da cultura, como sistema de significação realizado, está embutida em uma série completa de atividades, relações e instituições, das quais apenas algumas são manifestamente “culturais”. Pelo menos para as sociedades modernas, esta é uma utilização teórica mais eficiente do que o sentido de cultura como um modo de vida global. (WILLIAMS, 1992, p. 208)

A cultura, mais do simplesmente se mostrar em suas manifestações já conhecidas, se entrelaça com diversas outras nuances sociais. Ela está implícita nos meios de comunicação, na linguagem oral, escrita ou corporal, na educação formal e na formação profissional. Não se pode pensar em seres humanos e suas atividades e ignorar que a cultura perpassa por todas elas, influenciando, e, muitas vezes, determinando visões de mundo, conteúdos trabalhados e meios de transmissão de informações e conhecimentos.

Não é possível pensar em qualquer um dos conceitos de cultura, comunicação ou linguagem sem ligar uns aos outros, pois eles fazem parte de um mesmo leque de características humanas. Sem linguagem, a cultura não se estabeleceria. Sem linguagem, a comunicação não teria como surgir. Sem cultura, a comunicação seria meramente uma forma de se transmitir informações. Portanto, esses conceitos não podem ser dissociados, uma vez que interagem a todo o momento, e, para compreendermos como o objeto do nosso estudo se coloca, precisamos nos familiarizar com as características de cada um desses conceitos importantes.

Pudemos perceber, em diversos momentos de produção deste texto, que mudanças técnicas (tecnológicas) acarretaram, na história humana, diversas mudanças culturais. Assim, damos o primeiro passo sabendo que, como qualquer outro grande avanço, as tecnologias contemporâneas estão causando – e causarão – muito mais mudanças em diversos âmbitos da sociedade, seja no econômico, no político, no cultural ou no social. Mas vale ressaltar que, sozinhas, as técnicas não fazem nada, pois elas interagem com algo preexistente e recriam, reorganizam, ou ainda reconceituam paradigmas preexistentes.

*As técnicas não determinam nada.* Resultam de longas cadeias intercruzadas de interpretações e requerem, elas mesmas, que sejam interpretadas, conduzidas para novos devires pela subjetividade em atos dos grupos ou dos indivíduos que tomam posse dela. Mas ao definir em parte o ambiente e as restrições materiais da sociedade, ao contribuir para estruturar atividades cognitivas dos coletivos que as utilizam, elas *condicionam* o devir do grande hipertexto<sup>9</sup>. O estado das técnicas influi efetivamente sobre a topologia da megarede cognitiva, sobre o tipo de operações que nelas são executadas, modos de associação que nela se desdobram, as velocidades de transformação e de circulação das representações que dão ritmo a sua perpétua metamorfose. A situação

---

<sup>9</sup> Hipertexto, segundo Levy (1996), é um texto que se opõe ao texto linear, não excluindo desse texto imagens nem sons. “O hipertexto seria constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais, etc.) e de ligação entre esses nós (referências, notas, indicadores, ‘botões’, que efetuam a passagem de um nó a outro).” (p. 44)

técnica inclina, pesa, pode mesmo interditar. (LEVY, 1993, p. 186) (grifo do autor)

Traçar caminhos que passem por um desenvolvimento da técnica humana, que perpassem o sentido da cultura, suas mudanças e importância, e o papel de alguns meios de comunicação, mais especificamente nas tecnologias contemporâneas; isso pode até parecer algo complexo e arriscado. Mas aceitar o desafio e apostar em trilhar o pensamento que desencadeia essa “megarrede” de informações em que vivemos na atualidade é especialmente enriquecedor para os estudos acadêmicos contemporâneos.

Estimular o interesse pela rede, proporcionando o acesso crítico e a construção de conhecimentos coletivos pela internet não aponta uma substituição total de qualquer outra forma comunicacional, pois elas podem conviver, possibilitando relações de troca e construção de conhecimentos ainda mais ricos. Mesmo com a evolução técnica, a história nos aponta que tecnologias comunicacionais que surgem não substituem as anteriores, uma vez que elas se complementam. Vale ressaltar que Levy (1999) lembra que o telefone não impediu que as pessoas se encontrassem pessoalmente e até facilitou esses encontros, proporcionando a comunicação entre pessoas distantes.

Não existe possibilidade de simplesmente desconhecer como se torna fundamental entender como esses conceitos se movem socialmente, como eles se relacionam e se entrecruzam. Trata-se de relações complexas, que irão se mostrar no decorrer do nosso caminho, na construção da nossa caminhada. Entender como a linguagem se constitui e sua evolução até os meios atuais de comunicação, as técnicas evoluindo até as tecnologias contemporâneas e ainda perceber como a cultura pode interagir em todo processo de desenvolvimento humano constituem meios de melhor elucidar toda a discussão que se desenvolverá futuramente.

Estudar e entender conceitos ricos e complementares torna possível o esclarecimento sobre os temas que são tratados mais adiante e, assim, enriquecer a caminhada em direção a um estudo que, apenas aparentemente, não teria muito a ver com tantos temas diversos. Pode-se notar que tudo está interligado quando se busca compreender as produções humanas. Conceitos como cultura e linguagem andam junto ao de tecnologia e, mais ainda, ao de formação de professores. Mais do que estudar apenas o que aparentemente é visto como algo relevante ao tema,

procuramos, nos interstícios, outros conceitos que se mostraram essenciais para entender nexos entre o mundo acadêmico, onde ocorre a formação de professores em Educação Física, e interação da cibercultura nesse processo formativo.

### 3. CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A comunicação de massa se interessa, de certo modo e em virtude de certos meios, pela produção e transmissão das formas simbólicas. A comunicação de massa é, certamente, uma questão de tecnologia, de mecanismos poderosos de produção simbólica, de expressões significativas de vários tipos, que são produzidas, transmitidas e recebidas por meio de tecnologias desenvolvidas pela indústria de mídia.  
(THOMPSON, 1995, p. 167)

Meios de comunicação de massa estão presentes a todo o momento nas nossas vidas, pois, atualmente, a tecnologia produz um extremo e rápido avanço nesses meios, transformando-os de forma nítida. Este capítulo leva o foco ao entendimento de como funcionam os meios de comunicação, levando em consideração que eles influenciam as produções simbólicas e também sofrem influências não apenas delas, mas também de outros aspectos da contemporaneidade.

A necessidade de comunicação tem motivado formas diversas de movimentar informações. Tal procedimento caracteriza-se pela diversidade e simultaneidade da comunicação humana e vem incitando a criação, no decorrer da história, de importantes variações de transmissões de signos e significados, tais como cartas, telegramas, jornal, rádio, televisão, telefone e internet.

Nesse panorama, observa-se uma necessidade interativa de se estabelecerem ligações potenciais entre os sujeitos, de modo a estimular a construção de grandes redes de comunicação. Nessa perspectiva, a internet, atualmente, ganha destaque pelo seu vasto universo de significação e sua amplitude.

Precisando exprimir sensações ou idéias, ou seja, utilizar suas diversas formas de linguagem, o homem instaura um processo de criação e desenvolvimento das capacidades de comunicação. Podemos perceber que os avanços tecnológicos estão cada vez mais rápidos e surpreendentes. A sociedade inclui, em seus significados e símbolos, as diversas maneiras de se comunicar criadas por essas “tecnologias”. Iniciaremos chamando de meios de comunicação às formas de o sujeito se comunicar.

Os meios de comunicação de massa universalizam cada dia mais as informações e, assim, dão continuidade à criação de uma suposta cultura universal, criada pela

escrita. Essa universalização é tão potencializada, nos dias atuais, pelo uso da internet e pela extrema difusão de informações no espaço virtual, que são necessários novos conhecimentos, principalmente referentes à cibercultura<sup>10</sup>, para que se possa interagir com a contemporaneidade.

Na verdade, a mudança tecnológica foi sempre crucial na história da transmissão cultural: ela altera base material, bem como os meios de produção e recepção, dos quais depende o processo de transmissão cultural. O desenvolvimento das novas tecnologias na esfera das telecomunicações e processamento da informação afetou, profundamente, nos últimos anos, as atividades da indústria da mídia em inúmeros campos. (THOMPSON, 1995, p. 266-267)

Ainda para Thompson (1995), o surgimento dos meios de comunicação de massa foi incitado também por uma valoração econômica das formas simbólicas, ou seja, por um valor que estava sendo atribuído ao conhecimento. Essa valoração incide sobre todas as formas de conhecimento, fazendo da comunicação de massa uma forma de poder. Na contemporaneidade, mais do que valorar conhecimentos que surgem espontaneamente, prega-se, de forma intensa, uma cultura de consumo, na qual os meios de comunicação estimulam um prazer simbólico, relacionado com o “ter”. Imputa-se valor ao conhecimento e utiliza-se dele para designar valores a outras coisas que são apenas objetos para o consumo efêmero, pois “Ser culto em uma cidade moderna consiste em saber distinguir entre o que se compra para usar, o que se rememora e o que se goza simbolicamente. Requer viver o sistema social de forma compartimentada.” (CANCLINI, 1997, p. 301)

A internet, como dimensão arrojada de transmissão de conhecimentos e difusão de informações, ocupa um lugar de extrema importância na sociedade contemporânea. Trata-se da mídia mais interativa que existe, através da qual o receptor pode manter um contato direto com o emissor. Mesmo com tanta interatividade no mundo virtual, características como transmissão de informação, predominância de entretenimento e a publicidade estão presentes na internet.

Mesmo sabendo que a internet não surge com o intuito de ser uma mídia de massa, cada vez mais podemos notar, em seu contexto, características de mídias tradicionais, o que não impede que ela mostre o seu caráter revolucionário. Segundo

---

<sup>10</sup> Fenômeno que vem para modificar a cultura de comunicação em todo o planeta, principalmente porque “tende a interconexão geral de informações, máquinas e homens” (LÉVY, 1999a). O termo Cibercultura foi esclarecido na página 14 deste trabalho.

Levy (1999, p.80), a mídia que possui interatividade incontestável é o telefone, pois permite que o receptor e o produtor interajam instantaneamente. Já a televisão prende-se a transmitir um espetáculo passivo. Então, ao pensar sobre a internet, veremos que ela pode proporcionar os dois modelos, tanto a interatividade instantânea como o espetáculo passivo.

A verdadeira ruptura como a pragmática da comunicação instaurada pela escrita não pode estar em cena com o rádio ou a televisão, já que estes instrumentos de difusão em massa não permitem nem uma verdadeira reciprocidade nem interações transversais entre participantes. O contexto global instaurado pelas mídias, em vez de emergir das interações vivas de uma ou mais comunidades, fica de fora do alcance daqueles que dele consomem apenas a recepção passiva, isolada. (LEVY, 1999 a, p. 117)

Mas porque dizemos que a interação da comunicação via internet é a mais interativa de todas as comunicações? A internet consegue, em seu contexto, unir todas as mídias: por ela envia-se uma carta (e-mail), telefona-se (atualmente programas como os *Skipe*<sup>11</sup> fazem ligações para telefones fixos, ou até mesmo programas que fazem conversação entre dois usuários), assistem-se jogos, programações variadas e até podem-se fazer compras. Como não acreditar na extrema interatividade da internet?

Ainda dialogando com Levy (1999), ele classifica os *dispositivos comunicacionais* ou, para facilitar o entendimento, os meios de comunicação, como *um-todos*, *um-um* e *todos-todos*. *Um-todos* corresponde ao fato de um receptor enviar sua mensagem para um grande número de receptores passivos e dispersos, como na televisão. *Um-um* seria o contato de sujeito para sujeito, normalmente proporcionado por telefone ou pelo correio. Porém, na comunicação *todos-todos*, que inicialmente só se mostra possível no mundo virtual, existe uma comunicação entre um comunidade inteira ao mesmo tempo, como, por exemplo, através da conferência eletrônica, ou de lista de discussões em grupo.

E o próprio Levy (1999) insiste: "... nesse ponto porque são os *novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) que são os maiores portadores de mutações culturais* (grifo do autor), e não o fato de que se misture o texto, a imagem e o som, como parece estar subentendido na noção vaga de multimídia" (p. 63). Não se pode deixar

---

<sup>11</sup> Software desenvolvido para permitir ligações telefônicas originadas do computador para telefones fixos ou móveis em qualquer lugar do mundo.

de afirmar que a característica multimídia torna a internet um meio interessante, mas o que se torna mais evidente, para pesquisadores em cibercultura, é que as mudanças culturais sugeridas pelos estudos em cibercultura são impulsionadas pelo caráter multifacetado da mídia do ciberespaço.

As interfaces tecnológicas instituem um espaço de transação, cujo suporte técnico, em processamento constante, proporciona comunicações intermitentes, precisas e ultra-rápidas, numa interação dentre todos e todos e não mais entre um e todos. No ciberespaço, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente distinto. Não é por seus nomes, posições geográficas ou sociais que as pessoas se agregam, mas de acordo com blocos de interesse, numa paisagem comum de sentido e saber. (MORAES, 2001, p.70)

Moraes (2001) assinala como as comunidades se agregam, extrapolando níveis socioculturais e geográficos, praticando uma interatividade típica do ciberespaço, sem uma necessária ordem, como a que ocorre na sociedade, estabelecendo códigos e éticas informais de conduta para a convivência virtual. A cibercultura, assim, mais uma vez, interage na quebra de estruturas culturais, reorganizando sistematicamente as relações da sociedade.

Mudanças sociais da cibercultura, que ocorrem transversalmente, se fazem nítidas através de como se aglomeram as comunidades no ciberespaço e como se transformam as relações de conhecimento na rede. Organizações e comunidades sociais são constituídas ao redor de conhecimento, que une e aglomera pessoas e transforma ainda mais as relações interpessoais no ciberespaço. A interação presente na internet proporciona mais do que a troca de informação e a criação de comunidades: ela potencializa a (re) criação e (re) organização de conhecimentos.

A interatividade é considerada, muitas vezes, como uma hiper-interação, um processo de troca, de comunicação e de interação em que emissor e receptor aumentam sua interação através dos avanços tecnológicos. Esse conceito já foi associado a diversas mídias, mas agora surge nesse processo de cibercultura como mais um incentivo para a construção coletiva de conhecimentos. Esse termo pode ser visto com sinônimo de interação, mas isso seria diminuir as possibilidades de troca de conhecimentos, quando falamos de ciberespaço. Interagir, no ciberespaço, não é uma atitude linear: é cooperativa e pressupõe, mais do que a interação, uma simples conversa pessoal ou por telefone, pois associa a interação aos potenciais do

mundo virtual, onde imagem, som, reciprocidade e outras interfaces criam uma relação social diferenciada e intermediada pela máquina.

Então, a interatividade seria uma mega interação, na qual a interação seria potencializada em suas características por uma comunicação *todos-todos*. Todos interagem com todos, sendo que os papéis de emissor e receptor se confundem; não há mais linearidade na interação, há uma interatividade estimulada pelas tecnologias de comunicação. Não é à toa que esse termo é sempre associado aos estudos sobre novas tecnologias, pois é como se elevássemos a interação à décima potência.

Para qualificar ainda mais a interatividade proporcionada pela internet, reproduzimos a seguir, um quadro em que Levy (1999, p. 83) demonstra os níveis de interatividade dos meios de comunicação mais populares da contemporaneidade.

<b>Relação com a mensagem</b> <b>Dispositivo de comunicação</b>	<b>Mensagem linear não-alterável em tempo real</b>	<b>Interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real</b>	<b>Implicação do participante na mensagem</b>
<b><i>Difusão unilateral</i></b>	Imprensa, rádio, televisão, cinema	- Bancos de dados multimodais. - Hiperdocumentos fixos. - Simulações sem imersão nem possibilidade de modificar o modelo	Videogames com um só participante. Simulações com imersão (simulador de vôo) sem modificação possível do modelo.
<b><i>Diálogo, reciprocidade</i></b>	Correspondência postal entre duas pessoas	- Telefone - Videofone	Diálogos através de mundos virtuais, cibersexo.
<b><i>Diálogo entre vários participantes</i></b>	- Rede de correspondência. Sistema das publicações em uma comunidade de pesquisa. - Correio eletrônico. - Conferências eletrônicas.	- Teleconferência ou videoconferência com vários participantes. - Hiperdocumentos abertos acessíveis on-line, frutos da escrita/leitura de uma comunidade. - Simulações (com possibilidade de atuar sobre o modelo) como suportes de debates de uma comunidade.	- RPG multiusuário no ciberespaço. - Videogame em "realidade virtual" com vários participantes. - Comunicação em mundos virtuais, negociação contínua dos participantes sobre suas imagens e a imagem de sua situação comum.

Fonte: Levy (1999, p. 83)

### **Quadro 1: Os diferentes tipos de interatividade**

Interatividade apresenta-se presente no fenômeno da cibercultura que, não há como negar, se insere fortemente no contexto atual e acentua a aprendizagem, por proporcionar acesso irrestrito a informações e conhecimentos. Estudos como o de Lévy (1999a) responsabilizam o “dilúvio”<sup>12</sup> de informações pelo surgimento do fenômeno da cibercultura, que não pode ser ignorada pelas diversas e constantes transformações que ela vem causando. Num mundo em que a velocidade de informações é algo muito notável, a internet antecipa o futuro, mostrando o seu papel de ampliar os meios que o ser humano tem para se comunicar, reconstruindo as ferramentas tradicionais de linguagem, criando novas possibilidades sensoriais dentro do mundo da comunicação.

Para o mesmo autor, porém, em outro livro intitulado *As Tecnologias da Inteligência*, a internet está revolucionando a comunicação humana tanto quanto a escrita o fez, e, como ela, o desenvolvimento tecnológico. Este, por assim dizer, aumentou o uso da internet e das chamadas tecnologias da inteligência, que proporcionam a criação de significações que se relacionam com as esferas econômicas, sociais, políticas ou culturais. Assim, fica claramente evidenciado que os estudos em cibercultura nos apontam para mudanças socioculturais estimuladas pelas tecnologias.

Como se estabeleceu há tempos nos estudos sobre efeitos da televisão, esses novos recursos tecnológicos não são neutros, nem tampouco onipotentes. Sua simples inovação formal implica mudanças culturais, mas o significado final depende dos usos que lhe atribuem diversos agentes. (CANCLINI, 1997, p. 307)

As tecnologias chegam para trazer mudanças realmente significativas para a sociedade, mas elas não trabalham sozinhas para que isso aconteça: o que realmente estimula transformações é a interação entre o desenvolvimento técnico e sua utilização pelos sujeitos. Ou seja, mesmo a internet demonstrando um grande potencial, de nada irá adiantar se não houver uma tomada de consciência desse potencial e se potencializar, de fato, um investimento em estudos, em pesquisas e na educação, para permitir que o resultado final da inserção natural e inevitável da cibercultura agregue significados importantes para a sociedade.

Com o seu caráter de multimídia, a internet utiliza, em sua linguagem, diversos recursos textuais para transmitir uma informação, divertir, ou simplesmente para

---

<sup>12</sup> Termo de Levy (1999a), utilizado para comparar o dilúvio bíblico com o que acontece com as informações na atualidade.

contribuir na interação de sujeitos. Barreto (2002) fala de uma linguagem que “remete à articulação das linguagens na produção dos sentidos” (p.26), ou seja, através dessa agregação de características de linguagem (imagens, textos, sons, etc.), a internet se mostra como possuidora de um potencial de circulação de informações especialmente atrativo e sedutor.

Com isso, cada dia mais esse meio de comunicação está se afirmando, mais do que pela diversidade e quantidade dos conteúdos disponibilizados, mais do que pelo seu caráter multifacetado, mas, principalmente, pelo seu papel transformador, por quebrar paradigmas culturais de comunicação e de linguagem, reestruturando tudo que se conhecia como técnicas de comunicação. Na rede, articulam-se conhecimentos e, ao mesmo tempo, cria-se uma nova forma de escrita, o hipertexto<sup>13</sup>, que possibilita uma leitura que incentiva, no leitor, um “processo de co-produção de sentido de textos e hipertextos” (XAVIER, 2005). O hipertexto permite um passeio virtual em significados de palavras, em filmes que levam a uma nova forma de entendimento do que estamos lendo, em imagens que nos fazem perceber que ligação com o mundo aquele conteúdo pode ter. A leitura do hipertexto enriquece o tão cotidiano ato de ler.

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre outros formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. É assim o Hipertexto.  
(XAVIER, 2005, p. 172).

Com o hipertexto, ler torna-se descobrir novamente o mundo, pois a leitura pode remeter a tantas outras ações, tantos outros mundos e realidades que a linearidade proposta pela leitura de um livro impresso perde completamente. Assim, a fluidez toma conta do ato de ler, multiplicando as perspectivas de busca conhecimento do navegador. Mas isso não é um fator complicador. Muito pelo contrário, o uso do hipertexto proporciona um fascínio ao leitor, que se vê envolvido por tantos recursos e por uma teia de navegação, na qual ele consegue descobrir mais sobre o tema pesquisado do que ele pensava no início da busca. No contato com o hipertexto, o

---

<sup>13</sup> Trata-se de “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidades.” (XAVIER, 2005, p. 171)

leitor consegue, com a sua pesquisa, criar nexos entre os diversos significados e conhecimentos que circulam o tema inicial de busca.

As tecnologias contemporâneas são fatores presentes na facilidade e na quantidade de dados disponíveis atualmente. Elas ressignificam e incentivam o “dilúvio” de informações, responsável pelo surgimento de um fenômeno cultural de comunicação em todo o planeta, a cibercultura. Aos poucos, a cultura agrega, em suas diversas nuances, aspectos singulares do virtual e do digital, características de mumificação de linguagem, neologismos freqüentes, novas possibilidades de escrita e uma nova e fascinante possibilidade de interação e aprendizado, na qual as diversas identidades circulantes no mundo contemporâneo e a complexidade do mundo atual podem interagir num ambiente extremamente propício, o ciberespaço.

Perceber todas essas novas possibilidades, na vida cotidiana<sup>14</sup>, é fascinante, mas perceber que esse emaranhado de significados invade uma das mais tradicionais instituições sociais, as escolas e universidades, nos causa uma avidez por entender e mergulhar no que essas novas possibilidades podem proporcionar ao meio educacional. E, para enfatizar a perda de um possível tom messiânico, pensemos que essas possibilidades podem ser boas ou ruins, mas que serão sempre possibilidades que geram transformações.

Motivações não faltam. O desenvolvimento do uso das tecnologias contemporâneas no âmbito educacional traz para o educando a possibilidade de desenvolver habilidades na sua formação, sendo que elas estimulam a interatividade e a criação de *inteligências coletivas*, que reformulam os laços sociais e pregam o trabalhar em comum acordo, o ensinar para aprender e o dividir o saber.

Para Levy (1999b), as inteligências coletivas têm como objetivo o “reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas” (p.29). Sendo assim, ele reafirma que o mais importante na estimulação do surgimento de inteligências coletivas é o desenvolvimento das pessoas, quando uma auxilia a outra com troca de conhecimentos, criando conhecimentos comuns. As ferramentas das tecnologias contemporâneas educacionais trazem sempre a idéia de uma produção cooperativa, em que todos criam simultaneamente e em conjunto e onde nenhuma obra pertence a ninguém, e

---

<sup>14</sup> A expressão “vida cotidiana” é inserida aqui para fazer referência a Pais (2003) e será elucidado posteriormente.

sim a um coletivo. Há um parâmetro com o qual Lévy caracteriza a Inteligência Coletiva:

Quem é o outro? É alguém que sabe. E que sabe as coisas que eu não sei. O outro não é mais um ser assustador, ameaçador: como eu, ele ignora bastante e domina alguns conhecimentos. Mas como nossas zonas de inexperiência não se justapõem ele representa uma fonte possível de enriquecimento dos meus próprios saberes. Ele pode aumentar meu potencial de ser, e tanto mais quanto diferir de mim. (LÉVY, 1999b, p. 27).

Conhecer o outro, entender diferenças culturais e estar preparado para viver numa contemporaneidade globalizada, sem tentar sobrepor seus conhecimentos aos do outro, buscando aprender com as diferenças, constituem as principais idéias da teoria nomeada por Lévy (1999b) de Inteligência Coletiva. Essa teoria se enquadra perfeitamente nas idéias que tentam ser construídas nessa pesquisa, articulando identidades, “inter-trans-poli-disciplinaridade”<sup>15</sup> e as tecnologias contemporâneas, ajudando a construir um sistema educacional inovador e compatível com os desafios contemporâneos.

Nota-se, que não basta colocar as tecnologias nas escolas simplesmente proporcionando que os educandos se conectem à internet, para que haja significativas transformações na escola ou na universidade e na relação dos educandos com o conhecimento. Com uma articulação das tecnologias com outros fatores, podemos começar a vislumbrar não uma troca de informações acríticas proporcionada pelas tecnologias, mas, sim, o início de uma ação de reconstrução de conhecimentos e saberes, em que traços dos jovens contemporâneos, as propostas e saberes dos professores e o uso das diferentes tecnologias e linguagens provocam um processo educativo mais interativo e rico na diversidade e na vinculação com as características do mundo atual.

A internet é, hoje, uma mídia de crescente acesso no mundo acadêmico, principalmente pela facilidade de informações que ela proporciona ao pesquisador virtual. Pela liberdade de publicação que ela possui, vários assuntos circulam no ciberespaço indiscriminadamente, influenciando, de diversas formas, os navegadores. Seu discurso, em diversos momentos, também age como o das outras mídias, pela presença de grandes corporações e o incentivo ao consumo.

---

<sup>15</sup> Termo utilizado por Morin (2005, p. 42) para tratar de uma interação entre as disciplinas. Nesse caso ele exagera no termo para tentar demonstrar o quanto seria importante romper as barreiras existentes entre as disciplinas.

A Educação Física, por sua vez, é entendida aqui como “prática sistemática de atividades físicas, desportivas ou lúdicas no âmbito educacional, prática que se encontra em relação dialética com um campo de conhecimentos advindos de diferentes ciências como a Biologia, a Psicologia, a Sociologia, a Biomecânica entre outras” (GONÇALVES, 1994, p. 118). Para abordar mais amplamente e de forma histórica, afirma-se como principal objeto de estudo a cultura corporal. Mas o que viria a ser uma cultura corporal? A cultura corporal é entendida como campo de estudo e intervenção das manifestações e expressões culturais do movimento humano (PEREIRA FILHO, 2005). Outro conceito similar ao de cultura corporal é o de “cultura do movimento, que é a ‘compreensão-do-mundo-pelo-agir’ ou o âmbito do ‘se-movimentar’ como espaço de ação e significação social do movimento humano” (PIRES, 2002, p.26).

Muitas podem ser as definições dessa área do conhecimento, mas algo que está ligado sempre a essas definições é o corpo, o movimento humano. A forma de o homem lidar com o seu corpo está relacionada a um processo histórico, social e cultural. Por isso, o corpo exprime, além da sua individualidade, traços referentes ao grupo social onde está inserido. Um traço importante no estudo de uma cultura corporal é entender como os valores e normas culturais e sociais levam os corpos a se manifestarem dessa ou daquela maneira.

Se é verdade que o homem só existe como natureza e cultura, indissociavelmente unidas e explícitas no corpo, é possível afirmar que qualquer prática que se realize com, sobre e por meio do corpo só se torna compreensível na medida em que explicita uma certa concepção acerca da relação entre estes dois aspectos. (DAÓLIO, 1995, p. 80)

Ao usarmos o conceito de cultura corporal<sup>16</sup>, aqui não há uma pretensão de reforçar o dualismo entre corpo e mente. Na área de Educação Física, há uma discussão sobre o uso da expressão ‘cultura corporal’ e que papel ela teria, pois, se existe uma

---

<sup>16</sup> A primeira utilização desse termo ocorreu no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física*, escrito por um Coletivo de Autores em 1992. Nele, os autores criam esse conceito associado a uma proposta metodológica, dividindo do processo ensino aprendizagem em ciclos e conceituando cultura corporal como englobando os temas constituintes do conhecimento a ser tratado pela educação física escolar, dentre eles o jogo, a ginástica, a luta, a dança, o esporte e outros (Coletivo de Autores, 1992). Zylberberg (2003) afirma que “cultura corporal é expressão utilizada para reportar-se à produção cultural relacionada ao corpo e ao leque de reflexões proporcionadas pelo movimento do corpo que são criados, transmitidos, transformados e institucionalizados pela cultura em que estão inseridos e, ainda influenciados pela mídia. É preciso deixar claro que esse termo não é definido para renomear termos como *Educação Física*, *cultura física*, *cultura esportiva*, *cultura corporal do movimento*, e muito menos dedicar-se a esse tipo de debate” (p.48). Também não nos dedicaremos, neste trabalho, a essa discussão.

cultura corporal, existira uma “cultura mental”. Há, sim, uma opção, pois essa expressão é utilizada em larga escala pelas produções realizadas na área de Educação Física. Mas vale ressaltar que aqui pensaremos na cultura corporal observando o corpo de forma completa, levando em conta os pensamentos de Kunz (2004), segundo os quais, “nesse conceito de corpo o pensar é tão corporal como correr, não podendo, então, haver distinção como muitos pretendem mostrar, ou seja, que atividades lúdicas pertencem a uma ‘cultura corporal’ e a leitura pertence a uma ‘cultura intelectual’” (p.20).

Toda prática corporal executada pelo homem é cultural. Os esportes, os jogos, as danças, entre outras práticas, possuem uma origem cultural, pois são práticas de significação, em que símbolos e expressões humanas estão inseridos. Além disso, o controle do uso do corpo é necessário para a cultura. A socialização é um processo de integração social no qual, na educação e no lazer – que se colocam como base do processo de socialização –, estão incutidos princípios comuns aos membros da sociedade, de forma aberta ou disfarçada, fazendo-os seguir rotinas culturalmente estabelecidas e orientando-os sobre os valores e regras que comandaram seu comportamento em relação ao mundo e à sociedade.

Assim, a socialização, muitas vezes pregada por professores de Educação Física como principal objetivo das aulas, mostra-se como base de um processo de “civilização”.<sup>17</sup> Para Rodrigues (1975), “uma pessoa pode ser considerada socializada quando abre mão da sua autonomia fisiológica em favor do controle social e quando comporta-se a maior parte do tempo como as outras pessoas, seguindo rotinas culturalmente estabelecidas.” (p.32).

As posturas de socialização da Educação Física são influenciadas por sua história, na qual se constata um apelo forte a dogmas militaristas, nos quais, também, a domesticação humana pelo corpo guia os trabalhos, com um cunho higienista. Esses trabalhos corporais eram diferenciados por classes sociais, sendo que as dominantes precisavam de um trabalho especial. A Educação Física se mostra, no seu início e, em alguns casos, até os dias atuais, como mais uma forma de reafirmar a dominação socioeconômica através de um ideal de saúde.

---

<sup>17</sup> “Todo este ‘processo civilizatório’ para dominar e controlar subjetividades acontece em formas de ‘rituais’, pela formação de hábitos. Diferentes tipos de rituais, entre estes os que se destinam a formar atitudes mecânicas e repetitivas (esporte), tem função encobridoras e constituintes de subjetividades acríicas.” (KUNZ, 2004, p. 113).

Depois de tantos anos de acomodação, no início da década de 80, os professores começam a não querer se conformar com os ideais militaristas e higienistas que imperavam como verdades absolutas, e houve um forte conflito que tentou quebrar o conservadorismo impregnado na Educação Física.

A perspectiva de crítica que surge inspira-se em um pensamento político-ideológico marxista, o que leva a Educação Física a se preocupar com problemas sociais e não somente com uma prática voltada para a saúde. Isso causa uma intensa quebra de paradigmas, o que se mostra até os dias atuais, influenciando, inclusive, a formação de professores, de tal forma que existe uma constante discussão sobre a regulamentação profissional e a implementação de diretrizes curriculares para os cursos da área.

A crise epistemológica da Educação Física perdura da época da revolução intelectual até os dias de hoje. Os profissionais se posicionam diferentemente, apontando conflitos não superados presentes na área. Medina (1990) disse que “a Educação Física não é capaz de justificar a si mesma, ou não é capaz de encontrar sua própria identidade. Isso, na verdade, quer dizer que os seus profissionais não são capazes de justificá-la, ou de dar uma identidade pra ela”. Ele não estava enganado. Há quase 25 anos atrás, a Educação Física encontrava-se assim. Atualmente, a situação mudou?

Alcançar uma legitimidade no campo acadêmico ainda é uma luta para os que assumiram o desafio de trabalhar e pesquisar na área da Educação Física. Acreditar na sua cientificidade é um dos principais conflitos mostrados por Bracht (2003). Seguimos o pensamento de Bracht, que afirma ser o essencial da Educação Física o seu cunho pedagógico.

Ainda segundo Bracht (2003), a área de Educação Física não se configura como uma ciência propriamente dita, com objeto claro de estudo, o que criaria os maiores conflitos dentro da própria área do conhecimento.

Um pouco da crise da EF vem daí, do desejo de tornar-se ciência, e da constatação de sua dependência de outras disciplinas científicas (a EF é ‘colonizada’ epistemologicamente por outras disciplinas). Assim, no processo da sua constituição no campo acadêmico, a EF fragmentou-se; as línguas científicas faladas são diferenciadas, específicas. No campo da EF, no que diz respeito à produção do conhecimento científico surgiram os especialistas, não em EF, mas, sim em fisiologia do

exercício, em biomecânica, psicologia do esporte, aprendizagem motora, em sociologia do esporte, etc. (BRACHT, 2003, p. 31)

A crise na Educação Física não é somente de cunho epistemológico, mas, segundo Bracht (2003), tem a ver com “a busca da sua legitimação não pode prescindir de um debate epistemológico” (p.100). Então, não sendo uma área só de conflitos, os consensos também existem. Devemos entender que há uma diversidade de correntes ideológicas na Educação Física e que isso deve ser elucidado aos que se preparam para encarar o mundo profissional nessa área. Assim, eles poderão se posicionar criticamente com referência ao que circula na área, e não simplesmente “consumir” qualquer ideal que lhes for apresentado.

A Educação Física, no ciberespaço, se mostra tão conflituosa como nos livros, e essa diversidade de posicionamentos políticos e teóricos, muitas vezes implícitos em assuntos ligados à área, nos deixa a consciência da necessidade deste estudo, que poderá elucidar como esse fenômeno, que se configura como cultural e midiático, interfere nas relações profissionais e epistemológicas e como isso é tratado no currículo. Não é preciso muita habilidade para se pesquisar na Internet. Mas será que quem pesquisa sabe como selecionar os conhecimentos pertinentes? Não se poderia facilitar, em grande parte, essa convivência com o ciberespaço, se os currículos apontassem para um melhor entendimento sobre mídias, discurso midiático e internet?

Vivemos momentos de profundas mudanças tanto na sociedade quanto na escola, provocadas, entre outros fatores, pelo rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. O professor não é mais o único transmissor de conhecimento. O aluno encontra um conjunto de informações, às vezes de forma muito dispersa, na internet, nas TVs, jornais, entre tantos outros espaços. (ROCHA, 2005, p. 141)

Pesquisar na internet tornou-se um ato cotidiano para aqueles que estudam tecnologias contemporâneas ou não. Basta saber lidar minimamente com um computador conectado e tê-lo à mão para que a pesquisa virtual seja uma das escolhas. Estudantes sentem-se, muitas vezes, contemplados por *sites* de busca – um dos mais conhecidos é o *Google* –, para encontrar qualquer assunto, a qualquer hora do dia ou da noite. Muito pouco parece estar sendo feito para que os estudantes aprendam como selecionar e saber como pesquisar na internet.

A Educação Física, mesmo recheada de conflitos, em todos os seus ambientes de atuação, coloca-se como prática pedagógica. Em todos os momentos, o cunho

pedagógico está presente, seja quando se ensina a executar um exercício, ou quando se trabalha com lazer, ou quando se lecionam conteúdos para uma formação crítica nas universidades, ou se articula taticamente um time de futebol. Todas as diversas atribuições profissionais dadas a um professor de Educação Física envolve o pedagógico.

Mesmo que o profissional abrace uma concepção chamada por Kunz (2004, p.106) de *Biológico-Funcional* e dedique, assim, boa parte do seu tempo de estudo às áreas de saúde, como anatomia, fisiologia ou cinesiologia, ele ainda estará lecionando. Mesmo atividades físicas necessitam de um professor para prescrevê-las e orientá-las. Por isso, a ligação da Educação Física com a formação de professores pode ser feita e entendida.

Para acirrar os conflitos já existentes na Educação Física, entre ser uma ciência da saúde ou uma ciência social, seguimos o raciocínio de Medina (1990): a área precisava mesmo entrar em crise para evoluir. E a crise se estabelece tão fortemente que, mesmo anos depois do seu início, ela ainda permanece, e os meios de comunicação mostram-se também como criadores de estereótipos sobre nossos objetos de estudo e trabalho.

Nossa sociedade, bem como nossa vida, está cada vez mais orientada por conhecimentos oriundos da evolução científica e tecnológica. Essa evolução pode ser percebida justamente sobre uma área que se tem o maior poder de alcance e de influência sobre a maioria das pessoas, que são os meios de comunicação de massa. Casualmente, a grande evolução do esporte moderno, atualmente, deve esta evolução ao progresso científico e tecnológico justamente com a expansão e o avanço alcançado pelos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão. (KUNZ, 2004, p.81)

Há algum tempo, estudos que focalizam assuntos como a mídia já vêm sendo produzidos na área de Educação Física. Betti (1997) escreveu um desses estudos significativos. Ele aponta a quebra de barreiras que existiam entre as disciplinas e focaliza o esporte, estudando esse fenômeno através dos âmbitos político e econômico, além do entendimento do significado cultural dessas mídias relacionadas com a Educação Física. Betti (1997) faz um paralelo entre a mídia mais importante do século XX, que é a televisão, o esporte e seu papel educacional. Aqui, sua asserção aponta a dificuldades de as mídias serem introduzidas no meio educacional:

A introdução das novas tecnologias na formação humana exige um tempo de maturação cultural, que leve a uma correspondência entre o meio, a sensibilidade dos indivíduos e as disposições culturais. Como os hábitos culturais e a sensibilidade de uma população avançam menos rapidamente que as descobertas técnicas ou os imperativos econômicos, acaba por ocorrer que uma nova tecnologia precisa de duas gerações para passar ao estágio de vulgarização. Nesse meio tempo, cada um é "prisioneiro de seus signos", daí a queixa dos mais velhos para com o suposto empobrecimento da capacidade comunicativa das gerações mais novas, e a dificuldade dos educadores em integrar às suas ações a linguagem audiovisual da TV e do computador. (BETTI, 1997, p.262)

Esperar que as gerações se acostumem a lidar com as tecnologias contemporâneas pode não ser a solução ideal para as dificuldades apontadas nesta pesquisa. No momento, a integração dos educadores nesse processo é fundamental, pois o processo de vulgarização da internet ocorre a largos passos e não há o interesse dos grandes grupos midiáticos de que essa mídia se configure como a televisão, que, na atualidade, como próprio Betti (1997) diz, está em muitos lares e influencia em grande escala a visão dos seus espectadores.

No contexto midiático, a Educação Física aparece de diversas formas, acirrando os conflitos epistemológicos inerentes à área, na qual muitas vezes se pode incitar a caracterização de certo perfil de profissional para o mundo do trabalho. Na Internet, pela sua liberdade de publicação, percebemos, em uma breve busca virtual, que estão presentes diversas correntes ideológicas, que expõem suas linhas de pensamento no ciberespaço. No momento de uma busca de *sites* para a pesquisa acadêmica, os estudantes de Educação Física se deparam com uma infinidade de conteúdos que podem estar agindo como informação superficial, ou informação acadêmica. Assim, eles se vêem envolvidos por conteúdos que são, muitas vezes, influenciados pelo capital e pelo consumo, que controlam grande parte da mídia, e isso pode diretamente atuar na sua cultura, nos seus valores e nos seus conhecimentos acadêmicos.

Além de reforçar estereótipos divulgados pelos meios de comunicação, a internet, como mídia em que há uma grande liberdade de publicação, atualmente está inundada com textos em linguagem acadêmica, com conteúdos tratados nos currículos das universidades e, muitas vezes, escritos pelos mesmos autores dos livros utilizados na academia. O pesquisador acadêmico também utiliza cada vez mais as tecnologias contemporâneas, hipertextualizando suas produções. Assim, a

rede<sup>18</sup> se constitui como mais um espaço-tempo de socialização do conhecimento produzido na universidade. Com os avanços tecnológicos, expandem-se as potencialidades de divulgação de conhecimentos e ainda facilita-se o contato com os que produziram esse conhecimento, fortalecendo a internet como espaço de interlocução democrática.

Seres essencialmente interpretantes que somos precisamos conhecer as características e peculiaridades do hipertexto, enquanto economia de escrita/leitura revolucionária, embora não usurpadora absoluta do lugar do livro impresso, para destrinçarmos com algumas competências seus potenciais e reais benefícios aos coletivos sociais dos quais participamos. (XAVIER, 2005, p. 171).

Além disso, a divulgação de conhecimentos acadêmicos pela internet busca motivar o desenvolvimento do uso das tecnologias contemporâneas no âmbito acadêmico, trazendo para o navegador possibilidades de desenvolver conhecimentos pertinentes à sua formação e estimulando a interatividade e a criação de inteligências coletivas. Segundo Levy (1999b), o objetivo o “trabalhar em comum acordo”, e, assim, a expressão “inteligência” deixa de ser somente cognitivo e toma um caráter sociocultural. Sendo assim, ele reafirma que o mais importante, na estimulação do surgimento de inteligências coletivas, é o desenvolvimento das pessoas, pois, quando uma auxilia a outra e há troca de conhecimentos, criam-se conhecimentos comuns.

No caso da Educação Física e da cibercultura, percebemos que, como qualquer sujeito que se prepare para os desafios de uma prática profissional, o professor busca cotidianamente aprimorar conhecimentos e, assim, como profissional, não esquecer sua principal característica, a de educador. Como Ibernón (2005) sugere, é importante, para a formação, que o professor possa se munir de aptidões primordiais para desempenhar a sua profissão, além de não podermos deixar de valorar também a importância de suas experiências de interação social como cruciais na sua formação.

Zylberberg (2003) ocupa-se da “educação da memória”, afirmando haver uma educação estimulada “sobre efeitos das informações que vão sendo registradas

---

<sup>18</sup> Conjunto de meios de comunicação ou de informação que se apresenta como uma rede, criando entrelaçamentos e tramas, pelo intercâmbio de informações.

pelas pessoas com base nas experiências cotidianas, de forma direta e indireta, formando um imaginário indireto”. Concluimos, então, que esse imaginário suscita “a limitação da imaginação individual ao conjunto de imagens pré-fabricadas que a cultura fornece” (p.52). As imagens, sons e outros recursos utilizados na internet para passar informações não podem ter sua importância menosprezada, pois eles vêm contextualizados culturalmente e passam, através dos sentidos, significações.

Há considerações importantes que não podem, de forma alguma, ser omitidas aqui. Na contemporaneidade, o código hegemônico não é só a escrita, nem só a imagem, mas, sim, as suas combinações e interfaces. Atualmente, a internet vem para provar isso, pois a linguagem utilizada nessa mídia interliga todos os códigos e cria uma nova forma de linguagem que invade o meio educacional e o cotidiano de todos nós.

#### 4. CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ao refletir sobre a vida acadêmica, desde a época de escola até níveis de pós-graduação, em todos os momentos, os estudantes sentem-se cobrados a escrever, falar ou se posicionar de acordo com o modelo educacional vigente na instituição em que se estudam. Situações como fazer resenhas ou escrever sobre um autor se mostram, diversas vezes, conflituosas, pois o estudante sente-se pressionado entre expor exatamente suas posições, interpretando conhecimentos, ou caminhar na mesma direção do que ele acredita que seria o ideal para ser aprovado. As instituições educacionais, durante seguidos anos, ensinam a escrever o que querem que os estudantes escrevam, sem revelarem uma postura crítica sobre os conhecimentos também trabalhados em sala de aula.

A maior contradição desse processo está nos cursos de formação de professores. Tal contradição pode ser percebida de forma clara na universidade, na medida em que, mesmo que as pesquisas sobre aprendizagem apontem para o reconhecimento de diversas formas de produção do saber, ainda se observa o professor como único transmissor do conhecimento. Vale pensar que, nesse caso, o estudante de um curso de graduação não é meramente um estudante, pois ele virá a ser, quando já não é, um professor que também pode perpetuar esse modelo de educação, segundo o qual o professor sabe mais que o estudante.

Interpretar, criticar, criar ou até sintetizar, no sentido mais dialético possível, nem sempre é a realidade no meio educacional. Espera-se claramente que todos reflitam uniformemente, pois as visões devem ser partilhadas, e o currículo apenas reforça esses ideais, não deixando brechas para que o estudante, nesse caso, o futuro professor, possa inventar ou descobrir caminhos e alternativas de apreender e de difundir os conhecimentos, o que consideramos essencial numa formação profissional, e especialmente humana.

Um texto possui apenas uma interpretação? Então vamos pensar o mundo. Como seria se todos pensassem e interpretassem tudo igual. Não haveria discordância, e tudo seria a mais perfeita harmonia. Trabalhar na área de educação é e sempre foi um grande desafio. Lidar com diferenças socioculturais se apresenta como um das maiores provocações que os professores na contemporaneidade precisam encarar.

No contexto presente, essas diferenças estão cada vez mais evidenciadas, e o professor tem esse desafio ainda mais claro no seu dia-a-dia escolar.

Dentre as importantes finalidades da Educação, importa registrar a de proporcionar que os educandos, novos cidadãos do terceiro milênio, tenham uma capacidade de articular, religar, contextualizar e situar o conhecimento que constroem na realidade contemporânea. Na atual conjuntura social, o educador se vê envolvido por diversas mudanças culturais e, por assim dizer, identitárias, que modificam a forma de o estudante se expressar, a forma com que ele se coloca socialmente, o que deveria orientar a maneira de se estruturar um currículo.

Essas mudanças culturais tornam o indivíduo mutável, passando por uma série de estágios e transformações. O sujeito se torna o que Hall (1998) chama de moderno, depois de passar por diversos acontecimentos históricos como protestantismo, humanismo, renascença, iluminismo, revoluções científicas, etc., que provocaram mudanças profundas na forma de o ser humano ver o mundo. Assim, suas concepções se modificam, e o sujeito se torna mais racional, acabando por refinar a identidade humana, fazendo-se um sujeito “soberano”, centro do universo e dono de todas as verdades e da razão. Está, ao mesmo tempo, sujeito a elas, suas leis e conseqüências, um indivíduo tradicional, num ambiente onde o dualismo se institucionaliza nas ciências.

A sociedade permanentemente se transforma e, assim, também transforma o sujeito, e ele continua, de modo ininterrupto, a ser influenciado na sua visão de mundo, na forma com que ele, o sujeito, o reconstrói a todo tempo e na conjuntura social, econômica e sua cultura. Com o processo de modificação sociocultural acelerado em que vivemos, existe uma crença generalizada de que acontece atualmente uma desagregação de identidade, na chamada modernidade tardia.<sup>19</sup> Mas Hall (1998) vai além, quando afirma que esse processo é apenas um deslocamento, uma nova maneira de o indivíduo se colocar na sociedade. Diversas mudanças ainda ocorrem, o que faz acreditar que a idéia de uma modernidade tardia incentiva outra forma de sujeito, entrelaçado a acontecimentos complexos e diversos que o envolvem e desencadeiam essas mudanças.

---

<sup>19</sup> Para Hall, seria o que acontece depois que a idéia de sujeito moderno sofre modificações. Para alguns autores, sinônimo de pós-modernidade.

Com as modificações que ocorrem cotidianamente, conflitos são desencadeados quando a noção de identidade dos sujeitos passa a ser contestada por eles mesmos e pela sociedade. Transformações como a não prioridade de uma identidade nacional, ou plenitude de uma identidade imutável, são características da contemporaneidade. A formação de identidades ligadas a grupos sociais ocupa um lugar privilegiado no meio acadêmico e traz consigo a forte idéia de poder e de posicionamento desse sujeito perante as diversas divisões sociais. A força dessas novas formas identitárias e as mudanças sugeridas por diversos movimentos sociais, como o feminismo, se fortalecem e ajudam nessa nova forma de ver o mundo.

Grupos sociais lutam por currículos específicos, disciplinas que falem da história do negro, da mulher, dos imigrantes. Muitas modificações curriculares são propostas a todo tempo, para tentar suprir as necessidades criadas pelas políticas de identidade ligadas à educação. É válida, para esses grupos sociais, a reflexão de que uma reforma do pensamento seria essencial para contextualizar conhecimentos já existentes a essa realidade sociocultural. A relação interdisciplinar pode proporcionar mudanças de forma significativa nas relações entre as diferenças culturais.

Quando há modificações de cultura, o ser humano também se modifica, trazendo para sua identidade conflitos relacionados à própria noção de autoconhecimento, que começa a ser contestada. Uma cultura estabelecida cria uma “realidade” que, muitas vezes, é vista como verdade imutável, mas que, segundo Heidegger (2001), esse real não passa de mera aparência, mesmo muitas vezes tomando a configuração de “certo” e “seguro”.

Presos em alguma noção de “real”, muitas vezes não conseguimos ver mudanças ou outros significados atribuídos por outras visões, por outras culturas, outras identidades. Torna-se difícil, muitas vezes, aceitar e até perceber essas diversas variantes no nosso cotidiano, o que se mostra em instituições criadas por nós, seres humanos, de diversas formas segregadoras e preconceituosas.

Pensar em educação e não ter na mente um modelo socialmente estabelecido de escola é, na verdade, não pensar em educação. Seja esse modelo referente à ensino básico, seja ele referente a um curso de nível superior, todos nós temos em nosso imaginário, na nossa visão de mundo culturalmente estabelecida, a forma como essas instituições de ensino devem se estruturar e o que elas devem cobrar dos seus educandos. Conhecimentos pré-estabelecidos constroem os currículos

com sistemas de significação já constituídos e aceitos socialmente, e que, muitas vezes, dificulta as mudanças socioculturais.

Que papel cumpre para a educação esse modelo? Observando idéias contemporâneas, percebe-se que, em livros, textos, *sites* e até o observado em campo, analisando respostas dos formandos ou revivendo situações vividas no curso de graduação, só se confirma uma verdade da educação: na organização do trabalho pedagógico, há um descompasso entre o que se pesquisa e o que ocorre nas práticas pedagógicas. A manutenção desse modelo não causa o entendimento das razões dessa situação quase inexplicável.

Os conhecimentos que formam o currículo atual possuem uma história que origina as disciplinas, quando acontecimentos históricos criaram a divisão de ciências que conhecemos hoje. Segundo Morin (2005, p.32), há, na atualidade, uma especialização exacerbada, que forma o *reinado dos experts*, ou seja, indivíduos tão especializados, que não conseguem perceber que os problemas não agem independentemente, eles são transversais, multidimensionais e planetários. Os professores de cada disciplina são também influenciados por essa especialização, pois muitos não conseguem enxergar como construir uma efetiva interdisciplinaridade.

Nos currículos de formação de professores em Educação Física, ainda é evidente uma fragmentação de conhecimentos. Essa área, que se mostra multidisciplinar tanto na formação dos seus professores quanto na sua prática cotidiana, limitou-se a separar e restringir os conhecimentos estritamente pertinentes à sua prática educacional, na qual ainda é possível reconhecer dualidades e limitações. A hegemonia dos currículos estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades. Neles, se entrecruzam práticas de significação, de identidade social e de poder. É por isso que o currículo está no centro dos atuais projetos de reforma social e educacional (SILVA, 2003).

Nos currículos dos cursos, de um modo geral, e no da licenciatura em Educação Física, em particular, precisa-se formar o futuro profissional, no caso o professor, para dispor de conhecimentos que fortaleçam continuamente a sua prática profissional, e, assim, construir sínteses e nexos, articulando os conhecimentos científicos com o que está culturalmente estabelecido. A formação não é uma meta,

ela é uma tarefa humana que visa ao domínio do *saber humanamente relevante* (MACEDO, 2005, p.160), o que é essencial à prática pedagógica.

A necessidade de modificações do currículo nos remete às idéias de Morin (2005), pois ele sugere uma ligação dos saberes existentes, uma interdisciplinaridade. Uma verdadeira reforma do conhecimento, que o autor afirma já ter começado, teria como base articular as disciplinas existentes, proporcionando uma real interdisciplinaridade, na qual o ser humano pode ser visto e entendido de forma total, levando-se em consideração suas características biológicas, culturais e até espirituais. A globalização, mesmo propagando a individualização, vista por muitos como um mal atual, traz essa característica de internacionalização dos aspectos sociais e nos faz refletir que nenhum saber é isolado, só se tornando pertinente se ligado ao contexto e a outros saberes.

Assim, o currículo deve ser mais do que uma forma de se ensinar alguma coisa a alguém, pois ele constrói o sujeito, transforma-o. E, nessa transformação, há uma troca constante, na qual a formação também deve intervir na construção do que está no currículo, como em um espiral<sup>20</sup>, ambos se transformando continuamente.

Por isso, é importante ver o currículo não apenas como sendo constituído de “fazer coisas”, mas também vê-lo como “fazendo coisas às pessoas”. O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem de nós. O currículo tem de ser visto em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (aquilo que lê nos faz). Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz. (SILVA, 1995, p.194)

Nos currículos atuais, é evidente a limitação e, em certos casos, o bloqueio do espaço-tempo entre os conhecimentos. As disciplinas trabalham seus assuntos, mas estabelecem poucas ligações entre si e com os conhecimentos que atuam no mundo contemporâneo. Assim, o conceito de currículo que é indicado aqui parece não se mostrar exercendo sua função essencial, a de proporcionar uma formação que vá além do acúmulo de conceitos e conhecimentos, proporcionando uma formação em que o futuro professor, em sua prática, saiba construir conhecimentos, e em que, através do processo de ensino-aprendizagem, haja produção e interação de saberes, uma transdisciplinaridade real.

---

<sup>20</sup> Tal possibilidade, na ambiência da Educação Física, foi inserida pelo Coletivo de Autores (1992), que traz os conhecimentos da cultura corporal interagindo de forma dialética.

Refletindo sobre a escola como instituição social, percebemos que ela é mais um meio de assegurar, assim, a existência do grupo humano, como um grupo que organiza conhecimentos em ciências. Dessa forma, sistematiza sentidos, convenções e juízos. São normas, valores e convenções que possibilitam relações sociais entre os indivíduos. Mas essas normas e convenções estabelecidas estão abertas à produção dialética humana?

Quando analisamos, no ambiente escolar, como as culturas são trabalhadas, vemos que há uma predominância das culturas hegemônicas nos conhecimentos acadêmicos. Apesar de percebemos que, muitas vezes, os educandos se organizam por grupos identitários, a escola ainda não conseguiu se adaptar a essas novas mudanças. Os currículos e os professores não estão preparados para interagir com tamanha complexidade e nem mesmo os cursos de formação de professores parecem ter percebido as mudanças que se mostram a todo o momento.

Na contemporaneidade, há uma grande velocidade e facilidade de comunicação entre os países e as pessoas de diferentes lugares; tem-se uma constante interação entre culturas e identidades culturais e nacionais, formando-se novas identidades globais ligadas, muitas vezes, por interesses em comum, por interesses em movimentos sociais que, em diversas partes do mundo, se organizam e lutam por mudanças políticas baseadas em seus ideais sustentadores.

Quando a análise recai sobre o lócus onde a formação ocorre, é perceptível que, atualmente, os estudantes se organizam prioritariamente por grupos identitários. Assim, os cursos de formação precisam se adequar a essas configurações sociais. Entender as modificações históricas ligadas às muitas manifestações da cultura e fazer delas parte do currículo de formação constitui uma maneira de expandir a possibilidade de transformação do atual cenário educacional e de fundamentar um despertar crítico e, assim, uma capacidade de emancipação social.

A noção de que os estudantes têm histórias diferentes e incorporam experiências, práticas lingüísticas, culturas e talentos diferentes é estrategicamente ignorada dentro da lógica e contabilidade da teoria pedagógica administrativa<sup>21</sup>. (GIROUX, 1997, p.161)

---

<sup>21</sup> Giroux (1997) fala de uma pedagogia administrativa, como aquela que aparece presente nos cursos de formação, em que os futuros professores aprendem uma didática padronizada e tecnocrática e em que as ideologias instrumentais são as predominantes. Todo esse contexto parece tentar afastar os futuros professores de um processo reflexivo e crítico, necessário ao exercício da sua profissão.

Em relação às tecnologias contemporâneas, existe uma enorme diversidade de conteúdos que circulam no *ciberespaço*. Assim, a prática de ensino-aprendizagem poderia e deveria apropriar-se desse meio de comunicação para enriquecer o currículo e entender as mudanças sociais que estão ocorrendo na modernidade tardia. Segundo estudo de Bonilla (2005a), os professores não estão preparados para lidar com as tecnologias contemporâneas, o que reforça o pensamento de Giroux (1997), de que o currículo ainda mantém uma visão meramente técnica, inclusive quando se pensa em tecnologias contemporâneas. Sendo assim, faz-se imprescindível uma busca para fazer dessas tecnologias um novo ambiente educacional, trazendo novas perspectivas de entendimento e vivências culturais para docentes e discentes.

Pensar nas tecnologias contemporâneas que permeiam o meio escolar, muitas vezes, causa um estranhamento e até algumas previsões que falam em substituição do ser humano pela máquina e na falta de políticas públicas capazes de viabilizar melhorias, com problemas para se concretizarem definitivamente os computadores e a cibercultura na escola. O que parece não ser notado é a necessidade de uma profunda quebra de paradigmas para que isso aconteça.

Toda a antiga organização das representações e dos saberes sociais é colocada em xeque, para que venham à tona novos imaginários, novas formas de se relacionar com o conhecimento e novos estilos de regulação social. Porém, não se trata de temer, e sim de assimilar o computador e os diferentes dispositivos que nos ajudam a ver e compreender o mundo de hoje. (RAMAL, 2002, p. 76)

O meio educacional erra em diversos âmbitos, desde no lidar com a linguagem até na forma de organizar os conhecimentos. Inserida na dureza de conceitos e disciplinas, é perceptível como a educação, muitas vezes, se fecha ao desenvolvimento do raciocínio interpretativo, priorizando apenas o acúmulo de conhecimentos e a repetição dos clássicos conceitos. Dessa forma, a educação proporciona um ambiente deficiente, que não estimula a articulação de conhecimentos e não incita a criticidade e a diversidade nos sujeitos que ela forma. Inserir um computador no meio educacional para permanecer com os mesmos métodos é empobrecer a educação e descumprir o papel das diversas possibilidades que essa tecnologia permite.

Mais do que inserir o computador no meio educacional, o que se faz mais necessário é mudar o fazer pedagógico, entendendo como essa tecnologia pode interagir no meio educacional. Além do que Ramal (2002) teoriza, Bonilla (2005b) adverte que, apesar de sofrer influências globais e locais em diversos âmbitos, o meio educacional pode influir em diversos tempos e espaços fora dos seus muros, vivendo numa espécie de dialética de influências, onde, à medida que se abre para ressignificar conceitos e concepções atreladas em seu currículo, os conhecimentos e as tecnologias contemporâneas de comunicação “se impregnam no sistema educacional e todas as outras instituições sociais e políticas.” (BONILLA, 2005b).

Essas colocações reafirmam a tão citada por Morin (2005) *Reforma do Pensamento* e nos fazem perceber, quando associamos os pensamentos desses autores, que essa reforma pode ser estimulada pelo uso das tecnologias contemporâneas na educação. Nas palavras de Morin (2005), encontramos argumentos que afirmam isso.

O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia que é o sistema que se nutre de antagonismos e que simultaneamente, os regula), que respeite a diversidade, ao mesmo tempo em que a unidade, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes. (MORIN, 2005, p. 21)

É essencial a presença de um pensamento orientador, que faça uma ligação entre os conhecimentos, mas que não crie relações de superioridade entre eles, ou que estimule uma especialização demasiada. A transdisciplinaridade torna-se base para a estruturação de um currículo que possa contemplar as diferenças identitárias existentes e que o pensamento organizador seja, acima de tudo, um pensamento complexo, que possa ligar, contextualizar e articular os conhecimentos (MORIN; 2005, p.53 e 54).

Para exemplificar situações nas quais esse contato entre culturas, entre formas diversas de enxergar o mundo, pode engrandecer o processo educacional, nos valem dos estudos de Santomé (1995), que descreve isso de forma clara, em um artigo em que retrata estudantes em contato com realidades culturais, sociais e físicas muito diferentes da suas, incluindo até outros idiomas, diferentes do seu. O autor mostra que esses indivíduos passam a ter “um grau de consciência de sua existência no grupo diferenciado; compreendem que compartilham certa visão de

mundo com seu grupo de iguais e, ao mesmo tempo, que existem outras maneiras de pensar e de ser.” (SANTOMÉ, 1995, p.168).

No momento que levamos o foco para o currículo de formação, é observado que ele toma uma postura de enfatizar a divisão do conhecimento por disciplinas e não prioriza um olhar mais complexo. Os preceitos iluministas e modernos se fazem predominantes na organização da noção científica presente no âmbito da educação. Mas muitos autores defendem que essa forma de enxergar o mundo precisa ser superada, para que possamos atingir um momento de quebra de paradigmas na educação contemporânea.

Compreendo que um dos grandes desafios da educação do professor está na necessidade de se complexificar e multirreferencializar criticamente o conhecimento e sua organização no currículo. Essa assertiva vai ao encontro de uma necessidade mais do que urgente de colocarmos todo conhecimento docente fundado em princípios iluministas sob suspeita. (MACEDO, 2005, p. 165)

O currículo do ensino superior enfrenta problemas quando se refere a formar uma visão sobre as culturas (identidades) e a organização dos conhecimentos, entre estes e os da *cibercultura*, tendo dificuldades em provocar um entendimento melhor sobre o que essa carência pode proporcionar na prática pedagógica desses professores em formação. Em grande parte, esse processo causa uma formação de professores com lacunas, pois os futuros educadores não aprendem a conhecer e a como lidar com um novo contexto sociocultural e nem perceber como essas novas possibilidades de comunicação podem auxiliá-los. Assim, não conseguem se tornar transformadores dos paradigmas existentes no contexto educacional. Adaptar-se e entender essa realidade, segundo Bonilla (2005a), formaria professores que saberiam criar possibilidades inovadoras em relação ao contexto da sociedade contemporânea, professores críticos e transformadores.

Macedo (2005) aponta desafios a serem superados; assim como ele, as idéias de Bonilla (2005b) seguem o mesmo caminho, mostrando como a escola, e por assim dizer todos os âmbitos do meio educacional, ainda não aprenderam a lidar com as mudanças na chamada pós-modernidade, quando diz:

Enquanto a noção de escola é a da modernidade, noção de ordem do mundo fora da escola tende a ser a cosmovisão contemporânea, que já se faz presente em muitos âmbitos da vida, principalmente na vida dos jovens

educandos. Os altos índices de reprovação e evasão escolar tem demonstrado que não existe comunicação entre esse dois mundos e que esta não comunicação, esse não convívio pacífico entre as diferentes noções de ordem é que tem feito com que a escola esteja em crise e que tem levado a enclausurar-se num processo fechado, formalista. (BONILLA, 2005b, p.77 )

O processo de formação de professores cada dia requer maior atenção e estudo, pois o professor possui um papel significativo no contexto social. Pensando no foco específico da Educação Física, vale ressaltar que o corpo, trabalhado de forma extremamente significativa nas aulas de Educação Física, se constitui objeto de estudo, linguagem e experiência vivencial na prática pedagógica para o professor. O corpo reúne em torno de si práxis pedagógica situada em um tempo histórico que retrata um sistema de significações próprio de uma sociedade, sistema pelo qual ele demonstra ideais políticos, sociais e culturais, mesmo sem ter consciência disso.

A diversidade e a amplitude de conhecimentos necessários à formação de professores em Educação Física envolvem as ciências naturais e as humanas. Tal caminhada formativa vem gerando diversos conflitos epistemológicos na área, provocando o que Bracht (2003) chama de um *diálogo de surdos*, quando ninguém consegue se entender, e existe uma diversidade de conhecimentos que aparentemente não se relacionam. Mostram-se hierarquias entre os conhecimentos biológicos e socioculturais, desconsiderando, assim, a relação dialética entre os mesmos e deixando lacunas na formação, que deveria dar subsídios para que o professor pudesse apropriar-se de todos os conhecimentos presentes na área e aumentasse sua qualidade docente.

Vivendo nesse emaranhado de conceitos e conhecimentos estanques, o professor de Educação Física pode ter uma formação que contemple todas as nuances presentes na sua área? Mesmo que haja um necessário aprofundamento em alguma vertente, presente na sua formação, não seria propício que, na sua formação inicial, todos esses saberes se inter-relacionassem e dialogassem entre si?

Estudar e analisar a formação em Educação Física não é uma novidade. Uma coisa parece ser consenso para os que pesquisam nessa área: o professor de Educação Física necessita de uma formação completa, por ser um professor que “lida diretamente com elementos culturais que são constantemente reinventados e produzidos em conjunto da humanidade, é fundamental adotarmos uma posição

crítica e reflexiva sobre os limites da institucionalização da formação profissional.” (PEREIRA FILHO, 2005, p. 48).

A cultura está sempre, a todo o momento, permeando a prática do professor de Educação Física, tanto pelo seu corpo, seus símbolos e significados presentes no indivíduo, como pelas práticas que são habitualmente apropriadas pela Educação Física, como jogos, brincadeiras e esportes, que fazem parte inseparável da cultura humana, tanto rural como urbana. Por isso, deve haver uma preocupação com os aspectos culturais presentes na sua formação, para que ele possa transitar entre os conhecimentos culturais sem hierarquizá-los, ou sem privilegiar um ou outro conhecimento por simples ignorância, ou por seguir conhecimentos privilegiados pelos currículos.

Falando em formação em Educação Física, faz-se necessário refletir sobre as Diretrizes Curriculares do MEC. Segundo essas diretrizes, o profissional, ou, no caso, professor de Educação Física, deve possuir, em sua formação, aptidões referentes a diversas áreas, desde saúde até antropologia e ainda conhecimentos técnicos na área. Mas as diretrizes cometem um erro crucial: a divisão da área em bacharelado e licenciatura, o que fragmenta ainda mais a formação, pois, independentemente do local de trabalho, as relações são pedagógicas, pois envolvem ensinar e lidar diretamente com sujeitos culturais que vivenciam um processo de ensino-aprendizagem.

A Educação Física se caracteriza, historicamente, pelo trabalho pedagógico da docência no campo da cultura corporal, ou seja, a ação pedagógica no trato com o conhecimento da cultura corporal. Em qualquer campo de trabalho, a ação pedagógica é a base da formação acadêmica e do trabalho. Isso nos aponta a necessidade de considerarmos o princípio de estruturação do conhecimento científico no currículo. A docência, entendida como trabalho pedagógico, portanto, a identidade profissional do professor de Educação Física, e isso pode ser verificado pelos fatos quando nos reportamos à ação profissional e identificamos seu sentido, significados, finalidades, meios e métodos ao longo da história. (TAFFAREL e SANTOS JR., 2005, p. 127)

Um fator importante, mostrado no trecho de Taffarel e Santos Jr. (2005), e apontado também por outros autores como Giroux (1997), é o professor como intelectual, pesquisador, pois, na sua formação inicial e continuada, ele deverá produzir conhecimentos sobre sua docência. Assim, ele expandirá sempre mais o seu caráter crítico e, por conseqüência, o seu caráter transformador. Pesquisando, o professor

abandona a característica tecnocrática e operacional que muitas vezes o mercado determina para ele e deixa aflorar a sua atitude de profissional reflexivo.

Assim, percebemos que a formação de professores não pode continuar a ser encarada, como o foi até agora, com uma importância não tão grande quanto a necessária, ou simplesmente como uma formação que necessita mais de alguém que possua um “dom” para o ofício do que um profissional que foi preparado para exercer uma importantíssima função social: a de ensinar.

Imbernón (2005) defende com ímpeto a profissionalização docente. Em diversos momentos, o autor se preocupa em refletir acerca de como o educar se configura como profissão. Lembra que ensinar não remete ao sentido tradicional de profissão, pois o que se defende, na sociologia crítica das profissões, como objetivo, é incompatível com os desígnios democráticos que a profissão de professor necessita. Na concepção tradicional, o professor adquiriu um caráter administrativo, corporativista e funcionalista, mas vale lembrar que o professor é um profissional que trabalha na emancipação de pessoas, tentando torná-las mais críticas perante a conjuntura sociopolítica e econômica na qual estão inseridas.

Para criar um equilíbrio entre assumir-se como profissional e não perder a principal característica de educar, Imbernón (2005), sensatamente, sugere que haja uma atuação para a formação na qual o professor se muna de competências que são necessárias e essenciais para que exerça sua profissão e que não descarte, como base da sua formação, as interações sociais, ou seja, sua experiência.

Quando estudamos a formação de professores, pensamos sempre em um processo que se inicia em sua formação acadêmica e que, muitas vezes, continua durante toda a sua carreira docente. Mas, muitas vezes, esquecemos de pensar que todas as vivências que experienciamos, durante a nossa vida, também influenciam na formação e na prática docente. É sob a influência do pensamento de Josso (2004) que concluímos que o ato de navegar na internet também influencia na formação do professor de Educação Física.

Entender as nuances que as experiências de vida propiciam na formação podem ajudar a “pensar o sensível da formação” (JOSSO, 2004, p.263), ou seja, podem ajudar a procurar, nos relatos, traços culturais e outras características que proporcionam a interpretação e reconstrução de conhecimentos. Faz-se, assim, uma

conexão entre passado, presente e futuro. Estabelecendo nexos entre esses estágios temporais, podemos verdadeiramente alcançar outros conhecimentos que se envolvem na prática docente.

Vale ressaltar que entender esse caminhar ajuda os pesquisadores da formação de professores a perceber os detalhamentos de inúmeras atividades vividas nessa viagem cotidiana e, assim, compreender que o viajante e a viagem são um só, ou seja, o formando trará para sua prática muito do que ele vivenciou na sua vida cotidiana também. Com a metáfora da viagem, Josso (2004), de forma poética, descreve como o professor torna-se o que ele viveu na sua história, e que, de forma alguma, qualquer das suas práticas, inclusive o contato cotidiano com mídias, pode se desvencilhar do seu exercício docente. Pais (2003) também reafirma a metáfora da viagem, quando diz que o interessante é o que é visto na viagem, e que o é visto na rota, e que o interessante é a construção de conhecimentos, observando-se o que é vivenciado no cotidiano, espaço-tempo pouco valorizado nas pesquisas acadêmicas.

O conceito utilizado e construído pela mesma autora de *experiência formadora* nos remete às transformações de aprendizagem comportamentais, afetivas, entre outras que ocorrem durante todo o processo de formação. Nele percebemos a importância de estudar como se dá a formação, buscando, nas experiências cotidianas, diversas formas de subjetividades que caracterizam a identidade desse professor. Assim, nossa afirmação de que o navegar na internet pode contribuir com a formação docente embasa-se ainda mais.

Fixando nosso olhar diretamente na formação em Educação Física, é perceptível que, em sua metodologia, existem diversas lacunas. Elas não se afastam das apontadas neste capítulo e se aproximam também das dificuldades específicas da área. Na Educação Física, conflitos epistemológicos e metodológicos criam uma crise que chega aos cursos de licenciatura e a seus currículos. Surge, assim, a pergunta: que tipo de conhecimento deve estar presente nesses currículos?

Os cursos universitários de formação profissional do professor de Educação Física, na tentativa de formar especialistas do esporte, ensinando a estes profissionais as mais especializadas e evoluídas tecnologias científicas dos esportes, formam, na verdade, indivíduos leigos para o exercício da profissão de professor de Educação Física na maioria das escolas brasileiras. Provavelmente, na escola, nem o aluno, nem o diretor, fará qualquer distinção entre o trabalho prático realizado por esse

profissional com cursos universitário e o de uma pessoa qualquer que goste de ginástica e dos esportes. (KUNZ, 2004, p.83)

Os conhecimentos que o professor deve possuir constituem um ponto de extrema importância na discussão sobre a formação de professores. A profissão de professor deve ter inserida, em sua formação, a idéia de que vivemos em uma sociedade onde as mudanças são notáveis e avançam de forma surpreendente. Para entender e poder trabalhar nesse contexto, o professor deve preparar-se academicamente, mas não pode desprezar a sua experiência sociocultural, a bagagem que adquire em momentos que podem não estar diretamente ligados à sua profissão. Esse professor deve estar preparado para as mudanças que não cessam de ocorrer, e não ser simplesmente um reproduzidor de cultura, um estereótipo comum à profissão.

O professor de Educação Física sofre com os estereótipos. A profissão de Educação Física, muitas vezes, é vista como algo com importância secundária, exatamente por lidar com práticas corporais e com o mal compreendido direito ao lazer que estão no convívio cotidiano da população em geral. O universo pedagógico da Educação Física vai além das aparências, da opinião corriqueira sobre futebol, das práticas esportivas e do brincar de amarelinha. Trata-se de fazer educativo que tematiza os conhecimentos a serem tratados pela Educação Física (o jogo, a ginástica, a luta, a dança, o esporte e outros), associando-os a uma proposta metodológica coerente.

Tudo, em nosso corpo, todos os nossos sentidos estão intimamente envolvidos na nossa apreensão de cultura. Para o professor de Educação Física, deve ser claro que todo e qualquer movimento desenvolvido em suas atividades pedagógicas possui aspectos culturais, valores e símbolos que são trabalhados em suas aulas, de forma consciente ou inconsciente. Essa característica não pode ser ignorada na sua formação, pois a cultura corporal<sup>22</sup> se estabelece como um traço extremamente forte em todas as formas de cultura e linguagem.

“Símbolo” é a palavra-chave que ajudaria a resolver todas essas questões. O corpo, os gestos, as práticas corporais devem ser interpretados e decifrados, mais ou menos como se decifram os símbolos do inconsciente – pois desde cedo aprendemos a absorvê-los de modo tão inconsciente como aquele pelo qual absorvemos as regras do idioma que falamos. Uma reflexão especial seria necessária, se desejássemos tornar consciente a gramática do discurso corporal, pois não a divisamos automaticamente – mais ou menos como o olho não consegue espontaneamente enxergar-se

---

<sup>22</sup> Objeto de estudo da Educação Física já foi discutido no capítulo anterior deste estudo.

a si mesmo. Em conseqüência, temo-la como garantida e estabelecida. Não é por esta razão, aliás, que recorremos a gestos quando não sabemos a língua de nosso interlocutor, supondo que formem uma linguagem geral? (RODRIGUES, 1991, p. 145)

Pensando que o professor de Educação Física, tal como qualquer ser humano, está intrinsecamente ligado à cultura em que está inserido, torna-se de extrema importância retornarmos ao conceito de cultura e buscar entender como os indivíduos se relacionam com ela. O corpo traz em si diversos aspectos culturais e, assim, o professor de Educação Física, que lida com o corpo, está mais do que propenso ao que a cultura impregna nos sujeitos.

Todo movimento corporal do ser humano é cultural; e é adquirido quando o corpo incorpora o 'mundo', quando o sujeito se socializa. Movimentar-se é ver o mundo por meio do corpo, é comunicar-se com o mundo através de movimentos. A relação do corpo com ele próprio vincula o eu com o mundo, e faz do corpo simultaneamente tocante e tocado. Assim, o corpo produz significantes e significados, e, aberto a experiências, ele se abre a novas significações, absorvendo significados culturais. (GONÇALVES, 1994, p. 39 a 71)

A cultura constrói mapas comportamentais que, segundo Rodrigues (1975) mostra, são criados quando se vive em sociedade, através de diálogo entre representações sociais e o comportamento humano, com um influenciando o outro e traduzindo-se em uma linguagem comportamental. O sistema de significação e representação faz parte do indivíduo desde que ele nasce, como um processo de civilização e socialização. Então, a forma de o homem lidar com o seu corpo e com o mundo está relacionada a um processo histórico, social e cultural. Por isso, o corpo exprime, além da sua individualidade, traços referentes ao grupo no qual ele está inserido. O corpo sempre foi forma de linguagem, e ele está passando informações a todo o momento, em qualquer lugar, inclusive em sala de aula.

Para a Educação Física, o ideal seria articular o gesto corporal e a palavra, harmonizando o ser humano, e, assim, através da sua prática pedagógica, superar o dualismo de corpo e alma, presente na nossa cultura, e perceber que o corpo e a mente do homem se fundem na percepção do mundo através dos sentidos. Eles são um só. A atividade corporal não é algo mecânico: ela brota da cultura humana e a Educação Física não pode ignorar isso.

A educação é um processo penoso na civilização ocidental, que custa ao homem uma tremenda repressão corporal, e o esporte é um dos poucos campos em que se legitimaram socialmente as manifestações de excitação e prazer, e a vivência simbólica da luta com outro homem. Contudo, tal vivência só é plena na vivência prática do esporte. (BETTI, 1997, p.267)

Através da linguagem corporal, o indivíduo expressa pensamentos, sentimentos, história pessoal, traços e valores socioculturais, e o professor de Educação Física, em sua prática pedagógica e através dos seus métodos e conteúdos, explicita um código ético para suas relações sociais cotidianas. A Educação Física pode, através de um esforço educativo, trabalhar na construção histórica de um mundo mais humano, em que o sujeito participe criativamente da vida, buscando alcançar uma prática de liberdade e, assim, melhorar as condições sociais.

Idéias de intelectuais como Morin (2005) e Ibernón (2005) nos remetem às mudanças socioculturais e, por assim dizer, também tecnológicas, que acontecem no cotidiano, afloram sem pedir licença no âmbito escolar, demandando do professor uma preparação para lidar com esses novos desafios. A efetiva formação circula em diversos âmbitos da vida do professor, nos quais ele aprimora seus conhecimentos, associando os acadêmicos e os não-acadêmicos.

O currículo de uma faculdade de Educação Física deveria servir como referencial básico para a formação do futuro profissional, incluindo as disciplinas fundamentais consideradas de forma dinâmica e flexível. Isso significaria um currículo aberto às constantes transformações e à evolução do conhecimento científico e pedagógico voltado a arte e a ciência do movimento humano. (MEDINA, 1990, p. 87)

Salvo os desenvolvimentos teóricos ocorridos desde a época da escrita desse texto, Medina (1990) acerta quando diz que o currículo tem de ser aberto, não podendo ser imaleável ou imutável. A principal característica de um bom currículo é que “o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz.” (SILVA, 2003, p. 27).

Por isso a necessidade de interação do currículo com o que ocorre no cotidiano, com as transformações culturais de forma mais ampla, sejam elas tecnológicas, identitárias ou quaisquer outras. Ainda mais quando tratamos de um currículo que formará um profissional com tamanha responsabilidade social como o professor, que

intervirá diretamente na formação de pessoas, influenciando valores e significados culturais.

Apontamos o conceito trazido por Lima Jr. e Pretto (2005), que pensam o *currículo como hipertexto*. Baseados em uma lógica hipertextual, os autores sugerem um currículo no qual a multirreferencialidade esteja sempre presente e ele assuma uma função de *interface* “sendo elemento estratégico para pensar a mobilização de todos os envolvidos com a produção e difusão do conhecimento.” (p.209). Nesse currículo, há uma fluidez e uma interatividade notável, que proporciona diversas possibilidades de aprendizagem e construção do conhecimento. Assim, contemplaria as pendências sociais e do próprio meio acadêmico.

O currículo torna-se um meio estratégico para a produção coletiva de conhecimento e, nesse sentido, a organização dos materiais pedagógicos precisa, também ela, deixar de ser linear, concentrada de fora vertical de transmissão de informações. Ao contrário, nessa perspectiva, o currículo passa a ser organizado de forma a se constituir num espaço “multirreferencial de aprendizagem”, onde múltiplas abordagens são possíveis e resultados de diferentes acordos entre os agentes atuando sobre eles mesmos. (LIMA JR. E PRETTO, 2005, p. 209)

A idéia de quebra de linearidade das disciplinas parece novamente, nessa teoria, a perspectiva *ciber* de quebrar a idéia de linearidade, porque o hipertexto não é linear, e o próprio ciberespaço não é linear, mas, mesmo possuindo uma característica aparentemente desorganizada, ele consegue se configurar como um rico espaço de produção de conhecimentos e de aprendizagem. A abordagem utilizada nesse trabalho nos traz a idéia de novas compreensões epistemológicas e novas percepções de diversidade cultural e de trato com os saberes pertinentes à formação.

Uma nova ordem (ou desordem!) somente é possível com as tecnologias digitais e com a generalização das informações e da comunicação. É importante salientar que, para o desenvolvimento do currículo como hipertexto, não basta, simplesmente, modificar os paradigmas ou substituir um paradigma por outro. É, provavelmente, a ausência de paradigmas que se faz necessária. (LIMA JR. e PRETTO, 2005, p. 212)

Portanto, pensamos aqui um currículo que quebra com a estrutura de currículo como conhecemos atualmente, a dita grade curricular. Quando pensamos em tecnologias contemporâneas que intervêm no currículo, não cabe a idéia de algo que acompanhe o pensamento formador das atuais disciplinas, as tradicionais. Há uma

urgência de reestruturação, de uma quebra na hierarquia das disciplinas, e, assim, criar, no currículo, uma estrutura de geração de um pensamento coletivo, no qual pessoas possam vivenciar uma educação plural, que abra possibilidades inúmeras à diversidade das culturas e à construção de conhecimentos que consigam interagir nesse dinâmico mundo heterogêneo.

## 5. EXPERIÊNCIAS CIBEREDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Já é passado o tempo em que a escola e a universidade eram as mais formais e respeitadas fontes de conhecimentos. Atualmente, há uma gama de situações que possibilitam a qualquer pessoa adquirir conhecimentos por outras fontes. A internet movimenta esse processo, possibilitando um meio de comunicação que divulga diversas formas de saber a qualquer um que possa ter acesso ao seu ciberespaço.

Esse processo vem fragilizando ainda mais a educação, pois, segundo Alves e Nova (2002), o objetivo da educação era “prover os alunos do *saber* acumulado pela sociedade”. Segundo as mesmas autoras, esse saber era a sistematização das ciências e suas descobertas, que se mostravam como acabadas e fundamentais. Na velocidade com que as informações chegam às pessoas, com os avanços tecnológicos que permitiram a evolução da ciência, e até com volatilidade dos conhecimentos, percebemos a instalação de uma crise da educação tradicional, que se mostra cada dia mais insolúvel e grave.

A transdisciplinaridade, a flexibilização dos currículos e a quebra de alguns paradigmas que já apontamos neste trabalho, ainda presentes no dia-a-dia educacional, podem ajudar a minimizar essa crise, que é agravada a cada dia pela velocidade de informações que circulam em mídias como a internet. Uma formação profissional que prepara o professor pra os desafios da contemporaneidade torna-se urgente e fundamental.

Mais do que aprender conteúdos, há uma necessidade de poder relacioná-los a conceitos aprendidos, para, assim, exercer melhor o nosso papel na sociedade. Nossa formação escolar e, mais ainda, universitária nos ensina a separar os objetos de seu contexto, as disciplinas uma das outras, para não ter de relacioná-las. A separação e a fragmentação das disciplinas são incapazes de captar “o que está tecido em conjunto”, isto é, o complexo, segundo o sentido original do termo (MORIN, 2005, p. 18).

Ainda segundo idéias de Morin (2005), a transdisciplinaridade cria uma riqueza essencial nos currículos escolares. Trabalhar de forma transdisciplinar proporciona ligações entre as disciplinas que formam o currículo, fazendo, assim, com que se

“unifique o que é múltiplo, que se elimine tudo aquilo que traz desordem ou contradições ao nosso entendimento” (MORIN, 2005, p. 18). Analisar currículos é uma tarefa difícil por si só. Nesse caminho, tornou-se um desafio ainda mais difícil tentar analisar os currículos selecionados através de depoimentos dos estudantes.

### **5.1 Procedimentos Metodológicos.**

Investigar algo de tanta complexidade – objetos relacionados como a internet e sua cibercultura – nos coloca à busca de um procedimento metodológico de pesquisa que consiga perceber as minúcias da relação entre uma ação extremamente sutil, e, muitas vezes, feita de forma despretensiosa, como é a pesquisa no ciberespaço. Além disso, analisar o currículo, encarando essa forma de se apreender o conhecimento torna ainda mais complexo o estudo a ser feito.

O caminho a se trilhar nessa metodologia é chamado por Pais (2003, p. 32 e 33) de *vadiar sociológico*, no qual essa Sociologia do Cotidiano é uma viagem e não um porto. Deve-se, com ela, aprender a observar os detalhes, tentando ao máximo não desprezar qualquer pequeno aspecto que se apresente. O esforço de teorizar parece, assim, indissociável da prática de pesquisa, quando tentamos nos liberar de um *habitus científico* que se expressa muito em normas e em afirmações que se tornam verdades absolutas.

A perspectiva multicêntrica e descentrada é a característica desse método, em que se tenta entender processos que a cotidianidade traz para as micro e macroestruturas socioculturais, observando com um olhar “anárquico”, ou seja, olhando tudo por diferentes ângulos, em função de diferentes interesses teóricos e empíricos. Essa perspectiva se fundamenta nas brechas dos saberes consolidados que nos trazem possibilidades criativas, e em que se busca uma reelaboração e uma renovação da forma de pesquisar, de olhar o objeto.

Ao trilhar a rota dos pesquisadores que fazem da internet um importante ambiente de pesquisa – no presente estudo, os formandos em Educação Física – torna-se de fundamental importância o desvendamento do caminho que os leva até o ambiente do ciberespaço. Por considerar isso, parte da pesquisa é dedicada a conhecer os *sites* indicados como preferidos dos formandos.

Além da escolha teórico-metodológica, a opção da perspectiva qualitativa nos é indicada pela complexidade social e cultural do tema, em que reflexões sobre o ser humano exigem análise de significados implícitos nos dados levantados. Este trabalho atribui como seu foco os interstícios da pesquisa, o que está ocorrendo, mas nem sempre é percebido pelos que estão vivenciando o processo. Isso remete o pesquisador à importância da escolha, nesse processo metodológico em que o modo de olhar e a linguagem tornam-se um só. Traços e significantes culturais tomam uma importância essencial, por dizerem muito do que ocorre em um grupo social.

Buscar inspirações nessa metodologia faz a pesquisa dar atenção ao campo e entrar em contato com o ponto de vista do outro, o entrevistado, para, só assim, interpretar as informações levantadas. Caminhamos nessa metodologia, optando por levantamento e análise documental, dos currículos das duas instituições escolhidas, a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Católica do Salvador, tomando como principal objetivo observar a existência ou não de disciplinas que possam tratar do tema internet e (ou) *cibercultura*.

Ao lado do levantamento documental, foram desenvolvidos e aplicados questionários e entrevistas. Nosso campo de análise foram os cursos de Educação Física mais antigos do estado da Bahia, o da Universidade Federal da Bahia, fundado em 1988, e o curso da Universidade Católica do Salvador, o primeiro do estado, fundado em 1973. Os sujeitos escolhidos foram formandos dos semestres 2006.2 e 2007.1, e a escolha por esse público se deve ao fato de esses estudantes estarem no limiar entre a formação e a prática pedagógica, cursando o último estágio do curso e também vivenciando os desafios de um mercado de trabalho diversificado, como o da área de Educação Física.

Foram aplicados questionários como forma de aproximação profissional das práticas de acesso do grupo em questão e para formar um perfil desses sujeitos. Dados como *sites* mais acessados e a existência, ou não, de conteúdos de mídia e cibercultura no currículo foram investigados. A partir do que foi exposto nos questionários, foram selecionados oito entrevistados, quatro de cada universidade, utilizando-se como critério o interesse e disponibilidade para a pesquisa, formando-se um grupo para o qual houve o direcionamento de perguntas mais específicas sobre os meios e caminhos percorridos no acesso à internet. Outro critério

importante levado em consideração para a escolha dos entrevistados diz respeito ao processo como cada um desenvolve uma relação com o objeto pesquisado, demonstrado em respostas ao questionário aplicado.

Vale sempre destacar que a escolha de uma metodologia de pesquisa está diretamente relacionada ao desenvolvimento do trabalho. Torna-se necessário que o pesquisador crie as condições para que seu objeto seja estudado da forma mais coerente, ressaltando-se a importância da troca contínua entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Além disso, toda a escrita está posicionada para considerar a rotina e o caminhar como importantes na formação vivida pelos professores e nas mudanças culturais em que a contemporaneidade está envolvida.

Portanto, ao delimitar os procedimentos metodológicos, houve uma preocupação em desenvolver matrizes teórico-metodológico para o trabalho. Atualmente, navegar no ciberespaço já não exige um conhecimento profundo de informática, ou muitas habilidades, como um dia já exigiu, pois os computadores se tornaram auto-explicativos: basta clicar nos botões corretos e escolher as operações que se deseja executar. As relações entre seres humanos e computadores estão mais amistosas; programas, aplicativos, *hiperlinks* e outras ferramentas facilitam as conexões e as pesquisas. Basta uma palavra para fazer aparecerem milhares de possibilidades de conteúdos, mesmo havendo critérios para a busca.

Pensando nessa facilidade, entendemos que o ato de navegar tem se tornado, cada vez mais, parte do cotidiano acadêmico e, assim, sofrido constantes influências do contexto, influenciando, também, inclusive as opções metodológicas, as rotinas de estudo e de pesquisa e de construção do conhecimento em que está inserido o currículo e mundo acadêmico. Encontramos a chamada Sociologia do Cotidiano (PAIS, 2003), mostrada como um método que pode proporcionar um melhor desvendamento do objeto da pesquisa.

Tal sociologia nos ensina que a rotina, que é o que se passa no cotidiano, nos traz, na etimologia do termo, a idéia de rota, de caminho, de percurso. Entender a rotina dos pesquisados pelo ciberespaço é passear pela paisagem social, onde se procura “os significantes mais do que significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido em um sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos.” (PAIS, 2003, p.29). A sociologia do cotidiano busca perceber os saberes que são

vistos como aparentes banalidades, presentes nessa rota, buscando ressignificações nos meandros dessa rotina, no que acontece quando e onde aparentemente nada acontece.

Pensa-se a Sociologia do Cotidiano como uma perspectiva metodológica que passeia às margens das normas e leis que ordenam os grandes quadros teóricos. Essa metodologia se preocupa em não enquadrar o objeto em moldes preparados com antecedência, buscando, ao contrário, moldar-se a ele, entendendo-o. No cotidiano, a rotina toma configurações conscientes e inconscientes. Busca-se, pois, nas banalidades do dia-a-dia, ressignificações importantes, pensando na *forma* como os fatos se revelam e no *como* os interrogar e não somente nos fatos como são *em si*. O cotidiano é encarado como parte do social, onde conflitos, tensões e ideologias são vivenciados e evidenciados, e a Sociologia do Cotidiano busca abrir brechas para assim entender o que se constrói em momentos onde, aparentemente, nada de novo ocorre.

Por observar “o que se passa quando aparentemente nada se passa” (PAIS, 2003, p.46), esta pesquisa dedicou-se, através de entrevistas orais, a observar, nas respostas mais espontâneas, fatos que podem ter sido ofuscados nas respostas dos questionários. Com esse método, os sujeitos discutem abertamente o tema e, assim, possuem mais liberdade de se expor, mostrando afinidades e conflitos ligados ao tema. Mapear dados através das entrevistas orais baseadas em um roteiro de perguntas semi-estruturadas mostra-se como o objetivo desse procedimento, que procura desvendar os interstícios existentes em uma pesquisa feita na internet, buscando, assim, conhecer as rotas que os formandos constroem nessa sua relação com a cibercultura.

A escolha do grupo diversificado para entrevistas tenta apreender a diversidade de realidades presentes na Educação Física, abdicando da idéia de que exista uma única realidade única e eterna. Para melhor desvendamento dos saberes que estão na relação entre o ciberespaço e o currículo, entendemos que não podemos nos prender a simples constatações dos dados. A interpretação dos dados toma forma e significado através de narratividade dos sujeitos, através da qual eles descrevem como é construída a sua pesquisa virtual.

Para Pais (2003), existem saberes no cotidiano que são importantes para qualquer análise que possa ser feita, e que, muitas vezes, são esquecidos ou considerados

pouco importantes, por fazerem parte de uma rotina. Quando são ouvidos os discursos dos entrevistados, há uma opção por valorizar o que ocorre na rotina de pesquisa na internet. A elaboração por parte do entrevistado demonstra melhor os traços de como seu cotidiano virtual interage na sua formação acadêmica e nos traz interpretações mais complexas. Sendo assim, a fala na pesquisa relatará, entenderá e passará por esse discurso do entrevistado.

Através do que foi revelado nas respostas, foi possível perceber o potencial revelador dos enigmas<sup>23</sup>, pois, como a rota do pesquisador não foi pré-estabelecida, pôde-se observar o que está subentendido nas falas, o que vai além das teorias. Segundo Pais (2003, p.62), os enigmas são como negativos fotográficos, pois permitem ao pesquisador, através dos “escuros”, descobrir os “claros da realidade”.

Assim, a metodologia delimitou atividades que relacionaram a análise bibliográfica e os resultados da pesquisa de campo, para entender esse conhecimento descrito pelos entrevistados como conhecimento pertinente academicamente. Definir o olhar do indivíduo como perspectiva de extrema importância permite ver a sociedade, seus mapas de significação e representação, através das suas falas. Os contextos dos indivíduos são perspectivas em que se cruzam dois eixos de significação: um construído pelos indivíduos e outro elaborado pelos teóricos acadêmicos, havendo, assim, uma troca constante para a prática das ciências sociais.

## **5.2 Questionários em foco.**

Buscando entender melhor o que se passa pelo nosso campo escolhido<sup>24</sup>, fomos dialogar com os formandos dos cursos analisados, para saber deles opiniões, necessidades e como o uso da internet se configura em suas pesquisas acadêmicas. Os sujeitos foram formandos da UFBA dos semestres de 2006.2, 2007.1 e 2007.2 e da UCSal, dos semestres de 2007.1 e 2007.2. A eles foi proposto um questionário, com intento de perceber os caminhos percorridos nessa enorme

---

<sup>23</sup> Os enigmas são representações mitificadas, feita através de referências alusivas e que formam significados que estão presentes na consciência comum. Eles deformam e informam a realidade, tornando-a, assim, uma fonte rica de informações para o pesquisador. (PAIS, 2003, p. 55-61)

<sup>24</sup> Cursos de Licenciatura em Educação Física das Universidades Federal da Bahia (UFBA) e Católica do Salvador (UCSal).

teia virtual, quando tratamos de pesquisas acadêmicas na área de Educação Física e Ciência do Esporte.

Além dos questionários, foi proposto a um pequeno grupo de estudantes das duas instituições escolhidas que dessem uma entrevista, para que pudéssemos responder à problemática desta pesquisa e entender melhor o papel do ciberespaço na formação desses atores sociais.

Inicialmente foi considerado que, em 98%<sup>25</sup> dos questionários, foi afirmativa a resposta, quando perguntamos se eles faziam ou não pesquisa na internet para elaborar trabalhos acadêmicos. Apenas um informante da UCSal afirmou não pesquisar na internet. Sobre o perfil do público da pesquisa, existe uma faixa etária ampla, na qual encontramos formandos entre vinte e dois e quarenta e seis anos, mas 93% se encontram na faixa de vinte e um aos vinte e quatro anos. De todos os informantes, apenas dois afirmaram ainda não trabalhar na área, o que demonstra que a grande maioria, além de estudantes, também já vive de perto a profissão de professor. Os locais de trabalho variam de academia, escola, empresas (ginástica laboral), a pesquisa de iniciação científica, sendo que, como já era esperado, escola e academia abarcam grande parte dos formandos. Procuramos não dar ênfase ao sexo dos pesquisados.

Nossa principal preocupação, na elaboração dos questionários, foi perceber o que atrai o estudante para pesquisar na internet. Dando múltiplas escolhas de respostas para eles, percebemos que os itens mais indicados por educandos das duas universidades foram a facilidade de acesso, a disponibilidade de conteúdo e a comodidade, que ganharam para outras possibilidades que podem parecer importantes, como recursos que tornam a pesquisa mais atrativa, texto prontos para pesquisa – fato que cria, em muitos educadores, uma resistência às pesquisas virtuais pelo famoso `ctrl+c ctrl+v`<sup>26</sup> – e disponibilidade de computadores na universidade em que estudam, o que deveria ser um fator facilitador, mas que só foi apontado como importante. Essa ocorrência pode nos mostrar que o nível socioeconômico dos estudantes das duas universidades seria de média renda, ou

---

<sup>25</sup> A opção foi de aproximar as dízimas das porcentagens, para simplificar os resultados, pois muitas delas deram números longos e complexos.

<sup>26</sup> O atalho `ctrl+c` tem a função de copiar um texto selecionado e o atalho `ctrl+v` cola o texto copiado em um programa de edição de texto. Utilizando-se desse artifício, o estudante poderá copiar fragmentos de textos, ou até textos inteiros, da rede mundial de computadores e utilizá-los, na íntegra, na apresentação do trabalho, poupando-os de produzir o texto de sua própria pesquisa.

então que a democratização do acesso aos PCs (*personal computer* ou computadores pessoais) está aumentando em nosso país.

Separando as respostas das duas universidades, percebemos que, para os formandos da UCSal, os recursos que tornam a pesquisa mais atrativa e também a disponibilidade dos computadores na universidade possuem uma significativa importância, quando comparamos com a resposta de alunos da UFBA. Talvez pelo fato de os próprios estudantes da UCSal dizerem que, na UFBA, os estudantes possuem um nível econômico melhor do que na UCSal, o que reafirmaria um falso conflito social, no qual os mais ricos estudam na universidade pública e os mais pobres na particular.

No que diz respeito aos conteúdos relevantes para sua formação que eles buscam na internet tiveram maior frequência as respostas que se referem à busca de textos acadêmicos, o que mostra um claro entendimento sobre o fato de que a internet, atualmente, não é só uma mídia para entretenimento, mas que nela há uma série publicações científicas em todas as áreas. O grupo pesquisado mostrou que há um conhecimento maciço na universidade, pelo menos por parte dos estudantes, de que, através da internet, podem-se fazer pesquisas e estudos, acessando conteúdos academicamente referenciados.

Referências bibliográficas também são apontadas como grande objeto de busca pelos formandos. Isso quer dizer que eles entendem o valor dos conhecimentos presentes nos livros e a importância deles para a sua formação, e utilizam a internet como fonte para conhecer outras bibliografias sobre assuntos importantes para o seu desenvolvimento profissional. As vantagens de atualização da internet também são bem conhecidas dos formandos, e isso se mostra por outra resposta bastante assinalada, que foi a busca por informações atualizadas na área. Divulgação de cursos e aproximação de colegas da área não se mostraram como elementos motivadores da busca. Assim, chegamos à conclusão de que, quando se fala em formação, eles sabem que certos fatores, como cursos, são mais confiáveis quando indicados por professores e colegas próximos.

Sobre disciplinas do currículo dos dois cursos, não existe nenhuma disciplina específica sobre assuntos ligados a cibercultura e Educação Física, pesquisa na internet ou nenhum outro assunto que possa ser associado à cibercultura. Segundo relatos presentes nos questionários e entrevistas dos estudantes da UCSAL, há uma

disciplina oferecida como optativa que pode ser cursada e que complementaria a formação, mas cerca de 16% dos questionados desconhecem a existência dessa disciplina. Na UFBA, também há uma disciplina que é oferecida como optativa na Faculdade de Educação, mas não há referência alguma dos estudantes quanto à referida disciplina.

Dos que afirmam ter cursado essa disciplina, há uma uniformidade sobre o que nela foi importante para a formação. Eles apontam conteúdos teóricos e técnicos como os mais importantes assuntos tratados pelo professor. Em 75% dos questionados sobre a disciplina, são apontadas como importantes as indicações sobre como lidar com a internet, e uma quantidade significativa de pesquisados, 15%, afirmou que essa disciplina não foi importante na sua formação, devido ao fato de o conteúdo dado não ter sido relevante. Os outros 10% dividiram-se entre outras opções de respostas. O uso do Orkut<sup>27</sup>, o *site* de relacionamentos mais utilizado no Brasil, para estudos e pesquisas acadêmicas, também foi questionado aos nossos pesquisados. Ainda se mostra tímido o uso do Orkut para pesquisas. No total das duas universidades, cerca de 19% dos entrevistados já utilizaram o Orkut como meio de pesquisa, normalmente pesquisando conteúdos de comunidades. Olhando separadamente educandos das duas universidades, notamos que os da UFBA demonstram o dobro da utilização do Orkut, cerca de 30%, contra os 15% da UCSal.

As demais diferenças entre as universidades não se mostraram grandes. Quando perguntamos sobre *sites* preferidos, percebemos que os formandos da UFBA demonstram conhecer mais *sites* da área de Educação Física do que os formandos da UCSal: 60% dos pesquisados da UFBA citaram *sites* preferidos, contra 58% dos pesquisados da UCSal, que não citaram *sites* preferidos, ou simplesmente apontaram o Google ou outros *sites* de busca como tal. Olhando por outro ângulo, esses dados evidenciam que aproximadamente 50% dos entrevistados afirmaram fazer pesquisas na internet somente através de *sites* de busca, o que pode levar essa pesquisa por caminhos muito distantes do que está sendo pensado para o currículo e para a formação desse futuro professor. Trazemos um quadro para

---

<sup>27</sup> Site de relacionamento muito utilizado no Brasil; nele se agrupam pessoas através de comunidades que geram discussões ao redor de um tema que normalmente nomeia a comunidade. Cada pessoa que participa do site cria um perfil com dados pessoais verdadeiros ou não e, e é a partir dele que interagem nas comunidades.

demonstrar as diferenças entre as duas universidades, reveladas nos dados dos questionários.

Dados	UFBA	UCSAL
Número de questionários	14 questionários	36 questionários
Costuma utilizar internet p/ pesquisas acadêmicas?	Sim (14) Não (0)	Sim (35) Não (1)
Tem sites preferidos para pesquisa?	Não (5) Sim (9)	Não (20) Sim (15)
Sites citados	CBCE, Nuteses, Saúde em movimento, SCIELO, BIREME, Boletim de Educação Física, Nou-Rau, Saúde Total, RBO, CDOF, Corpore, Webrun,	Abc da saúde, Alongameto.com, Body Systems, Saúde em movimento, ABESO, CREF, CDOF, Swim it up!, CBDA, Saúde Total, Revista Mackenzie, Lepel
Pesquisa no Google mesmo para a faculdade?	Não (6) Sim (8)	Não (4) Sim (31)
O que leva a estudar pela net?	Diversidade de conteúdos – 10 Facilidade de achar conteúdos – 11 Comodidade – 10 Disponibilidade de computadores na Universidade- 0 Textos prontos para pesquisa – 1 Recursos que tornam a busca atrativa- 2	Diversidade de conteúdos – 34 Facilidade de achar conteúdos – 30 Comodidade – 14 Disponibilidade de computadores na Universidade- 7 Textos prontos para pesquisa – 4 Recursos que tornam a busca atrativa- 14
O que busca na net?	Textos acadêmicos – 13 Divulgação de cursos e eventos na área -5 Textos não acadêmicos tipo blogs -0 Referencias Bibliográficas – 7 Aproximação com colegas da área - 1 Informações sobre atualidades da área – 7	Textos acadêmicos -29 Divulgação de cursos e eventos na área -13 Textos não acadêmicos tipo blogs -1 Referencias Bibliográficas – 21 Aproximação com colegas da área - 3 Informações sobre atualidades da área –31
Existem disciplinas sobre tecnologias na sua universidade?	Não (14) Sim (0)	Não (6) Sim (30)
Relevância da disciplina		Conteúdos teóricos – 12 Conteúdos técnicos – 11 Indicações de como lidar com a net - 9 Não foi importante na minha formação – 5
Utilização do orkut	Não (10) Sim (4)	Não (31) Sim (5)

**Fonte:** questionários aplicados para este estudo.

#### Quadro 2: Dados obtidos na análise dos questionários

Vale ressaltar que optamos por considerar como *sites* da área aqueles que proporcionam acesso às produções científicas, como *Nou-Rau*, *Capes* ou *Nuteses*, pois, através deles, o pesquisador pode ter acesso a diversas produções relevantes para estudos na área de Educação Física e áreas afins.

### 5.3 De olho no ciberespaço.

Diversos *sites* foram citados por formandos de ambas as universidades pesquisadas. A visita a todos era essencial, para entendermos o que atrai neles. Buscamos perceber, na composição desses *sites*, se há textos acadêmicos ou somente informativos e se eles apresentam alguma afinidade com estudos desenvolvidos atualmente na área.

Todos os *sites* citados são: CBCE, Nuteses, Saúde em Movimento, Scielo, Bireme, Boletim Brasileiro de Educação Física, Nou-Rau, Saúde Total, RBO, CDOF, Corpore, Webrun, Abc da saúde, Alongamentos.com, Body Systems, Abeso, CREF, Swim It up!, CBDA, Revista Mackenzie, Lepel.<sup>28</sup> Vale ressaltar que a visita aos *sites* foi feita entre primeiro e vinte de outubro de 2007.

O interesse em visitar os *sites* citados não ocorreu com o intuito de julgar conteúdos de artigos ou a relevância desse ou daquele assunto para a formação. Há, simplesmente, o objetivo de entender se os *sites* citados disponibilizam conteúdos que podem ser classificados como acadêmicos. Assim, foi possível estabelecer relações entre os sites citados e seu caráter acadêmico reconhecido pela presente pesquisa.

Iniciamos pelo *site* do *CBCE*, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, a maior entidade científica na área de Educação Física. Quando entramos na página inicial, percebemos que o *site* apresenta notícias, comunicados e informações sobre a entidade, além de apresentar o próprio CBCE. Ao navegar, não foi notada a existência de textos acadêmicos para pesquisa, nem mesmo nas seções relacionadas à RBCE (Revista do CBCE), um dos mais relevantes periódicos da Educação Física. *Links* indicando *sites* para pesquisa existem e se apresentam no final da página inicial como parceiros; alguns desses links apontam para *sites* citados pelos sujeitos pesquisados.

---

<sup>28</sup> A lista dos endereços de todos os sites constitui um dos anexos desta dissertação.

Outro *site* citado foi o *Nuteses*, que significa Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial. Esse *site*, logo na página principal, apresenta links de alguns trabalhos disponíveis em seus arquivos e que podem ser acessados e salvos por qualquer navegador. É um *site* da Universidade Federal de Uberlândia e possui, em seu acervo, algumas produções completas e também auxilia na busca sobre temas e autores, encaminhando para link direto do currículo Lattes<sup>29</sup>, com o intuito de facilitar o contato com o(s) autor(es). Para elucidar, trouxemos o que o próprio *site* apresenta como sua função: “...partimos do entendimento de que um sistema de informação centralizado que facilite o acesso e a recuperação de dissertações e teses relacionadas à Educação Física, Esportes e Educação Especial” (<http://www.nuteses.ufu.br/index.php?id=4>, acesso em 02/10/2007).

O portal *Saúde em Movimento* se auto-intitula como maior portal de saúde da América Latina. Ele traz muitas informações e conhecimentos pertinentes à Educação Física. Nele, podemos ter informações ligadas ao que o público em geral pesquisa até artigos científicos completos publicados em revistas científicas da área de saúde e programas para facilitar o trabalho de profissionais; por exemplo, programas que facilitam a execução de avaliação física. Os programas também foram entendidos, neste trabalho, como conteúdos com relevância acadêmica, pois eles estão aptos trazer conhecimentos ao navegador que os acessa, auxiliando e até mostrando como se faz uma das funções do professor de Educação Física, que foca seu trabalho na área de saúde. É um *site* grande, com muitos textos e assuntos, e com riqueza de informações.

Outro *site* direcionado para a vertente de saúde e apontado por formandos de ambas as universidades foi o *Saúde Total*. Ele é configurado de forma muito parecida com o *Saúde em Movimento*. Nele achamos desde artigos jornalísticos com informações para a população em geral e também teses, porém a maioria dos artigos é escrita por médicos, e as teses são somente três, o que não o configura como *site* de ampla divulgação de textos acadêmicos. Em comparação com o *Saúde em Movimento*, esse *site* pode ser visto apenas como um *site* para ter acesso à divulgação de eventos e para conhecimentos superficiais na área.

---

<sup>29</sup> Currículo Lattes é um currículo criado pelo CNPq na chamada Plataforma Lattes, que é a base de dados de currículos e instituições das áreas de Ciência e Tecnologia, hoje utilizada e exigida pelas maiores instituições de Graduação e Pós-graduação do país.

O *site RBO* é da Revista Brasileira de Ortopedia Eletrônica, vinculada diretamente ao órgão oficial de divulgação científica da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT). O *site* surge para disponibilizar on-line mais uma possibilidade de divulgação, já que a Revista impressa existe desde 1933. Essa é uma revista reconhecida que divulga normas de publicação e artigos para *download* no *site*. O mais importante é que ela faz parte do sistema do SCIELO.

Outro *site* citado foi o *CDOF* ou Cooperativa do Fitness. Nesse não foi identificado nenhum artigo científico ou link par qualquer *site* que os possuía. Existem artigos jornalísticos simples ou com indicações práticas, mas nada muito elaborado. Os artigos encontrados podem até servir para alguns trabalhos superficiais, pois tentam esclarecer assuntos e alguns possuem bibliografia. Há, no *site*, uma diversidade enorme de assuntos, porém todos expostos de forma simplificada. Sua função maior parece ser de criar redes de pessoas que se interessem por temas ligados ao fitness.<sup>30</sup> Educandos de ambas as universidades citaram esse *site*, que parece ser um dos poucos que falam especificamente sobre fitness, o que justifica ocupar esse lugar na escolha dos formandos.

*Corpore* é uma instituição sem fins lucrativos, que atua como núcleo de representatividade de atletas, profissionais ou não, de corridas. Seu *site* foi citado por formandos da UFBA, que trabalham em grupos de corrida, e apresenta somente dados da instituição, calendários de eventos, dicas de saúde e, a sua parte mais rica são os links, que levam o navegador a uma imensidão de *sites*, inclusive de grandes corporações de artigos esportivos e também científicos, específicos da área. Aparentemente, esse *site* serve de ponte para pesquisa, e não necessariamente para a pesquisa propriamente dita. O *Web Run* configura-se de forma muito parecida com o anterior, porém trazendo histórico das modalidades esportivas ligadas ao ato de correr, e não possui links que levem o navegador a outros conhecimentos.

O *site Abc da Saúde* está hospedado em um dos maiores portais da internet, o *Terra*. Isso já faz dele um *site* que com caráter comercial e não interessado em divulgar pesquisas e conhecimentos acadêmicos. Quando procuramos esse *site* no Google, percebemos que sua descrição diz que este é um “*site* médico desenvolvido para esclarecer as dúvidas do público sobre temas de Saúde” (<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=abc+da+sa%C3%BAde&meta=>

---

<sup>30</sup> Fitness é um termo que se refere a atividades ligadas às práticas em academias de ginástica.

acesso em 20/10/2007). Isso deixa claro que seu objetivo é ajudar o público em geral a conhecer mais sobre temas de saúde. Quando há uma análise mais detalhada dos artigos presentes, torna-se fácil perceber que há uma diversidade nas suas estruturas, alguns possuem conteúdos mais elaborados, porém sem caráter acadêmico, outros são superficiais, somente para se conhecer o básico do tema. A conclusão sobre esse *site* é de que ele pode, em alguns casos, servir para pesquisa, mas nada muito aprofundado sobre o tema.

Para os que procuram o tema alongamento ou flexionamento, o *site Alongamentos.com* traz um conteúdo muito interessante. Ele busca fornecer informações sobre alongamentos de uma forma geral e que podem ser entendidas por qualquer pessoa. Possui instruções sobre exercícios e muitas sugestões para o público não especializado. Não se configura como um *site* acadêmico, mas possui um bom material para consulta quando a busca é sobre exercícios de alongamentos para esportes ou determinadas práticas, ou ainda quando há necessidade de tirar algumas pequenas dúvidas e não se tem um livro disponível.

A *Body Systems* é uma empresa multinacional que cria programas de aulas padronizadas de ginástica de academia. Caso você faça uma aula de uma de suas modalidades na cidade do Rio de Janeiro, hoje, no mesmo momento, pode estar acontecendo uma aula com poucas diferenças em outra cidade qualquer do mundo. Nesse sistema, o professor perde a autonomia de criar a sua aula, tendo nela poucas possibilidades de mudança. Mas, apesar disso, aqui no Brasil, esse sistema faz sucesso. O *site* da *Body Systems* é dedicado a toda América Latina, e, no seu início, escolhe-se o país em que se encontra, e, assim, a língua. Fica claro que tudo que é colocado no *site* diz respeito ao sistema. Então, para aqueles que trabalham com fitness, o *site* tem muita informação relevante, inclusive cursos de aperfeiçoamento. Mesmo sendo esse um *site* voltado a suprir necessidades de um mercado de trabalho, ele disponibiliza artigos com estilo jornalístico e assuntos que são de interesse para a formação, além de atualizar o professor que trabalha com o seu sistema, por proporcionar informações relevantes à formação este professor.

*ABESO* (Associação Brasileira para Estudos da Obesidade e da Síndrome Metabólica) é um *site* também voltado a estudos da área de saúde. O *site* informa ser sua principal função divulgar notícias aos seus associados, apresentar a entidade e tirar dúvidas para o público em geral. Mas ele não se limita a isso. Possui

estatísticas com fonte, o que pode ser utilizado em pesquisas, e ainda disponibiliza artigos sobre obesidade. Isso faz dele um *site* interessante para pesquisas superficiais ou até mais elaboradas sobre o tema obesidade, que é importante para os futuros profissionais que escolherem trabalhar com saúde.

Um dos grandes conflitos presentes na área de Educação Física, atualmente, refere-se ao Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e suas instancias regionais (CREF). Há uma intensa discussão sobre a importância e relevância da existência de um conselho na área, já que ela é multidisciplinar. Será que haveria forma de se regulamentar toda e qualquer prática relacionada à Educação Física? A complexidade dessa discussão é tanta, que já inspirou uma série de dissertações e teses defendidas, além de um *Movimento Contra a Regulamentação da Educação Física*. É evidente que, sendo o *site* do sistema CREF/CONFEF citado, possui importância para uma parte significativa dos que estudam e vivenciam a Educação Física.

O *site* do CONFEF, que abrange também as secretarias regionais, é voltado à divulgação de leis que regem a entidade e apresentação do Conselho, seus membros, história, entre outros dados. Logo na página inicial, identifica-se a seção sobre a Revista do CONFEF, e, ao observar seu conteúdo, percebemos que ela possui um caráter meramente informativo. Não fica claro como o *site* pode ajudar nas pesquisas acadêmicas.

Alguns formandos apontaram *sites* relacionados com a natação, provavelmente porque trabalham diretamente com esse esporte. Esses são *Swim It up!* e CBDA (Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos). *Swim It up!* traz a natação competitiva como foco. O *site* é um grande portal, tendo até uma grande empresa, como sua principal patrocinadora. Nele piscam, a todo o momento, na página inicial, notícias sobre o mundo da natação. No momento do acesso, o principal foco era sobre uma nadadora que está sendo acusada de uso de *dopping* nos jogos Panamericanos que ocorreram em julho de 2007 no Rio de Janeiro. É um *site* de notícias, nada mais. Não possui informações que possam servir para a formação do futuro professor, ou atualizá-lo com o que acontece na natação, inclusive divulgando *rankings*. Já o CBDA, mesmo não trazendo textos acadêmicos, disponibiliza informações importantes sobre os esportes aquáticos, como regulamentos, o que é imprescindível para o professor que atua com essas modalidades.

O *SCIELO*, *Scientific Electronic Library Online*, é uma biblioteca eletrônica que envolve uma coleção de periódicos científicos brasileiros em diversas áreas. Este *site* possui apoio do CNPq<sup>31</sup> desde 2002, mas foi criado por iniciativa de órgãos públicos de fomento à pesquisa, como a FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. O *SCIELO* é um *site* extremamente organizado, que possui uma ampla biblioteca de textos completos em diversas áreas do conhecimento, e nele ainda é disponibilizado somente o resumo, caso o navegador não queira abrir o texto sem saber do que ele fala. É um *site* essencialmente acadêmico, e isso fica evidente até quando vemos as instituições que o criaram e apóiam a sua existência.

O *BIREME*, um dos formadores do *SCIELO*, mantém também uma *Biblioteca Virtual em Saúde*, que foi citada pelos formandos como um dos *sites* pesquisados, e também abrange diversas áreas. Logo na sua página inicial, percebemos que há a construção de uma rede de informações acadêmicas que interliga os dois *sites* citados e mais o *site ScienTI*, que é Rede Internacional de Fontes de Informação e Conhecimento para Gestão de Ciência, Tecnologia e Informação, na qual links nos levam a novas pesquisas virtuais e ao encontro de maiores possibilidades sobre o tema de interesse. Também se enquadra como um *site* científico e muito bem organizado, quando disponibiliza materiais e textos. Nessa rede, formam-se comunidades e cresce uma rede de conhecimentos científicos que são extremamente enriquecedoras para uma formação em qualquer área do conhecimento. Esse *site* também não foi citado pelos formandos da UCSal nos questionários.

O *Boletim Brasileiro de Educação Física* é um dos *sites* citados que é específico da área de Educação Física. Nele se encontram arquivos de artigos científicos voltados a todas as vertentes da Educação Física. Ele é mais do que um *site*, é um periódico eletrônico de publicação bimestral, enviado gratuitamente por e-mail aos assinantes. Esse é um *site* muito relevante na área e foi criado a partir da necessidade de divulgação e, não podemos deixar de dizer, de publicação do conhecimento

---

<sup>31</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. (<http://www.cnpq.br/cnpq/index.htm> Acesso em: 15/10/2007)

acadêmico da Educação Física no Brasil. Ainda é possível, através desse *site*, entrar em contato com autores e acessar o currículo Lattes.

O *site Nou-Rau* é a Biblioteca Digital da Unicamp, que oferece um serviço virtual de armazenagem e divulgação da produção científica de Dissertações e Teses da Universidade Estadual de Campinas, no estado de São Paulo. É divulgado no *site* que o seu principal objetivo é a criação e organização da Biblioteca Digital de Teses da UNICAMP. Mas ele faz muito mais do que isso: disponibiliza também periódicos, trabalhos apresentados em eventos, entre outras coisas, e possui uma parte dedicada à Educação Física, com diversas teses e dissertações. Não restam dúvidas de que esse *site* disponibiliza textos acadêmicos, e a única exigência posta é que, para fazer *download*, o usuário precisa estar cadastrado.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie, situada na cidade de São Paulo, publica virtualmente uma revista dedicada à Educação Física. Essa revista configura-se como acadêmica e possui publicações regulares com normas e todas as regras exigidas para um periódico. Na sua página, são disponibilizados textos na íntegra e ainda há a possibilidade de se comprar a revista. Os textos tratam de diversos temas e são escritos, muitas vezes, por autores reconhecidos na área de Educação Física no Brasil. O *site* é organizado com conteúdo essencialmente acadêmico.

Grupos de Pesquisa também mantêm sites na internet, e o único citado foi o do LEPEL (Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer). O mais interessante é que a sede do LEPEL fica na UFBA, e ele só foi citado por estudantes da UCSal. O *site* está desatualizado, e não conta com nenhum texto acadêmico, somente contato dos participantes do grupo e apresentação do que é estudado no LEPEL.

De todos os *sites* citados, a grande maioria possui algum tipo de conteúdo próprio à formação de professores em Educação Física. Alguns são voltados somente para a área de saúde, e outros são dedicados à Educação Física como um todo. Alguns ainda apresentam produções em todas as áreas do conhecimento. Poucos não tinham absolutamente nada para se pesquisar.

Mesmo que os questionários demonstrem não haver um direcionamento do currículo para que os futuros professores saibam lidar com tecnologias contemporâneas, os alunos vão, por própria conta e risco, aprendendo a lidar com elas. Apontaram *sites*

preferidos 60% dos questionários da UFBA e 42% da UCSal. São porcentagens significativas, mas ainda não são satisfatórias, principalmente porque, dos *sites* indicados, aproximadamente 33%, ou 1/3, apesar de terem vínculos com a área de Educação Física, não apresentam nenhum conteúdo com caráter acadêmico. Mesmo que aproximadamente 67% dos apresentados nos questionários possam servir para a pesquisa, 23% deles trazem apenas conteúdos superficiais, deixando somente 44% com conteúdos completos.

Os dados podem, à primeira vista, parecer animadores, mas a análise cuidadosa nos mostra que a maioria dos formandos não sabe bem como pesquisar na internet. Essa mídia está invadindo a universidade, todos disseram ter acesso, 98% dizem utilizar, mas somente uma pequena parcela aponta realmente conteúdos relevantes nas suas pesquisas acadêmicas, ou seja, conteúdos reconhecidos como acadêmicos. Isso é preocupante, pois mostra que vai além das mãos da universidade e da abrangência dos currículos os conteúdos que permeiam a formação de professores.

#### **5.4 Entrevistados com a palavra.**

Quando analisamos as entrevistas, percebemos que 40% dos entrevistados dizem procurar a internet apenas como complementação de livros e dos periódicos já conhecidos, não confiando totalmente no que nela está publicado. Isso reafirma o dado colhido nos questionários de que os formandos encaram como principais objetivos de suas pesquisas virtuais terem contato com textos acadêmicos e referências bibliográficas. Mesmo com a internet invadindo o mundo acadêmico e sendo apontada com uma fonte de pesquisa relevante, os livros e materiais impressos não perdem a sua importância. E, mais do que isso, a internet passa a ser uma ponte para que os estudantes possam conhecer melhor os livros e materiais produzidos em sua área, podendo, assim, antecipar-se, escolhendo melhor os materiais com que entrarão em contato para embasar a sua formação.

Ao serem indagados sobre métodos de pesquisa na internet, apontando *sites* preferidos, 60% afirmam utilizar paralelamente o Google, acadêmico ou não, para complementar sua pesquisa, principalmente se o tema não for um dos que sejam corriqueiros em suas práticas e pesquisas. Até os que apontam que utilizam o

Google questionam a seleção feita pelo *site* de busca e afirmam que selecionam bastante antes de utilizar alguma página apontada pela ferramenta virtual. O Google aponta *sites* aleatórios, sendo que os primeiros da lista são os mais acessados.

A credibilidade do que é publicado na internet é um ponto muito citado pelos entrevistados: 100% deles não confiam em tudo que lêem na rede mundial de computadores e, desses, 80% afirmam confiar totalmente em livros e periódicos. Pelo caráter libertário da internet, onde qualquer pessoa pode publicar suas idéias, os *sites* que possuem respaldo de grandes instituições como SCIELO, BIREME e o NOU-RAU são apontados como mais confiáveis para a pesquisa acadêmica quando comparados aos que não têm nenhuma instituição reconhecida por trás. Um dos entrevistados diz ainda desconfiar até mesmo dos textos científicos publicados na internet, e revela:

Não é tudo que está escrito lá que eu concordo. Inclusive teve até uma discussão entre colegas em relação a artigos que estão na internet, mas às vezes tem artigos, eu não sei bem nem posso provar isso, mas podem ter artigos que podem ser “comprados”, com informações compradas. Aí eu sempre desconfio de artigos. Prefiro mais livro como já falei no início. A internet eu utilizo porque hoje em dia é uma ferramenta, mas uso meio desconfiado. (Entrevistado nº5)

A confiança no que é publicado sob forma impressa é claramente maior, mas há uma pergunta que surge a partir dessa fala: seriam os livros realmente totalmente confiáveis? Ou deveria haver uma desconfiança sobre o conteúdo apresentado nos exemplares impressos? Diferentemente dos *sites*, os livros não possuem patrocínios de grandes corporações que podem influenciar pesquisas e conteúdos presentes ali? No entanto, nem sempre é o que ocorre, tanto em livros e textos, como em *sites*, e, sendo assim, a análise deve ser feita em todo e qualquer material disponibilizado para a formação. Assim, é apontada, mais uma vez aqui, como função essencial da formação de professores, desenvolver sujeitos com senso crítico e conhecimentos amplos e qualificados, para que haja uma seleção apropriada dos conteúdos que alicerçarão a prática.

A internet, com suas amplas possibilidades, reproduz, em seu ciberespaço, características e conflitos presentes na nossa vida. Assim, ela não pode ser encarada como um local sem leis e sem regras, onde não se pode confiar em nada do que está publicado. O que é necessário é aprender a conhecer esse mundo

inovador que é o ciberespaço, buscando construir critérios para melhor entender suas limitações e seus potenciais.

A necessidade de disciplinas que tratem da internet foi objeto de uma pergunta feita aos entrevistados, bem como se outros professores falam sobre a internet nos seus cursos. Dos entrevistados, 80% apontaram que alguns professores falam sobre a internet como fonte de pesquisa acadêmica, mas nenhum deles se aprofunda no tema, apenas citam e falam superficialmente sobre o assunto. Dois entrevistados da UFBA falaram da disciplina Seminário que, é referida como disciplina que trata das fontes virtuais de pesquisa e que, portanto, ela deveria estar no início e não no final do curso.

Até mesmo quando o entrevistado afirma saber lidar com o computador, alguns conseguem identificar a necessidade de uma disciplina não para tratar de conhecimentos técnicos sobre a máquina, mas sim ajudar a selecionar conteúdos relevantes dentro do ciberespaço.

Acho muito importante ter uma disciplina porque é mais uma ferramenta que você tem, assim como tem professores que ensinam a você como pesquisar na biblioteca, como pesquisar nos periódicos da biblioteca, nas prateleiras. Então, seria importante um professor ensinar como você como pesquisar coisas de credibilidade na internet. (Entrevistado nº4)

Mas, por ser o computador uma máquina auto-explicativa, muitos usuários da internet acreditam que não precisam de nenhum tipo de orientação sobre como navegar, pois a autoconfiança é algo presente naqueles que já possuem intimidade com o ciberespaço. Essa característica se evidencia nos relatos de 40% dos nossos entrevistados, quando eles afirmam que seria importante para os outros a existência de uma disciplina sobre a internet, pois eles já possuem amplo acesso e não necessitariam de maiores esclarecimentos.

Bem, é porque pra mim o que ele (o professor de uma disciplina sobre Cibercultura) vai passar não vai acrescentar tanto, porque eu já tenho acesso fácil à internet, mas tem pessoas que não têm o mesmo acesso que eu tenho. Acho que ia contribuir pra diversas pessoas, mas pra mim não acredito muito não. (Entrevistado nº7)

Esse é o grande engano da maioria das pessoas que utiliza a internet. Muitos acreditam que apenas manipular o computador é o principal pré-requisito para uma boa navegação. Poucas são as reflexões sobre como o ciberespaço está nos

modificando culturalmente, ou sobre a internet como uma mídia com discurso e representação ideológica. Qualquer mídia pode ser acessada “livremente”, mas não é à toa que muitos estudos sobre comunicação são desenvolvidos atualmente nos programas de Pós-Graduação espalhados pelo país, pois há uma necessidade de percebermos as intervenções da relação humana com as mídias e, assim, intervir nas transformações culturais que elas incitam.

Um espaço virtual que interage de forma bastante próxima com a nossa, cultura nos dias atuais, é o Orkut. Esse *site* de relacionamentos invadiu o país. Hoje é muito difícil encontrar alguém que acesse a internet e que nunca tenha ouvido falar ou que não participe, de alguma forma, desse ciberespaço. No Orkut, o principal ponto é a criação de comunidades que se reúnem para falar sobre um tema de interesse: há comunidades que discutem desde funções de modelos de celulares, músicas de cantores da moda, até assuntos acadêmicos como a própria cibercultura e a Educação Física. Somente um dos entrevistados afirmou não participar do Orkut; apesar de conhecer, afirmou não ficar muito tempo na frente do computador, e o Orkut necessitaria de dedicação para participar das discussões.

Todos os outros entrevistados dizem participar do Orkut, e, deles, todos utilizaram o *site* de relacionamentos de alguma forma para pesquisar, seja à procura de *links*, de assuntos atualizados, ou até tirando dúvidas nas comunidades através da criação de fóruns.

Já fiz, porque você procura uma comunidade, e na comunidade tá debatendo algum tema e assim você acaba ficando atualizado. Por exemplo, se eu quiser algo do tema musculação eu vou em alguma comunidade do Orkut que fale sobre musculação e normalmente o pessoal manda texto, link, foto e a gente acaba discutindo sobre o tema. (Entrevistado nº3)

O *Orkut* está cada dia mais se popularizando. Nas estatísticas disponibilizadas no próprio *site*, podemos ver que mais de 53,24% se dizem brasileiros. Só de comunidades relacionadas com a Educação Física são mais de mil, e, na comunidade como nome Educação Física, há 43.950 usuários ávidos por trocar e divulgar conhecimentos específicos da área. Fica claro que o potencial de troca de conhecimentos do Orkut e de outros *sites* de relacionamentos e fóruns já não é mais novidade para os formando em Educação Física pesquisados e para muitos outros que utilizam mais e mais esse espaço para uma aprendizagem contínua.

Os dados apresentados neste capítulo reafirmam que a internet, no meio educacional, já é um caminho sem volta. Cabe aos educadores estarem preparados para os desafios que o uso desse recurso promove, e, ainda mais do que isso, estarem atentos para as transformações socioculturais que todo esse processo vem ocasionando no nosso cotidiano.

## 6. SINTESES POSSÍVEIS: CIBERCULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A educação é uma experiência entre pessoas de níveis educacionais diferentes. O papel das instituições educacionais é nortear e sistematizar as relações humanas com o seu meio, para ampliar as condições favoráveis de desenvolvimento das novas gerações, com atividades que permitam a continuidade e a sobrevivência da cultura e até do próprio homem.

É reconhecido que as grandes mudanças que acontecem na educação e na teoria pedagógica estão ligadas às transformações ocorridas nos meios de comunicação: desde a educação através da oralidade, ao ensino através escrita, cujo principal suporte foi o livro, e aos recursos computacionais e às tecnologias de informação e comunicação atualmente disponíveis. Desde que surgiram os primeiros computadores, educadores imaginaram novas possibilidades de usar as máquinas como auxiliares do processo ensino-aprendizagem.

Com o advento da internet, modelos inéditos de educação baseados em *e-learning*<sup>32</sup> vêm sendo desenvolvidos, gerando projetos de pesquisa e também de *softwares* aplicativos. Hoje, a pesquisa no contexto da informática na educação se amplia para variados temas, entre eles: a criação e construção de ambientes criativos de aprendizagem, cooperativos e interativos; a construção de projetos em ambientes informatizados; ambientes virtuais de aprendizagem; objetos digitais de aprendizagem; comunidades virtuais; simuladores; ambientes imersivos, que utilizam objetos educacionais e pressupõem a intensa utilização das tecnologias de informação e comunicação, incentivando trocas de experiências e compartilhamento de informações, com o objetivo de favorecer aprendizagens significativas.

Mesmo conhecendo e sabendo da existência de tamanha variedade de opções de aprendizagens na internet, focalizamos nosso estudo na vivência cotidiana dos formandos dos cursos de Educação Física das duas universidades mais tradicionais da cidade de Salvador (UFBA e UCSal). Assim, ao estudar seu cotidiano de pesquisa virtual, no que diz respeito aos temas ligados à sua formação profissional,

---

<sup>32</sup> O termo **e-Learning** é fruto de uma combinação ocorrida entre o ensino com auxílio da tecnologia e a educação a distância. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/E-learning> acesso em 25/11/2007)

enfocando o que eles consideram importante nessa modalidade de pesquisa, os meios que guiam seu pesquisar e os caminhos percorridos na pesquisa que os leva a seus objetivos, constrói-se um melhor entendimento do que esse meio de comunicação vem causando na formação de professores de Educação Física.

Como concluir sobre algo que, na verdade, ainda se tem muito que discutir e estudar? Essa parece ser a incumbência mais complicada deste trabalho. Mas apontar alguns caminhos que podem ser seguidos para melhorar nossa interação com a cibercultura na formação de professores em Educação Física torna-se necessário, para finalizar as reflexões empreendidas.

Ninguém pode negar que a internet possui um grande acesso no meio acadêmico. Isso é visível por todos, e, nesta pesquisa, tornou-se bem evidente que os futuros professores de Educação Física não se excluem dessa regra, também utilizando dessa mídia para pesquisar, estudar e se atualizar. Além disso, é visível que, mesmo os que demonstraram não conhecer totalmente as capacidades da internet, já afirmam que o seu uso faz parte da sua rotina de estudos.

Formar-se professor é mais do que o que um dia se acreditou ser: lapidar um dom natural. Ser professor é formar-se como um trabalhador social, que tem seu papel diferenciado no processo de mudança social. Quando nos inspiramos no grande mestre da educação, Paulo Freire (1979), entendemos que o homem é um ser de práxis, pois ele responde aos desafios do mundo, e, assim sendo, possui “capacidades de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com as finalidades homem, à qual está associada a sua capacidade de refletir.” (p.17).

Formar-se professor é estar preparado para incitar mudanças sociais, sem julgar-se dono de todas as verdades, mas percebendo o mundo do educando e aprendendo com ele a ser melhor pessoa e profissional. A formação deve se voltar para isso, para que o professor possa estar preparado para as mudanças, para que o professor possa incitar as mudanças, para que o professor possa entender as mudanças. O currículo dessa formação possui um papel significativo nesse processo. Ele traz conteúdos eleitos como essenciais para o exercício da profissão, nesse caso a de professor. Mais do que isso: ele ajuda na formação completa do indivíduo e como ele irá atuar nas instituições sociais.

Os próprios estudantes revelam essa lacuna no currículo em suas entrevistas quando dizem que algumas disciplinas poderiam ser reorganizadas no currículo e que assuntos como a cibercultura não são tratados como relevantes para sua formação. O currículo, mais do que fazer parte de um processo de transmissão ou de denúncia, faz parte de um processo de posicionamento, em que o sujeito é ressignificado, mostrando-se em seus múltiplos posicionamentos e atuando de forma significativa no interior das diversas divisões sociais.

Propor alternativas é uma tarefa mais do que complexa, principalmente quando falamos em currículo. Mas o que não se pode continuar acreditando é que a formação atual não precisa de nenhuma modificação e que o mundo não está em contínua mudança. Com a disseminação da tecnologia e a demanda por conteúdos digitais na educação, aspectos pedagógicos também devem ser observados quando pensamos em cibercultura. Considerando que as tecnologias digitais têm provocado a ressignificação das culturas, o que traz no seu bojo rupturas epistemológicas significativas, não se sabe ainda com certeza qual a abordagem mais adequada e se ela existe. Porém vale a pena apostar na colaboração, no uso da multidisciplinaridade, da hipertextualidade e da interatividade.

Impossível estar vivo e não se sentir parte de uma cultura ou de várias delas. Pensar em culturas, esse atributo tão humano, é pensar em diferenças, em diversidade de formas de entender o mundo. Nesse momento é que o pensamento de Heidegger (2001) se faz presente. Para ele, a cultura é “o espaço em que se desenrola a atividade espiritual e criadora do homem” (p.39) Em espaços de trocas e criações culturais como o ciberespaço, mais ainda é facilitado o potencial criador humano, mais mobilidade cultural e de conhecimentos será produzida.

Mudanças culturais e tecnológicas, na contemporaneidade, não param de acontecer, e, sendo assim, torna-se ainda mais necessário que o professor esteja preparado para elas. Freire (1979) sabiamente fala que “a educação não é um processo de adaptação do indivíduo a sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais” (p.31). Cabe ao processo de formação de professores preparar esse profissional para as dificuldades que certamente ele irá enfrentar.

O educador deve vencer conflitos inerentes à sua *filosofia da vida*<sup>33</sup>, que seria a realidade cotidiana, a ideologia ou ideologias presentes no próprio educador e que alicerçam sua visão de mundo. Assim esse educador pode entender relações entre teoria e prática, relações entre meios e fins educacionais, ou seja, ele deve a todo o momento refletir sobre sua atividade educacional e as conseqüências dela para os educandos. Ainda mais em uma área como Educação Física, em que os conflitos transbordam em todos os momentos da formação. É essencial que a formação não deixe lacunas, que ela possa formar um educador e um indivíduo crítico a frente de todas as nuances da área. O professor de Educação Física, além de estar preparado para o ofício de lecionar, ainda deve estar apto a entender as lacunas presentes nos conhecimentos produzidos na sua área, muitos deles presentes no mundo *ciber*.

A cibercultura está presente no contexto atual, ressignificando nossa fala, nossa escrita, nosso modo de perceber e de entender o mundo. É importante evidenciar que nenhuma técnica tem um significado que não o atribuído culturalmente, apenas a ela é dado um sentido, um significado dentro dos contextos sociais nos quais ela é utilizada. Ou seja, a internet, por si só, não irá criar mudanças significativas; nós é que temos de nos posicionar frente a ela, entender suas potencialidades e limitações, para assim interagir melhor com ela e utilizar seus potenciais para proporcionar as mudanças necessárias. Os estudantes pesquisados parecem perceber, mesmo que indiretamente, que depende deles a interpretação da mídia, pois, em suas respostas, apontam que são responsáveis pela suas pesquisas, selecionando conteúdos, sites e textos acessados, e não apenas tornando-se reféns do que é divulgado virtualmente.

A internet, muitas vezes, é apontada como provocadora de conflitos, como competições, rivalidades, diminuição do contato interpessoal; mas a mesma autora afirma a posição de que todos esses conflitos não surgem por causa do ciberespaço, pois eles já existem na vida cotidiana e apenas não podem ser apagados, refletindo-se em um outro ambiente de interação. O que há realmente é um novo espaço para que esses conflitos se mostrem e atuem. Simultaneamente à existência desses conflitos, a internet, com seu caráter multifacetado, traz a possibilidade de um ambiente onde podemos entender os atributos de nossas interações virtuais através

---

<sup>33</sup> Saviani (1996)

de outras perspectivas. Assim, os conflitos que surjam podem ser trabalhados e superados nesse novo espaço de convivência e de relações interpessoais.

Como ambiente estimulador de aprendizagem, a internet deve trazer, para os pesquisadores que a utilizam, possibilidades de desenvolver habilidades na sua formação, estimulando a interatividade e a criação de inteligências coletivas, conforme considera Lévy (1999). Ele afirma que o mais importante na estimulação do surgimento de inteligências coletivas é o desenvolvimento das pessoas, quando uma auxilia a outra com troca de conhecimentos, criando conhecimentos comuns. O professor trabalha, nesse caso, como incentivador do uso da internet para estudos, troca de produções através de comunidades virtuais ou de publicações on-line.

No meio educacional, hoje, já é considerada, em muitos âmbitos, a importância da multidisciplinaridade como imperativo de se atender a características e necessidades pedagógicas. Essas características estão associadas a aspectos como o uso de metáforas que aproximam o que o aprendiz vê no meio educacional do seu mundo cotidiano – o uso de linguagem audiovisual –, pois as diferentes mídias desempenham papéis complementares no processamento da informação. A aprendizagem é nitidamente favorecida pelo uso de informações multimídia; a carga cognitiva das interfaces impõe aos aprendentes novas possibilidades de aprendizagem, favorecendo a criação de uma ponte entre o que se aprende e que se vivencia.

Mesmo aparentemente não existindo uma hierarquia declarada na internet, há, nessa uma seleção, uma classificação do que existe nesse mundo virtual. Muitos observam o ciberespaço como algo amorfo, em que conhecimentos não sistematizados circulam sem nenhum controle ou preferência. A multiplicidade do ciberespaço permite uma liberdade de publicação ou divulgação e também uma liberdade de escolha. Lévy (1999, p.160) chama de *agentes inteligentes* aqueles que se adaptam aos instrumentos de pesquisa e observam, de forma clara, o que muitos vêem como a bagunça do ciberespaço. Além disso, ele também fala de uma *filtragem cooperativa de informações*, na qual comunidades selecionam, de forma transversal, os conhecimentos. Quando a internet se torna parte do conteúdo trabalhado dentro do meio acadêmico, casos como os revelados na pesquisa – em que 50% dos formandos fazem pesquisa para trabalhos acadêmicos somente através do Google, de forma aleatória – não serão mais vistos, e as teorias

propostas por autores como Levy (1999) estarão mais próximas da verdadeira efetivação.

Não basta simplesmente levar as tecnologias para o seio da universidade, disponibilizando o acesso, sem fazer com que os que utilizarão esse elemento possam fazê-lo utilizando critérios, entendendo mensagens presentes e selecionando conteúdos importantes para sua formação profissional e humana. Não aprender o significado político e social que as tecnologias podem ter, a importância pedagógica da navegação na internet e como essas práticas são relacionadas com a contemporaneidade pode minimizar o potencial docente do indivíduo.

Faz-se necessária uma formação de professores que lhes possibilite utilizar, da melhor forma, o grande leque de possibilidades que as tecnologias possuem para o desenvolvimento de inteligências, de transformação de linguagens, de forma de comunicação, de entendimento e de aceitação das diferenças, de saberes e apreensão de conhecimentos, de processo de criação, de pesquisa e de cultura. A formação de professores deve contemplar elementos de fundamentação essencial em cada campo do saber, área do conhecimento ou profissão, apontando para o desenvolvimento intelectual e profissional autônomo e permanente do estudante, o que permitirá a continuidade do processo de formação acadêmica e (ou) profissional. Além disso, durante a formação acadêmica, esse futuro professor passa por processos sociais que influenciam diretamente na sua construção do pensamento e na cultura, ou seja, no seu universo de significação.

Um traço presente na fala dos entrevistados e nos questionários é a importância de se saber lidar com a internet, mas o que fica claro na conclusão da pesquisa é que, para que um professor ou um estudante possa usar a internet na escola ou para suas pesquisas com um mínimo de certeza e segurança, eles precisarão apropriar-se dessa tecnologia. O contato cotidiano com a internet é necessário para que essa prática de pesquisa seja cada dia mais eficaz e que possa realmente mostrar-se como fonte de conhecimentos confiáveis. Para elucidar esse resultado, os próprios formandos apontam a necessidade de disciplinas que falem da internet com propriedade e não superficialmente e, que esse conhecimento seja abordado no curso desde o início, para que, durante a sua formação, ele esteja mais do que familiarizado com o tema.

Algumas atitudes já têm sido tomadas, que iniciam uma mudança de paradigma

educacional, com uma pequena inserção da cibercultura no mundo acadêmico, mas ainda se apresentam situações em que ao estudante não são dadas opções, pois normalmente se repete o modelo já institucionalizado e não se lhes apresentam possibilidades de descobrir os desafios e encantos que ciberespaço pode proporcionar aos estudos. Esses problemas confirmam que a multiplicidade, a hipertextualidade, a lógica não-linear, que estão disponíveis com a tecnologia digital, ainda não foram apropriadas por muitos acadêmicos, que se esquecem do caráter precursor e revolucionário histórico da universidade.

Através desta pesquisa, foi possível constatar que os futuros professores galgam, quase sempre sozinhos, o caminho que os leva à interação com as tecnologias contemporâneas no mundo acadêmico. Muitas vezes, estimulados pelo próprio cotidiano individual, o que já demonstra a capacidade de divulgação que a internet possui. A análise realizada evidencia que as características lineares, que engessam a aprendizagem e os conhecimentos dos currículos de formação de professores, podem ser abandonadas no mundo digital, dando lugar a um tipo de pedagogia digital que use princípios com a interdisciplinaridade, hipertextualidade, multimídia e colaboração.

Alves e Nova (2002) enfatizam que promover a criação de comunidades de conhecimento virtuais auxilia na aprendizagem. Comunidades formadas de estudantes e professores, onde os participantes possam discutir as problemáticas referentes à sua área e à sua prática docente e conhecimentos importantes para a formação. Essa parece ser uma possível resposta aos desafios postos pelos problemas educacionais, o que ajudaria o professor a efetivar-se como agente integrador e multiplicador desse novo paradigma de educação, no sentido de que essas transformações pessoais e coletivas se incorporem na universidade, na escola, na família e na comunidade.

Agrupar-se em comunidade e grupos sociais é uma característica humana, e, através desses grupos, constroem-se sentidos e significados necessários à sobrevivência humana. Isso nos remete ao agrupamento que ocorre nas comunidades virtuais, e vemos que elas são também mais uma forma de grupos construir sentidos e significados coletivos, mas sem perder a peculiaridade de cada sujeito. Assim, coletivos inteligentes que se cruzam e se relacionam entre si e com as tecnologias, construindo e descobrindo formas de troca e construção de

conhecimentos.

A internet é atualmente formada por comunidades virtuais que se espalham pelo ciberespaço e se organizam de diversas formas, possuindo cada grupo suas próprias leis e sua ética, uma ética libertária, em que cada comunidade se auto-regula, não seguindo a padronização de condutas. Por isso, a educação atrelada à cibercultura é tão diferenciada das tradicionais, porque há, no próprio sistema da cibercultura, um respeito à pluralidade de contextos e a liberdade de expressão. Não é o caos: é apenas uma fuga da uniformização de comportamentos dominantes e o apoio aos valores e regras decididos de forma consensual. Comunidades onde a aprendizagem fosse o principal objetivo seria um passo a mais para envolver o meio acadêmico nesse mundo *ciber*, repleto de interatividade e conhecimentos.

Pensando em comunidades, vemos que o Orkut – citado por entrevistados e informantes nos questionários como um interessante instrumento de pesquisa – pode ser visto como ambiente educacional onde se multiplicam conhecimentos e formam-se comunidades em torno de temas presentes na escola e nas universidades, mesmo sem o conhecimento e a intervenção delas, de professores e de currículos. A inserção, no meio educacional, de espaços onde possa haver uma produção de culturas e conhecimentos é sempre rico aos processos de ensino-aprendizagem, e, no caso das tecnologias contemporâneas, isso seria mais do que uma simples inserção, seria o início de uma nova perspectiva de aprendizagem, uma mudança significativa nos eixos educacionais.

Quando é construída uma síntese de todos os conhecimentos trabalhados nessa dissertação, é evidente que o principal ponto para que o trabalho consiga propor mudanças realmente significativas é que se efetive uma real quebra dos paradigmas estabelecidos atualmente. Não basta apenas substituir visões de mundo: é necessário que haja lugar para a diversidade, que cresce na contemporaneidade. Desse modo, todos os conceitos pensados aqui, como a reforma do pensamento e a utilização efetiva de uma multidisciplinaridade, alicerçam a idéia de um currículo que funcione como um hipertexto.

A lógica hipertextual, que poderia ser inserida no currículo da formação de professores em Educação Física, é capaz de tornar real a proposta de Paulo Freire. Assim, o ler e entender a palavra, nesse caso o conhecimento, viabilizaria uma compreensão multidimensional do que é posto como algo a ser aprendido. Esse

currículo hipertextualizado assumiria um caráter multiferrencial, e propiciaria um envolvimento geral na produção e difusão do conhecimento. Esse seria um currículo nitidamente fluido e interativo, que adequaria diversas possibilidades de aprendizagem e de construção do conhecimento. Mudanças se fazem necessárias, e este momento, de grande uso das tecnologias contemporâneas, torna propício o início dessa grande transformação.

O mais importante para a idéia de se hipertextualizar o currículo é que todas as reações que a teia do hipertexto estão aptas a propiciar a criação de reações mentais que estimulam a imaginação e ajudam a criar associações entre leituras e entre conhecimentos. Todos os conhecimentos interligados permitem que sujeitos, posicionados ideologicamente, possam agir de forma criativa, realizando suas próprias conexões entre os conhecimentos expostos, entre a prática e a teoria, entre o cotidiano e o virtual. O hipertexto redefine os papéis de leitor e autor, sendo que o leitor ajuda na construção do texto lido. Assim, quando é pensado um currículo hipertextualizado, todos os que nele atuam como autores ou leitores, ou seja, estudantes e professores, localizam conexões, desenvolvendo coletivamente trabalhos e conhecimentos. São estabelecidas assim, cooperativamente, construções de significados.

Promover uma cooperação da sala de aula convencional com um ambiente virtual, criando-se comunidades de conhecimento, com educandos e professores, onde os participantes possam discutir as problemáticas da escola e a prática docente, parece ser uma possível resposta aos desafios dos problemas educacionais da contemporaneidade. Isso transforma o professor em agente integrado e multiplicador do potencial das tecnologias contemporâneas, no sentido de que essas transformações pessoais e coletivas se incorporem à escola, aos educandos, à família e à comunidade de uma maneira efetiva e com qualidade. E não como está acontecendo atualmente, quando as tecnologias já se incorporaram, mas sem que haja um entendimento do seu papel na formação profissional ou até pessoal.

Muito embora a tecnologia tenha obtido grandes avanços, estimulados pela indústria midiática, e as referências sobre o tema não parem de surgir, é notório que elas têm um papel bem mais amplo. Acreditamos que trazem uma intrínseca promessa de melhoria aos processos de aprendizagem, até porque o futuro da educação não prescinde da característica *on-line*. A educação poderá continuar como está

atualmente, mas essa será a melhor escolha? Um dos grandes diferenciais que as redes de computadores colocam para a educação é o de possibilitar novas opções de espaço, tempo e interação, o que antes não existia na prática pedagógica, para a produção intelectual, divulgação e compartilhamento de conhecimentos. Precisamos explorar com criatividade a possibilidade que somente o computador como tecnologia possui: a de ser usado para veicular idéias, ampliando possibilidades formativas (MACHADO e SÁ FILHO, 2006).

As tecnologias de comunicação estimulam inteligências coletivas, ajudam a desenvolver características cognitivas, mas elas também colocam em jogo valores de nossa atual e hegemônica cultura. Isso pode ser observado como ameaça, mas, na verdade, essa quebra de valores traz um alerta de que há transformações necessárias que devem ser executadas na esfera educacional, para que as instituições educacionais não parem no tempo e percam o desenvolvimento histórico que está ocorrendo.

Muito caminho ainda existe para ser percorrido quando a referencia é criar alternativas que tragam benefícios à educação. A formação de professores possui um papel crucial nesse processo, pois os cursos de licenciatura formam os profissionais que irão atuar lecionando. A formação não é apenas o cultivo de competências pré-existentes; a formação tem o intuito de desenvolver o entendimento do que é a prática docente e do que é necessário para que essa prática, efetivamente, possibilite a aprendizagem.

Portanto, um grande passo para que todas essas possibilidades se materializem seria atender ao próprio desejo dos formandos, de terem disciplinas que apresentem e discutam conhecimentos ligados à cibercultura. Conseqüentemente, essa iniciativa viria de uma reformulação curricular, que poderia não atender imediatamente aos quesitos da proposta de hipertextualizar o currículo, mas como já foi dito, o caminho a ser percorrido é longo e qualquer passo dado em direção ao objetivo sempre diminui a sensação de que nada pode ser feito. Ainda se tem muito a fazer, mas nada impossibilita que iniciemos imediatamente a trilhar os caminhos, em rumo às possibilidades que as tecnologias contemporâneas nos oferecem.

Desenvolver pesquisas como esta é efetivamente um primeiro passo para que acontecimentos que ocorrem na informalidade acadêmica cheguem realmente ao conhecimento dos que fazem a formação de professores e, assim, passos concretos

possam ser dados em direção às transformações necessárias. Estabelecer uma nova perspectiva de diálogo já constitui um início da quebra de paradigmas, para que esse fenômeno cultural, que invade de forma avassaladora o nosso cotidiano, possa ter todos os seus potenciais realmente vivenciados, presentes nas nossas vidas.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. Salvador: EDUFBA Editora, 2005
- ALVES, Lynn Rosalina e NOVA, Cristiane Carvalho da. A comunicação digital e as novas perspectivas para a educação. In: **I ENCONTRO DA REDECOM**, 2002, Salvador.
- ALVES, Lynn Rosalina. **Conhecimento e Internet: uma construção possível?**. Revista de Educação da Faculdade de Educação - FEBA. Salvador, v.1, n.1, p.91-108, 2000.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Loyola, 2000.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Historia da Educação e da Pedagogia**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- BARRETO, Raquel Goulart. **Formação de professores, tecnologias e linguagem**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 1997. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- BONILLA; Maria Helena Silveira. **Escola aprendente: para além da Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2005 a.
- \_\_\_\_\_. **A Internet vai à escola**. 1997. Dissertação de mestrado. Disponível em <http://www.faced.UFBA.br/~bonilla/dissertacao/dissertacao.htm>. Acesso em: 20.10.2006
- \_\_\_\_\_. A práxis pedagógica presente e futura e os conceitos de verdade e realidade frente às crises do conhecimento científico no Séc XX. In: PRETTO, Nelson (org.). **Tecnologias e novas educações**. Salvador: EdUFBA, 2005b.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BRUHNS, Heloisa Turini. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas, SP: Papyrus. 1993
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Coleção Corpo e Motricidade)
- \_\_\_\_\_. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores associados, 2004. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos)
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação física e a crise da modernidade**. Ijuí: Unijuí, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 19.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo Perspec. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Afiliadas, 1989.
- GIDDENS; Anthony. **O mundo na era da Globalização**. São Paulo: Presença, 2002.
- GIROUX, Henry A. **Professores como intelectuais: os rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. São Paulo: Artmed, 1997. (Coleção: Educação, Teoria e Crítica)
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Corpo e Motricidade)
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferencias**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção questões de nossa época, v 77)
- JOSSO, Marie-christine. **Experiências de vida e formação**. Ed. Cortez. São Paulo; 2004.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004. (Coleção Educação Física)
- LEMO, André; CARDOSO, Cláudio; PALÁCIOS, Marcos. **Uma sala de aula no ciberespaço : reflexões e sugestões a partir de uma experiência de ensino pela internet**. Disponível em: < [http://www.facom.UFBA.br/ciberpesquisa/txt\\_col1.htm](http://www.facom.UFBA.br/ciberpesquisa/txt_col1.htm) >. Acesso em: 24 abr. 2006.
- LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: 1-Tecnica e Linguagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1990.
- LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS)
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS)
- \_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Ed. 34, 1998. (Coleção TRANS)

LIMA JR., Arnaud Soares e PRETTO, Nelson. Desafios para o currículo a partir das tecnologias contemporâneas. In: PRETTO, Nelson (org.). **Tecnologias e novas educações**. Salvador: EdUFBA, 2005b.

LUBISCO, Lina Maria Lienert. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 2.ed.rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Chrysalis, Currículo e Complexidade: A perspectiva rítico-multireferencial e o currículo contemporâneo**. 2.ed. Salvador: EDUFBA, 2005

MACHADO, Elian de Castro e SÁ FILHO, Clóvis Soares. **O computador como agente transformador da educação e o papel do objeto de aprendizagem**. 2006. Disponível em: < <http://www.universiabrasil.net/materia/imprimir.jsp?id=5939>>. Acesso em: 12 mai. 2006.

MARINHO, Inezil Penna. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Cia Brasil, 1984.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naisy, 2003.

MEDINA, João Paulo Subirá. **Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. 21.ed. Campinas; SP: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_\_. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORAES, Denis de. **O concreto e o virtual**: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: Ed. DP&a, 2001.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 3. ed. Maria da Conceição de Almeida, Edgar de Assis Carvalho (org.). São Paulo: Cortez, 2005.

NASCIMENTO, Cláudio Orlando C. e MACEDO, Roberto S. Prefiro ser uma metamorfose ambulante: um elogio ao pensamento pedagógico complexo da formação de professores. In: **Revista da FAGED / Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia**. n. 0 (out.1994) – Salvador: Faculdade de Educação, 1994 –v.09 (2005). Suspensa, 1995.

NOZAKI, Hajime T. Mundo do trabalho, formação de professores e conselhos profissionais. In: FIGUEIREDO, Zenólia C.C. (org.). **Formação de Professores em Educação Física e Mundo do Trabalho**. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito, Educação Física brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana. Enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA FILHO, Ednaldo. **Educação Física**: limites da formação e exercício profissional. In: FIGUEIREDO, Zenólia C.C. (org.). **Formação de Professores em Educação Física e Mundo do Trabalho**. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROCHA, Thelma Brito. Currículo e tecnologias: refletindo o fazer pedagógico na era digital In: PRETTO, Nelson (org.). **Tecnologias e novas educações**. Salvador: EdUFBA, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1975.

\_\_\_\_\_. **Ensaio em Antropologia do Poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1991.

ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **A origem da linguagem**. Rio de Janeiro: Record, 2003

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos)

SANTOMÉ, Jurjo T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomás T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995 (Coleção estudos culturais em educação)

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. Por uma concepção muticultural de direitos humanos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e CAPINHA, Graça (orgs.). **Identidades - Estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 12. ed. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20.ed. São Paulo: Cortez. 1996.

SILVA; Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

\_\_\_\_\_. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

\_\_\_\_\_. Currículo e Identidade social: Territórios Contestados. In: SILVA, Tomás T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995 (Coleção estudos culturais em educação)

TAFFAREL, Celi, SANTOS JR, Cláudio de Lira. Nexos e determinações entre formação de professores de Educação Física e diretrizes curriculares: competências para quê? In: FIGUEIREDO, Zenólia C.C. (org.). **Formação de Professores em Educação Física e Mundo do Trabalho**. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.

TAFFAREL; Celi Nelza Z. Formação Profissional e diretrizes curriculares: do arranhão à gangrena. **Revista Universidade e Sociedade** (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior). Fev.2001.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna: Teoria Crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WILLIAMS, Raimond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitua, texto e hipertexto. In: XAVIER, Antonio Carlos (org), **Hipertexto Digitais: novas formas de construção do sentido**. 2.ED. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ZYLBERBERG, Tatiana P. A internet como uma possibilidade do mundo da (in)formação sobre a cultura corporal. In: BETTI, Mauro (org). **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003

## ANEXOS

### I. Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
 Faculdade de Educação - Programa de Pós-graduação em Educação  
 Linha de Pesquisa Educação, Cultura Corporal e Lazer  
 Grupo Mídia/Memória, Educação e Lazer  
 Mestranda: Bárbara Santos Ornellas

Caro Formando em Educação Física;

Considerando que estou desenvolvendo uma pesquisa ligada a área de formação de professores e novas tecnologias, no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, gostaria muito de poder contar com sua colaboração para a minha pesquisa. Sendo assim, peço que responda com sinceridade esse questionário. como forma de enriquecer e validar cientificamente o presente estudo.

Grata,  
 Bárbara Santos Ornellas.

#### A - DADOS PESSOAIS

Universidade em que estuda: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Já trabalha na área: sim ( ) não ( )

Em caso positivo cite os principais espaços de trabalho:

Academia ( )

Centro comunitários ( )

Escola ( )

Outros ( )

Clubes ( )

\_\_\_\_\_

#### B- QUESTIONÁRIO

1. Você costuma utilizar a Internet para fazer pesquisas para trabalhos acadêmicos?  
 sim ( ) não ( )
2. Seja para fazer pesquisas acadêmicas, para estudos pessoais ou para saber notícias na área de Educação Física/Ciência do Esporte, que *sites* você tem *sites* que mais freqüenta na Internet? Você poderia citá-los? (somente o nome, não necessita do endereço completo)  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
3. O que o leva a estudar através da rede mundial de computadores? (múltipla resposta)
 

Facilidade de achar os conteúdos ( )	Disponibilidade de computadores na Universidade que estuda ( )
Diversidade de conteúdos ( )	Textos prontos para pesquisa ( )
Comodidade ( )	Recursos que tornam a pesquisa atrativa ( )
4. Quais conteúdos relevantes a sua formação você busca e encontra na internet? (múltipla resposta)
 

Textos Acadêmicos ( )	Referências Bibliográficas ( )
Divulgação de cursos e eventos da área ( )	Aproximação com colegas da área ( )
Textos não acadêmicos tipo Blogs ( )	Informações sobre atualidades da área ( )

5. No seu curso, há alguma disciplina que trata de assuntos ligados a tecnologias, mídias e (ou) Internet?  
sim ( ) não ( )  
Caso positivo, o que foi relevante nessa disciplina para sua formação?  
( ) Conteúdos teóricos  
( ) Conteúdos técnicos  
( ) Indicações de como lidar Internet  
( ) Não foi importante na minha formação
6. Você já utilizou de *sítes* de relacionamento, como o ORKUT, para fazer algum tipo de pesquisa acadêmica na área de Educação Física ou Ciência do Esporte?  
sim ( ) não ( )  
Caso positivo, relate um pouco desta experiência.
- 
- 
- 

**Muito obrigada!!!**

## **II. SITES ANALISADOS.**

1. CBCE - <http://www.cbce.org.br/>
2. Nuteses - <http://www.nuteses.ufu.br/>
3. Saúde em Movimento - <http://www.saudeemmovimento.com.br/>
4. Scielo - <http://www.scielo.org/index.php?lang=pt>
5. Bireme - <http://www.bireme.br/php/index.php>
6. Boletim de Educação Física - <http://www.boletimef.org/>
7. Nou-Rau - <http://libdigi.unicamp.br/>
8. Saúde Total - <http://www.saudetotal.com/>
9. RBO - <http://www.rbo.org.br/>
10. CDOF - <http://www.cdof.com.br/>
11. Corpore - <http://www.corpore.org.br/>
12. Webrun - <http://www.webrun.com.br/home/index.php>
13. Abc da saúde - <http://www.abcdasaude.com.br/>
14. Alongamentos.com - <http://www.alongamentos.com/>
15. Body Systems - <http://www.bodysystems.net/>
16. Abeso - <http://www.abeso.org.br/>
17. CREF/CONFEEF - <http://www.confef.org.br/extra/corpo.asp>
18. Swim It up! - <http://www.swim.com.br/>
19. CBDA - <http://www.cbda.org.br/>
20. Revista Mackenzie - <http://www.mackenzie.br/editoramackenzie/revistas/edfisica/>
21. Lepel - <http://www.faced.UFBA.br/~lepel/>